Rádio comunitária, música e língua no povo ayuujk

Floriberto Vásquez Martínez

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Bruna Franchetto

Rio de Janeiro

Fevereiro 2013

Rádio comunitária, música e língua no povo ayuujk

Floriberto Vásquez Martínez

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada por:

____

Profa. Dra. Bruna Franchetto (Orientadora)
PPGAS/MN UFRJ

____

Prof. Dr. Carlos Fausto
PPGAS/MN UFRJ

____

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire
UNIRIO/UERJ

____

Prof. Dr. Marcio Goldman (suplente)
PPGAS/MN/UFRJ

____

Profa. Dra. Tânia Stolze Lima (suplente)
UFF

Rio de Janeiro

Fevereiro 2013

Vásquez Martínez, Floriberto

Rádio comunitária, música e língua no povo ayuujk/ Floriberto Vásquez Martínez. Rio de Janeiro: PPGAS-MN/UFRJ, 2013.

114 pp., ix pp.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS - Museu Nacional, 2013.

1. Antropologia Social. 2. Rádio comunitária. 3. Música, Língua ayuujk. I. Franchetto, Bruna (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS-Museu Nacional. III. Título.

A mi madre

A mi padre.

A mis hermanas, hermanos, sobrinas y sobrinos.

RESUMO

A pesquisa desenvolveu-se na comunidade de Tlahuitoltepec, Mixe, Oaxaca, México. O projeto tem como objetivo analisar o impacto da rádio denominada “comercial” entre os “povos originários” — especificamente entre o povo ayuujk — bem como dimensionar a contribuição da rádio comunitária Jënpoj para a permanência e a continuidade da música e da língua nativas. Realiza-se uma descrição da influência musical e linguística da rádio comercial entre os “povos originários”. Com isto pretende-se compreender a importância sociocultural da rádio comunitária Jënpoj de Tlahuitoltepec para a música e a língua ayuujk.

Palavras chave: Rádio comunitária; Língua ayuujk; Música.

ABSTRACT

The research had been developed in the community of Tlahuitoltepec, Mixe, Oaxaca, Mexico. The project objective is to know the impact of the “trade” radio on “native people”, specifically the Ayuujk people. As well the research wants to know the *Jënpoj* community radio’s capacity to contribute for the persistence and continuity of the native music and the native language. This study made a description of the musical and linguistic influence of the commercial radio on “native people”, the aim is to understand the *Jënpoj* community radio sociocultural importance of Tlahuitoltepec, in a relation with the Ayuujk music and the Ayuujk language.

Keywords: Community Radio; Ayuujk language; Ayuujk music

Em 1972, quando Karel Gott, cantor tcheco de música pop*, deixou o país, Husak teve medo. Escreveu-lhe imediatamente de Frankfurt (isso foi em agosto de 1972) uma carta pessoal, da qual cito um trecho literalmente, sem nada inventar:* "Prezado Karel, nós não lhe queremos mal. Volte, por favor. Por você, faremos tudo o que quiser. Nós o ajudaremos e você nos ajudará..."

Reflitam um instante sobre isto: Husak, sem pestanejar, deixou que emigrassem médicos, sábios, astrônomos, atletas, diretores de teatro, cameramen, operários, engenheiros, arquitetos, historiadores, jornalistas, escritores, pintores, mas não pôde suportar a ideia de Karel Gott deixar o país. Porque Karel Gott representava a música sem memória, essa música na qual estão enterrados para sempre os ossos de Beethoven e de Ellington, as cinzas de Palestrina e de Schönberg.

O Presidente do Esquecimento e o Idiota da Música formavam um par. Trabalham na mesma obra. "Nós o ajudaremos e você nos ajudará." *Não podiam ficar um sem o outro.*

(Milan Kundera. *O livro do riso e do esquecimento*)

SUMÁRIO

Lista de ilustrações

Introdução

Em 07 de agosto de 2001, uma rádio comunitária começou a operar na comunidade de Tlahuitoltepec, Oaxaca, México, por iniciativa de um grupo de jovens, com o apoio das pessoas mais velhas da comunidade que, há muitos anos, já haviam tido experiência na radiodifusão e que, de alguma forma, marcaram um antecedente na ideia de se criar uma estação de rádio naquela localidade. Desde então, como integrante desse grupo de jovens, tenho colaborado na rádio comunitária que, desde o início, foi denominada Rádio Comunitária Jënpoj.

De agosto de 2001 a agosto de 2002, ali conduzi um programa chamado “América Latina canta”, que consistia principalmente na divulgação dos diversos gêneros musicais dos povos originários da América Latina, com informações e comentários relacionados à vida do dia a dia da comunidade.

De 2004 a 2010, tive a oportunidade de participar de um programa de rádio na *Rádio Más*, emissora pública do estado de Veracruz, com sede em Xalapa. O programa visava à criação de espaços para a expressão e a difusão das “línguas originárias” deste mesmo estado. No entanto, foi paulatinamente se tornando um espaço de expressão de outras línguas, administrativamente localizadas em outros estados. Foi assim que me envolvi neste projeto, embora a língua ayuujk estivesse geopoliticamente localizada no estado de Oaxaca. No meu caso, o programa era realizado em língua ayuujk, abordando questões relacionadas com os conhecimentos próprios, com narrativas, festas etc. e enfatizando a importância da língua e da música dos povos originários.

Foram essas atividades que me permitiram visualizar temas a serem desenvolvidos durante a minha trajetória na graduação. Minha primeira experiência acadêmica nessa direção foi o desenvolvimento de meu trabalho final de graduação, relacionado à Rádio Jënpoj de Tlahuitoltepec, que consistiu na sistematização da experiência da comunidade de (auto)gestão para o estabelecimento de meios de comunicação — especialmente rádio e televisão — que respondessem às necessidades do povo ayuujk.

Esta colaboração permanente com a Rádio Jënpoj, que já dura dez anos, e experiências temporárias em outras rádios levaram-me a pensar e a tentar explorar questões como o tema relacionado à língua, à música e à mídia, que tenho agora a intenção de abordar como dissertação de mestrado.

***

Tlahuitoltepec é uma comunidade na qual se refletem as influências que os meios de comunicação eletrônicos (rádio, televisão, cinema, internet) podem exercer sobre os habitantes de um povoado. Assim, na comunidade, se pode ver nas paredes das pré-escolas motivos vistos na televisão, a reprodução das figuras de desenho animado nas paredes das salas de aula, nos cadernos de desenho dos alunos, nos quais o Tio Patinhas incentiva seu gosto pelo dinheiro, o jovem Bob Esponja navega no fundo do mar, o urso Winnie Pooh devora seu mel, Mickey (rato de duas patas, um dos ícones que representam o país vizinho, os Estados Unidos da América) perambula por aventuras incompreensíveis. Os alunos reproduzem incessantemente estas figuras, sem saber que fazem parte de uma invasão do mundo exterior. Talvez, com o tempo, descubram essa invasão cultural quando forem um pouco mais velhos, ou talvez se deixem levar por aquele mundo maravilhoso de onde vêm as caricaturas.

Tlahuitoltepec é um lugar onde os sinais de rádio e televisão comercial invadem todos os canais do espectro radioelétrico, onde as garotas comentam as últimas intrigas das telenovelas – ai daquela que não tem televisão! Não terá a menor ideia do que falam suas "amigas". Comunidade na qual três garotas te explicam que adotaram nomes de um desenho animado chamado "As Meninas Superpoderosas", por serem três meninas os personagens principais — portanto, o ideal seria se conformar em grupos de três amigas e cada uma adotar o nome de uma das personagens do desenho animado.

Tlahuitoltepec é também uma comunidade na qual os garotos e garotas carregam seus aparelhos de som portátil para ouvir as canções que os meios de comunicação comerciais elegem como *hit parade,* [1], modas e sucessos que, nos últimos anos, têm sido diversificados: a música grupera, a banda sinaloense, o reggaetón, o duranguense, o pop romântico etc.

[1] "Parada de sucessos": classificação dos lançamentos atuais, baseada em vendas e execuções radiofônicas, geralmente circunscrita a um período equivalente a uma semana; o álbum ou o single classificado no topo da lista é o n. 1. no Reino Unido. A primeira "parada de sucessos" surgiu em 1928 (a "lista de honra" da publicação *Melody Maker*). Nos Estados Unidos, a Billboard, a principal publicação especializada, lançou o "Network Song Census" em 1934. Rapidamente, essas listas tornaram-se a base para os programas de rádio dedicados ao "Hit Parade" (Shuker, 1999: 208).

Trata-se de um lugar onde os estebelecimentos de ensino pré-escolares e de ensino fundamental têm sido permeados pela música da moda, ditada pela rádio e pela televisão comercial, constantemente usada como se fosse música recreativa. Nestas escolas, os professores gostam de realizar alguma “atividade artística” com a música “hit parade”, seja para dançar, para cantar, para representação teatral ou, nas festas de fim de curso, para dançar a “valsa”.

Nesta comunidade também se costuma assistir a MTV (*Music Television*), cujo sinal chega de algum lugar longínquo, para se conhecer os ritmos e modas musicais, do mesmo modo como se assistem às televisões de canal aberto para se ficar a par das novidades musicais dos novos “artistas” (e não estou brincando quando falo em “artistas”), surgidos de alguma telenovela, de algum programa de entretenimento ou de um *reality show.* Ao viajar nos transportes coletivos, o passageiro terá que suportar a “ditadura” musical do motorista, que repetirá à exaustão sua música favorita no autorádio, música esta que invariavelmente será alguma daquelas que estão na moda.

***

Tlahuitoltepec também é uma das poucas comunidades originárias no México que opera e administra uma rádio comunitária falada em sua própria língua, o ayuujk. É uma das poucas comunidades que obteve autorização da Secretaría de Comunicaciones e Transportes (SCT) e da Comisión Federal de Telecomunicaciones (COFETEL) para operar seu meio de comunicação como rádio *permisionada*, uma das duas categorias de radiodifusão reconhecidas pelo Estado mexicano, sendo inexistente na Ley Federal de Rádio e Televisión (LFRTV) o reconhecimento da categoria rádio comunitária, o que dificulta a atribuição de autorizações de transmissão às mesmas.

Na América Latina, as rádios comunitárias encontram-se em condições incertas política e juridicamente. Por exemplo, se compararmos a situação das rádios comunitárias em países como México e Brasil, em ambos os países encontraremos desvantagens, limitações ou exclusões das mesmas nas legislações que regulam o uso do espectro radioelétrico.

No caso do México, a Ley Federal de Radio y Televisión (LFRTV), que regula o uso dos meios de comunicação, não reconhece a radiodifusão comunitária, mas tão somente as rádios privadas e públicas e, para que estas efetuem suas transmissões dentro do marco normativo, requerem *concessão* ou *permissão* respectivamente:

> Las estaciones comerciales requerirán **concesión**. Las estaciones oficiales, culturales, de experimentación, escuelas radiofónicas o las que establezcan las entidades y organismos públicos para el cumplimiento de sus fines y servicios, sólo requerirán **permiso** (México, LFRTV, 2012: Art. 13).

Até agora, a solução encontrada para autorizar transmissões de uma rádio comunitária consiste em lhe atribuir uma *permissão*, como no caso das rádios públicas. No entanto, por não existirem regras claras, as *permissões* alocadas às rádios comunitárias têm, de forma arbitrária, beneficiado alguns e discriminado outros. Além disso, aquelas que obtiveram *permissão* se viram submetidas às mesmas regras de uma rádio de caráter público.

No caso brasileiro, a Lei No 9.612, de 1998, de Serviço de Radiodifusão Comunitária reconhece legalmente as rádios comunitárias nos seguintes termos:

> Art. 1. Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.
>
> 1. Entende-se por **baixa potência** o serviço de radiodifusão prestado à comunidade, com potência limitada a um máximo de **25 watts** ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.
>
> 2. Entende-se por **cobertura restrita** aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila. (Brasil, Lei No 9.612, 1998: Art. 1)

Contudo, este texto revela somente as enormes limitações a que estão submetidas as rádios comunitárias no Brasil. Por exemplo, a potência autorizada limita-se a 25 watts, cada rádio somente podendo cobrir uma única comunidade, além de lhes serem atribuídas as mesmas frequências, como se pode ler no “Artigo 5” da mesma lei:

> O Poder Concedente designará, em nível nacional, para utilização do Serviço de Radiodifusão Comunitária, **um único e específico canal na faixa de frequência** do serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada (Brasil, Lei No 9.612, 1998: Art. 5)

Ambas as leis têm paradoxos. No México, apesar de as rádios comunitárias não terem um reconhecimento legal, algumas delas têm obtido *permissões*, daí que atualmente são cerca de 15 as rádios *permisionadas*.[2] Além disso, de algum modo, sua potência em watts não está limitada, tal como acontece no Brasil — no México, a rádio difusora comunitária com menor potência opera com 300 watts e a de maior potência, com 10 mil watts — onde somente 20 watts são autorizados.

[2] Do total das 15 rádios comunitárias, 13 são filiadas à Associação Mundial de Rádios Comunitárias-México, AMARC-México e duas são independentes, a Rádio Teocelo e a Rádio Huayacocotla, ambas localizadas no estado de Veracruz.

Outro detalhe é a atribuição de frequências em ambos os países. Talvez, por pura coincidência, as dependências que autorizam as *permissões* em ambos os países, atribuem as mesmas frequências a quase todas as rádios comunitárias. No caso do México, atribui-se a frequência de 107.9 MHz, FM, o que gera o risco de interferência entre as rádios no caso de seus sinais serem transmitidos em lugares próximos.

***

No México, os meios de comunicação foram sendo consolidados por volta da década de 30 e, desde seu surgimento, adotaram o modelo comercial iniciado nos Estados Unidos, modelo este que se tornou dominante no panorama nacional. Durante a mesma década, alguns governos começaram a criar meios de comunicação de caráter cultural e educativo — como por exemplo, a Rádio Educação e a Rádio UNAM — que são genericamente chamados de "meios públicos".

Na década de 60, surgiram algumas rádios comunitárias no país por iniciativa de organizações sociais e culturais, tais como a Rádio Teocelo e a Rádio Huayacocotla, localizadas no estado de Veracruz. Estas últimas conseguiram manter-se no ar apesar das condições adversas na política mexicana. Atualmente, elas constituem as rádios comunitárias com maior tempo de existência no México. Com o tempo, foram surgindo outras, mas não tiveram muita sorte, operando por certo tempo para depois desaparecerem, seja por questões técnicas ou por perseguição política, como ocorrido com a Rádio Ayuntamiento, em Juchitán, Oaxaca, que parou de operar devido à perseguição politica.

Por volta da década de 90, começaramm a surgir rádios comunitárias nas comunidades originárias que, de alguma forma, foram motivadas pela emergência do Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN), em 1994, em Chiapas. Desde então, os povos originários começaram a operar e a administrar seus próprios meios de comunicação falando em suas próprias línguas, difundindo suas músicas e expressando sua cultura.

A presente dissertação aborda o trabalho de uma das rádios comunitárias que surgiram alguns anos após o levante do EZLN, a Rádio Comunitária Jënpoj de Tlahuitoltepec, localizada na região Ayuujk, ao nordeste do estado de Oaxaca, México.

O trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, realiza-se uma descrição referencial do povo ayuujk, da localização geográfica do mesmo, bem como a descrição geográfica e monográfica da comunidade de Tlahuitoltepec.

No segundo capítulo, faz-se uma revisão dos momentos iniciais da rádio no México e em Oaxaca especificamente. Faz-se também uma avaliação da importância da emergência do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) para a abertura de novas perspectivas para os meios de comunicação nas comunidades originárias, além da descrição da criação e instalação de uma rádio indigenista operada pelo governo federal na serra norte de Oaxaca. Por último, realiza-se uma descrição histórica das origens e antecedentes da rádio comunitária Jënpoj de Tlahuitoltepec.

No mesmo capítulo, aborda-se a distribuição do espectro radioelétrico em nível nacional, isto é, a distribuição numérica dos meios de comunicação de acordo com os modelos radiofônicos identificados como comerciais, culturais/ educativos e comunitários.[3] Por fim, analisa-se o papel dos meios de comunicação na construção e fortalecimento do nacionalismo mexicano, bem como sua participação na produção e reprodução de oralidades e imagens racistas que prejudicam sobretudo os povos originários.

No terceiro capítulo, são descritas as ofertas radiofônicas tanto de rádios comunitárias, de rádios públicas quanto das rádios comerciais sintonizadas no território Ayuujk. Explora-se a existência (ou não) de espaços e programas radiofônicos que consideram a língua, a música e a cultura dos povos originários. Menciona-se também a influência que os meios de comunicação exercem sobre os âmbitos musicais e linguísticos das comunidades, bem como os prestígios ou desprestígios que vão sendo criados em torno a tais elementos, as perdas e os conflitos que tal situação gera no interior das comunidades — principalmente devido à incursão das rádios comerciais, difusoras de modelos musicais e linguísticos alheios às mesmas. Por último, descreve-se a importância das rádios comunitárias na reivindicação das expressões culturais, musicais e linguísticas das comunidades originárias.

[3] "Meios de comunicação comercial": é o modelo de comunicação predominante no México. Trata-se de estações de rádio e televisão operadas por empresários. A característica principal destes meios é a venda de publicidade, a criação e comercialização de sucessos musicais. Seu princípio é de rentabilidade comercial. "Meios públicos" (culturais/ educativos): são meios de comunicação administrados e operados pelos governos dos estados. Têm objetivos educativos, sociais e culturais. "Meios de comunicação comunitários": são meios de comunicação construídos a partir de interesses coletivos, por organizações populares, camponesas, operárias, indígenas. Reivindicam o direito humano da liberdade de pensamento e de expressão. As rádios comunitárias pretendem ser úteis nos aspectos social, cultural, educativo, musical e linguístico às comunidades a que servem.

O desenvolvimento do trabalho centrou-se na rádio comunitária Jënpoj, da comunidade de Tlahuitoltepec, mas também foram realizadas visitas e entrevistas — mencionadas nas considerações finais — a outras rádios comunitárias do estado de Oaxaca, como Estéreo Comunal, de Guelatao de Juárez, Rádio Nhandiá, de Mazatlán Villa de Flores e Rádio Totopo, de Juchitán de Zaragoza, rádios comunitárias com contextos similares aos da rádio Jënpoj, isto é, difundidas em zonas de cobertura nas quais há falantes de outras línguas, distintas ao castelhano, e formas particulares de expressão musical. Foram também visitadas as rádios comunitárias pioneiras no México, a Rádio Teocelo e a Rádio Huayacocotla, no estado de Veracruz. Contudo, devido a algumas dificuldades encontradas, não foi possível conhecer as rádios comunitárias das comunidades autônomas de Chiapas, com experiência e trabalho centrados na música e língua dos povos originários desta região.

***

Segundo Reyes Gómez (2005), as grafias e realizações fonéticas da língua ayuujk são as seguintes:[4]

a) Grafias vocálicas:

A língua ayuujk conta com nove grafias vocálicas: a, ä, e, ë, i, o, ö, u, ü.

É importante mencionar que o número de vogais pode variar de uma comunidade para outra. Sendo assim, na grande maioria das comunidades da “Zona Baixa”, como Guichicovi, são encontradas seis vogais, nas comunidades da “Zona Média” e algumas da “Zona Alta” se encontram sete, e na área de Totontepec, na “Zona Alta”, nove.

Realização fonética das vogais:

ä [ɔ] ~ [æ]
ë [ə]
ö [o]
ü [ɨ]

b) Grafia das consoantes

[4] Para os interessados na escritura ayuujk, há ampla informação disponível no seguinte link: www.isia.edu.mx/institucional/publicaciones/doc_details/6-reyes-juan-c-2005-aportes-al-proceso-de-ensenanza-de-la-lectura-y-escritura-de-la-lengua-ayuujk

Em relação à grafia das consoantes, a língua ayuujk tem quatorze: p, t, k, x, ts, m, n, w, y, j, ’, l, r, s.

É preciso esclarecer que as grafias “l, r, s” aparecem em pouquíssimas palavras da língua. Não obstante, considera-se necessário incluí-las no alfabeto da língua.

Realização fonética das consoantes:

w [w] ~ [v] ~ [b] ~ [f]
x [ʃ]
’ [ʔ]

Formas palatalizadas das consoantes:

Tsy [tʃ]
ny [ɲ]
ty [tsy] ~ [tʃ] ~ [ty]
wy [vy]
xy [ʃ]
yy [y]
’y [ʔy]

c) A ordem alfabética

A ordem alfabética das grafias vocálicas e consonantais da língua ayuujk pode ser a seguinte: a, ä, e, ë, i, j, k, l, m, n, o, ö, p, r, s, t, u, ü, w, x, y, ’ .

A “ts”, sendo ainda uma única grafia consonantal na língua, foi evitada por razões práticas, esperando que todas as palavras que comecem com ela possam ser consideradas na letra “t”.

Capítulo 1

O povo ayuujk e Tlahuitoltepec

Para começar, gostaria de dizer que o termo "povo" (*volk*) é aqui utilizado no sentido de região cultural e linguística específica (Seyferth, 2007) — talvez também de resistência — diferenciada principalmente da ideia de nação mexicana como um país homogêneo. "Povo", mas sem confundi-lo com a noção de Estado-Nação, porque isso já implicaria a homogeneização das diversidades culturais, políticas e linguísticas existentes, como geralmente se faz no México onde, ao se falar em "povo mexicano", se apaga e exclui a diversidade. A opção pelo termo "povo" se deu por ser o mais próximo do conceito de *Ayuujk* [ay*u:hk*] do *Pujx Käjp* [puhʃ kɔhp] que expressa a ideia de regiões, territórios e naturezas múltiplos, com culturas e línguas diversas e distintas da nação mexicana. Como se costuma dizer:

> … somos los propios [Pueblos Originarios] los responsables de recuperar y dinamizar nuestra identidad como Pueblos y como comunidades, sin caer en el juego de las palabras "ensuciadas" política y académicamente de "grupos", "minorías", "etnias", etcétera (Díaz Gómez, 2007: 30).

Mencionado isto, podemos falar agora do "povo ayuujk",[5] que se estende num território localizado na zona nordeste do estado de Oaxaca, no sudeste de México (Mapa 1).

1.1 *Ayuujk Jää'tyë* ou *II'pyxyukpët Jää'tyë*: O povo ayuujk

O povo ayuujk é composto por cerca de 486 comunidades, que se encontram distribuídas por 19 municípios (INEGI, 2010): Jëkyupäjkp (Cacalotepec), Tuknëë'm (Tamazulápam), Epytsykyëjxp (Mixistlán), Kutsëko'm (Cotzocón), Mëjtëk'äm (Guichicovi), Kënkë'm (Juquila Mixes), Amäjktstu'äm (Mazatlán), Minytsyä'äm (Camotlán), Kun'aa'tsp (Quetzaltepec), Tëxykyë'm (Ocotepec), Tukyo'm (Ayutla), Nääp'ëkypy (Alotepec), Kumujkp (Tepantlali), Xaamkëjxp (Tlahuitoltepec), Nëpa'äm (Atitlán), Uk Kupäjkp (Ixcuintepec), Pujxkëjxp (Tepuxtepec), Mikyëjxp (Zacatepec), Anykyupäjkp (Totontepec). A maioria destes municípios forma parte do chamado "Distrito Mixe"; à exceção de Kënkë'm (Juquila Mixes),

[5] Em castelhano, diz-se "Pueblo Mixe". No exterior, ele é geralmente conheciso como "Region Mixe" ou "os Mixes".

que pertence ao Distrito de Yautepec e Mëjtëk'äm (Guichicovi), que pertence ao Distrito de Juchitan (Mapa 2).

O povo ayuujk é formado por 139.206 pessoas, o que representa 4% do total de 3.801.962 habitantes no estado de Oaxaca. Por outro lado, do total da população com três anos ou mais, 117.935 são falantes da língua ayuujk, o que, em nível estadual, representa 10% do total de 1.203.150 falantes de "alguma língua indígena" no estado de Oaxaca (INEGI, 2010). No que diz respeito ao bilinguismo da população ayuujk de três anos ou mais, vejamos os dados da tabela abaixo:

Total de falantes de ayuujk	Homens	Mulheres	Fala espanhol	Não fala espanhol	Não especificado
117.935	56.105	61.830	89.300	27.659	976

Fonte: INEGI. *Censo de Población y Vivienda 2010: Tabulados del Cuestionario Básico*

***

A Região Ayuujk tem uma extensão territorial de 5.719,51 km^2 (INEGI, 2010). Está limitada ao norte pelo distrito de Choapam, ao nordeste, pelos municípios de Juan Rodríguez Clara e San Juan Evangelista, ambos do estado de Veracruz. A leste, faz fronteira com o distrito de Juchitan; ao sul, com os distritos de Tehuantepec e Yautepec; a sudoeste, com o distrito de Tlacolula e, por último, a noroeste, com o distrito de Villa Alta (Mapa 3).

Esta região também é conhecida como "Sierra Mixe", termo que faz referência a seu relevo montanhoso e à população que nela habita. A "Sierra Mixe" faz parte da orografia da "Sierra Madre Oriental", região montanhosa que se estende desde o sul do rio Bravo, no norte de Coahuila, até a planície do Istmo de Tehuantepec, em Oaxaca. Neste último estado, a extensão desta corrente montanhosa recebe o nome de "Sierra Madre de Oaxaca" ou "Sierra Norte" conformada pelas também conhecidas "Sierra Mazateca, Sierra Juárez e Sierra Mixe". (Fotos 1, 2, 3, 4 e 5).

Em relação à Região Ayuujk, existem várias montanhas com caráter sagrado e mítico, as mais conhecidas e importantes, pelo menos na zona alta, sendo o Ii'pyxyukp (Cempoaltepetl), Täxujts kojpk (Morro da Mulher Dormida), Kuppoop'äm (Morro Branco) e Tsa'ajx'äm o tsa'ajxkojpk (Morro Coscomate) (Fotos 6, 7, 8 e 9).

O povo ayuujk divide-se em três zonas, determinadas a partir das condições orográficas e climáticas: a Zona Alta, que se caracteriza por ser de clima frio; a Zona Média, de clima temperado; e a Zona Baixa, de clima quente (Mapa 4).

Nos povos da Zona Alta produz-se milho, feijão, abóbora e frutas como pêssego, pera, *capulín*, *tejocote*, ameixa, maçã, entre outros. Algumas comunidades dedicam-se também ao cultivo de *maguey* (planta agavácea) para a produção de *pulque* (bebida alcoólica fermentada), ou de *agave* para a produção de *mezcal* (bebida alcoólica destilada). Outros dedicam-se ainda à produção de bebida fermentada a partir da cana de açúcar.

Os povos da Zona Média são produtores de café por excelência, sendo exportadores do grão para outros povos da região, para a capital do estado e para o exterior. Dedicam-se também à produção de frutas para o mercado regional, tais como laranja, banana (das diversas espécies), goiaba, graviola, murici, *zapote* (*Diospyros digyna*), entre outros; bem como ao cultivo de milho branco e amarelo. Pode-se dizer que se trata de uma zona fértil, com boas condições de produção das diferentes espécies de alimentos.

Os povos da Zona Baixa, ou da Terra Quente, dedicam-se à produção de frutas como laranja, limão, tangerina, mamão, manga, banana (das diversas espécies), coco, abacaxi, melancia, melão, murici, milho (em grande escala), arroz, trigo etc. Cultivam também cana de açúcar para as usinas açucareiras e já há três décadas dedicam-se à produção pecuária extensiva.

***

Por outra lado, no exterior, os Ayuujk Jää'y [ayu:hk hɔ:ʔy] são conhecidos como Mixes, falantes da língua mixe. No entanto, ao que parece, trata-se de uma denominação surgida a partir das relações com os povos vizinhos, em especial com os Zapotecos do Istmo, da Serra e do Vale. Especula-se que esta palavra tenha surgido do vocábulo *mijxy*, ou *mejxy* [mihʃ/mehʃ] (depende da variante) que, no castelhano, se refere a "homem, garoto", ao qual os povos vizinhos adicionaram o plural "es", denominando-os Mixes [miʃes]. Existe outra hipótese, na qual se afirma tratar-se de uma alteração do mesmo vocábulo, surgida devido à incapacidade dos espanhóis de pronunciar corretamente a palavra.

No entanto, os Mixes, em sua própria língua, chamam-se a si mesmos de Ayuujk Jää'y, Ayuuk Jaa'y, Ayuk Ja'y, ou Ayöök Jaa'y (depende da variante da língua). Para

especificá-lo ainda mais, às vezes, se autodenominam II'pyxyukpët Jää'y [iːʔpʃukpət hɔːʔy] ou povo do Cempoaltepetl.[6]

O vocábulo *ayuujk* pode ser analisado nos morfemas "idioma, boca", *yuujk, yuuk, yuk, yöök* "floresta, montanha". O vocábulo *jää'y*, *jaa'y*, o, *ja'y,* por sua vez, traduzido ao castelhano, refere-se a "humano, gente". Assim, pode-se dizer que os Ayuujk Jää'y são "gente da língua da floresta, gente da língua da montanha". Poeticamente, costuma-se dizer "gente da língua florida".

Daí que a forma correta de chamá-los é Ayuujk Jää'y, Ayuuk Jaa'y, Ayuk Ja'y, o, Ayöök Jaa'y, falantes da língua *ayuujk*, ou, do *ii'pyxukpët Ayuujk.*

Esta língua, o *ayuujk*, linguisticamente classifica-se dentro do tronco *mixe-zoque*, junto com as línguas *zoque* e *popoluca*, que se distribuem pelos estados de Oaxaca, Chiapas e Veracruz (Mapa 5).

No caso específico da língua *ayuujk*, considera-se possuir cinco grandes variantes dialetais: 1) *Ayuujk* de Totontepec; 2) *Ayuujk* de Mixistlán; 3) *Ayuujk medio y bajo del norte*; 4) *Ayuujk alto del sur, medio y bajo del norte* e 4) *Ayuujk bajo* (CEA-UIIA, 2006: 57) (Mapa 6).

A língua *ayuujk* faz parte do grupo das 16 línguas com mais de 100 mil falantes. Em ordem decrescente, ocupa o décimo terceiro lugar dentre as línguas mais faladas no México, sendo antecedida pelas línguas *náhuatl, maya, mixteco, tseltal, zapoteco, tsotsil, otomí, totonaco, mazateco, ch'ol, huasteco, chinanteco,* que antecedem as línguas *mazahua, tarasco/purépecha* e *tlapaneco* (INEGI 2010) (Mapa 7).

As línguas que têm entre 20 e 100 mil falantes são as seguintes: *tarahumara, zoque, tojolabal, amuzgo, huichol, chatino, mayo, chontal* de Tabasco, *popoluca de la sierra, tepehuano del sur, triqui* e *cora* (idem) (Mapa 8).

As línguas que têm menos de 20 mil falantes são: *popoloca, huave, yaqui, cuicateco, pame, mam, q'anjob'al, tepehua, tepehuano del norte, chontal de* Oaxaca, *chuj, chichimeco jonaz, guarijío, awakateko, q'eqchi', matlatzinca, sayulteco, lacandón, pima, chocholteco/chocho, seri, tlahuica/ocuilteco, jakalteko, kickapoo, k'iche', kumiai,*

[6] *Cempoaltépetl* é uma palavra em língua *náhuatl* que, em castelhano, pode ser traduzida como "veinte cerros".

texistepequeño, paipai, ixcateco, pápago, cucapá, qato'k/motocintleco, kaqchikel, ixil, teko, oluteco, kiliwa e *ayapaneco* (idem). Estas línguas pertencem ao grupo daquelas consideradas como vulneráveis ou em risco de extinção (Mapa 9).

A situação das línguas no México é variável, tanto podem ser encontradas línguas vitais como línguas em risco de extinção. Aquela com maior número de falantes é o *náhuatl* com mais de 1,5 milhões, e a com menor número é o *ayapaneco*, com quatro. A primeira representa uma das línguas com maior vitalidade, enquanto a segunda é emblemática da outra realidade: as línguas em risco de extinção.

No México, há 6.913.362 (seis milhões novecentos e treze mil trezentos e sessenta e dois) falantes de línguas originárias. Oaxaca é o segundo estado, após Chiapas, no qual residem mais falantes de línguas originárias, somando cerca de 1.203.150 falantes (um milhão duzentos e três mil cento cinquenta) (INEGI, 2010). É um dos estados com maior diversidade linguística, onde se falam 16 línguas distintas: *zapoteco, mixteco, mazateco, ayuujk (mixe), chinanteco, chatino, triqui, huave, náhuatl, cuicateco, zoque, amuzgo, chontal, ixcateco, chocho* e *pochuteco*.

1.2 *Xaamkëjxpët*: Tlahuitoltepec

O território

Dentro do povo Ayuujk encontra-se o Município de Xaamkëjxpët (Tlahuitoltepec) (Foto 10); localizado a nordeste da cidade de Oaxaca, capital do estado de mesmo nome. Tlahuitoltepec faz parte da chamada zona alta da região Ayuujk, localizada entre os paralelos 17°03’ e 17°10’ de latitude norte; os meridianos 95°58’ e 96°09’ de longitude oeste; seu território ocupando altitudes entre 1.000 e 3.400 metros acima do nível do mar.

Faz limite ao norte com os municípios de Epytsykyëjxp (Mixistlán de la Reforma) e Anykyupäjkp (Totontepec Villa de Morelos); a leste, com os municípios de Anykyupäjkp (Totontepec Villa de Morelos), Nëpa’äm (Santiago Atitlán) e Tuknëë’m (Tamazulápam del Espíritu Santo); ao sul, com os municípios de Tuknëë’m (Tamazulápam del Espíritu Santo) e Tukyo’m (San Pedro y San Pablo Ayutla); a oeste, com os municípios de Tukyo’m (San Pedro y San Pablo Ayutla) e Epytsykyëjxp (Mixistlán de la Reforma) (INEGI, 2008) (Mapa 10).

No território municipal habitam 9.663 pessoas. Destas, dentre a população de 3 anos e mais, 8.872 são falantes da língua ayuujk. Este dado representa 8% do total de 117.935 falantes da língua na região (INEGI, 2010). Com isto, pode-se dizer que, tanto na comunidade como na região, a principal língua de comunicação é a ayuujk, mesmo que seu uso seja proibido nas escolas, escritórios e outras instituições oficiais do Estado mexicano que funcionam na localidade.

A (cosmo)política

A comunidade, bem como todo o povo ayuujk, se articula e organiza sob um sistema político próprio, diferente do "imaginado" sistema político democrático ocidental, atualmente reconhecido (ainda que o conceito seja inadequado) como "sistema de usos e costumes" — sistema político este geralmente considerado como de segunda categoria, como sistema que ainda não se elevou à democracia *autêntica*, como dizem os conhecedores da política de Estado.

Tlahuitoltepec é um município organizado a partir da prefeitura, com *autoridades* como qualquer outro município em território mexicano. A diferença essencial e fundamental consiste no fato de se organizar sob um sistema de assembleia de *comuneros* visando designar suas autoridades, isto é, as eleições não se realizam através de partidos políticos (como acontece na maioria dos municípios do México). Neste caso, em Tlahuitoltepec, as eleições ocorrem numa assembleia geral.

Qualquer pessoa da comunidade pode desempenhar algum cargo de *autoridade*, exercido de forma honorária. A única coisa que ganham, no caso de realizarem bons trabalhos durante sua gestão, é o reconhecimento no interior da comunidade. É de responsabilidade de um *comunero* desempenhar um cargo de *autoridade*.

A opção pela palavra *cosmopolítica* justifica-se pelo fato de as autoridades constantemente terem de entrar em contato com o território *sagrado*, especificamente, a montanha sagrada. E isto tem de ser feito no começo da gestão. A política não pode ser feita sem a naturezaà qual se pede sabedoria política, bem estar para o povo, respeito e harmonia. A *cosmopolítica* é fundamento para a autodeterminação, em oposição à política partidária, que quer se impor com seu discurso de democracia.

Na comunidade há um conceito para designar as pessoas que exercem os cargos de autoridade: *kutunk*. A palavra *kutunk* é formada pelos morfemas “ku” + “tunk”. O morfema “ku” refere-se a uma coisa que está “na cabeça” ou “à frente”, mas também a uma “razão de existência”, “existência do humano” que “transcende” a partir de uma coisa mais abrangente. A palavra “tunk” refere-se a trabalho, mas trabalho este que não tem uma finalidade monetária, referindo-se antes ao trabalho coletivo para benefício coletivo, sistema que ainda sobrevive e é imprescindível na organização social dos povos.

As escolas

Em Tlahuitoltepec existem várias escolas, desde o nível básico até o ensino superior. Há 13 escolas de ensino pré-escolar, 11 de ensino fundamental (de 1º a 6º ano), uma escola de Educación Especial-Centro de Atención Múltiple (CAM), sete de educação secundária (7º a 9º ano), uma de ensino médio, uma TV-escola de ensino médio, um instituto tecnológico, uma universidade e uma escola de música. Além disso, há também os serviços do Instituto Nacional para la Educación de los Adultos - INEA, e as escolas rurais do Consejo Nacional para el Fomento Educativo - CONAFE. A maior concentração de escolas ocorre no centro da localidade administrativa.

Os trabalhos

As pessoas têm ocupações múltiplas e diversas. A maioria dedica-se ao trabalho com a terra para o cultivo de alimentos básicos como milho, feijão, abóbora e batata. Outros são trabalhadores da construção civil, seja na comunidade, seja em comunidades vizinhas, em outras regiões ou cidades. Há os que são diaristas agrícolas, geralmente se deslocando por temporadas em direção às grandes plantações de tomate, algodão, entre outros cultivos agrícolas, localizados nos estados da região centro e norte do México como Puebla, Tlaxcala, Sinaloa e Coahuila. Há também as empregadas domésticas, sendo principalmente as mulheres jovens que realizam estes trabalhos, que geralmente as obriga a migrar para diferentes cidades do país em busca de emprego. Há também professores de nível básico até o ensino superior, alguns trabalhando na própria comunidade e outros fora dela. Há ainda pessoas que trabalham como motoristas, outros são comerciantes, entre outras ocupações desempenhadas na comunidade ou fora dela, neste caso, em outras regiões ou cidades do México. A migração para os Estados Unidos em busca de trabalho é bastante recente na região.

A viagem

Os habitantes das regiões alta e média do território ayuujk geralmente viajam para a Cidade de Oaxaca; os da região baixa viajam com maior frequência para Juchitán, Matías Romero, Tuxtepec ou Playa Vicente, Veracruz.

As pessoas de Tlahuitoltepec geralmente se deslocam para a capital, seja por necessidade, para fazer negócios, por prazer ou como rota de passagem obrigatória para viajar a outras cidades. De Tlahuitoltepec para a cidade de Oaxaca e da cidade de Oaxaca para Tlahuitoltepec, a viagem pode ser feita utilizando-se "vans" ou táxis coletivos oferecidos na comunidade.

De Tlahuitoltepec a Oaxaca a viagem dura cerca de três horas, passando por outras comunidades da região Ayuujk, como Tamazulapam e Ayutla, por comunidades da região Zapoteca, como Santa María Albarradas, San Bartolo Albarradas, Zompantle, até se chegar ao vale de Mitla, para em seguida continuar por Tlacolula e O Tule para finalmente chegar à cidade de Oaxaca.

Os que viajam mais longe, quer dizer, da cidade de Oaxaca para a Cidade do México têm duas opções de transporte em ônibus. A primeira delas é viajar em ônibus convencional, um serviço econômico, mas cuja desvantagem é a de poder durar até dez horas, já que realiza um percurso por rodovia convencional. Contudo, se a viagem é realizada durante o dia, o viajante poderá conhecer a biodiversidade e as paisagens existentes pelo trajeto, atravessando, por exemplo, os cactos de região mixteca, a paisagem vulcânica da serra negra e do vale de México.

A segunda opção é viajar de ônibus executivo. Nesta última, o percurso entre a Cidade de Oaxaca e a Cidade do México é feito em cerca de cinco horas e meia, mas a viagem é um pouco monótona para aqueles que gostam de admirar as paisagens, já que se utiliza uma rodovia expressa, que evita passar por comunidades e cidades menores para tornar mais rápido o percurso. Nesta segunda modalidade, o viajante só poderá observar os grandes morros cortados pela metade, morros mutilados que outrora ofereciam paisagens exuberantes.

Capítulo 2

Rádio e povos originários

No México, as primeiras rádios foram se estabelecendo a partir do início do século XX, especialmente em sua capital, a Cidade do México. Em seguida, começaram a se espalhar por diversas cidades principais do território mexicano.

No México, a rádio emergiu em sua forma *experimental* em 27 de setembro de 1921. Na Cidade do México, foi fabricado o primeiro aparelho com o qual foi feita a transmissão de um breve programa nas instalações do "Teatro Ideal", na Cidade de México, para associá-la e fazer com que fosse ouvida no "Teatro Nacional de Belas Artes" (CIRT, on-line).[7]

Em 9 de outubro de 1921, na cidade de Monterrey, foi inaugurada a primeira estação de rádio, inicialmente chamada de "emissora CYO, posteriormente reconhecida como XEH" (Rádio mexicana, on-line).[8] Esta estação de rádio marcou o modelo de radiodifusão no México, no qual um particular é seu proprietário, operando, administrando e comercializando o serviço.

Em relação à radiodifusão em Oaxaca, registra-se que por volta de 1922 ali tentou-se estabelecer uma estação de rádio de caráter cultural. A tentativa fracassou, uma vez que as transmissões mostraram-se bastante deficientes. Posteriormente, entre 1936-1940, o governo do estado de Oaxaca adquiriu sua difusora, conhecida como "El Eco del Sur", uma das primeiras rádios com enfoque cultural (STIRT-Oaxaca, on-line).[9] Em 25 de maio de 1941 surgiram as rádios do tipo comercial, sendo fundadas a "XEAX" e a "XEAR", em suas frequências de 1270 de onda longa e curta, conformando a corrente de emissoras de rádio oaxaquenhas (idem.).

[7] www.cirt.com.mx/portal/index.php/cirt/historia/historia-cirt
[8] http://www.radiomexicana.mx/historia.html
[9] http://www.stirtoaxaca.com/historia-de-la-radio-y-tv.html

2.1 Rádio e o Exército Zapatista de Libertação Nacional

O processo de apropriação dos meios de comunicação pelos povos originários vem a ganhar mais força a partir de 1994, com a emergência do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em Chiapas. A partir de então, o tema dos meios de comunicação foi colocado em debate, um dos questionamentos fundamentais girando em torno da função que a rádio, a televisão e a imprensa mexicanas teriam desempenhado após a segunda metade do século XX em relação à sociedade como um todo, mas principalmente em relação aos povos originários.

Os questionamentos foram abordados no que se chamou de "Foro Nacional Indígena", realizado em San Cristóbal das Casas, Chiapas, em janeiro de 1996, e convocado pelo EZLN, pelos povos originários e por outras organizações sociais. Num trecho do documento das conclusões da mesa 6 sobre "Direitos e cultura indígenas" diz-se o seguinte:

> Los medios de comunicación no sólo ayudan a que la ideología racista y dominante se reproduzca entre todos los mexicanos, sino que también atacan directamente a las comunidades al transmitir programas musicales y valores culturales totalmente ajenos a la vida de los pueblos (Ce-Acatl, 1996: 63).

A apropriação dos meios de comunicação pelos povos originários é de suma importância para a criação de meios de comunicação com conteúdos contextualizados às próprias comunidades, que de alguma forma ajudariam a esvaziar a influência dos meios de comunicação existentes, que se avalia desempenharem um papel cultural e linguístico negativo para os povos em questão.

Há uma proposta para o estabelecimento dos meios de comunicação entre os povos originários e para a responsabilização do estado mexicano de garantir sua livre operação, como expressa o seguinte parágrafo:

> Las formas de propiedad, organización y funcionamiento de los medios de comunicación al servicio de las comunidades indígenas serán definidas y decididas por los propios pueblos. Estos medios tendrán la libertad de operar a nivel local, regional, nacional y en su caso supranacional de manera libre y legal […] Al mismo tiempo que se hace necesario que se garantice, a nivel constitucional, el derecho a la comunicación inalienable e imprescriptible para todos los ciudadanos, organizaciones y grupos sociales del país y, en particular, para los pueblos indígenas (Ce-Acatl, 1996: 51, 55).

Estas e outras propostas têm sido importantes na história dos meios de comunicação no México e se, na atualidade, rádios comunitárias são operadas em diversas comunidades originárias, isto não pode ser pensado como um processo isolado dos movimentos políticos que os próprios povos vêm realizando, e não só desde 1994, mas antes mesmo, ainda que, sem dúvida, tenham ganhado força nos últimos anos, a partir da emergência do EZLN.

2.2 A rádio na Serra Norte de Oaxaca

Em relação às regiões de Oaxaca, em especial a Serra Norte, não foi senão em princípios da década de 1980, por meio de um movimento social dos povos da Serra, que surgiu uma demanda pelo estabelecimento de uma rádio que cobrisse a região. A ideia do estabelecimento da rádio visava:

> … por un lado, en llenar un hueco informativo que, por diferentes motivos, no había podido cubrir la televisión, la prensa y la radio. Por otro, adecuar un canal de expresión a la problemática concreta de un medio indígena que se caracteriza por su marginación económica, política y social (SCRI, 2012).

O argumento era o de que, na região, somente se captavam três estações radiofônicas, XEOA, XEAX e RPO (com uma recepção muito deficiente), que provinham da Cidade de Oaxaca, bem como a Televisión de la República Mexicana (TRM) com cobertura nacional, mas igualmente contando com um sinal de baixa qualidade. Tais meios de comunicação não ofereciam qualquer possibilidade de acesso aos indígenas serranos, reproduzindo o esquema tradicional-unidirecional na comunicação e limitando os ouvintes de rádio e telespectadores a uma atitude passiva (idem.).

A necessidade de criação de uma rádio difusora na região norte de Oaxaca foi proposta ao Instituto Nacional Indigenista (INI) [10], instância do governo federal responsável por "atender as necessidades" dos povos originários, que já contava com alguma experiência na radiodifusão uma vez que em 1979 estabelecera a primeira rádio difusora indigenista na comunidade de Tlapa de Comonfort,[11] na serra do estado de Guerreiro.

[10] Instituição atualmente chamada de Comisión Nacional Para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas (CDI).
[11] XEZV La Voz de la Montaña. O projeto da Radiodifusora foi executado no marco do Plano Nacional para Zonas Depreciadas e Grupos Marginalizados, conhecido como COPLAMAR, e como parte do Plano de Desenvolvimento Integral da Montanha do estado de Guerrero. No dia 10 de março de 1979 é inaugurado o XEZV, La Voz de la Montaña. A partir dos anos de 79 – 80 de alguma forma são geradas as bases do modelo de comunicação que o INI teria de desenvolver nos anos seguintes (http://ecos.cdi.gob.mx/xezv.html).

Após o longo processo de gestão iniciado em 1980, em 1989 os serranos finalmente conseguiram que o então INI financiasse a compra do rádio transmissor para o funcionamento da estação de rádio. Como diz Martínez Luna (trabalho não publicado) “este proceso es muy interesante, no por ser comunitaria, sino por haber sido gestión de las propias comunidades”, ao contrário do estabelecimento de outras rádio difusoras indigenistas, cujo local de implantação é definido pelo INI.

Em 21 de março de 1990, a rádio difusora “XEGLO - La Voz de la Sierra” dá início às suas transmissões. Atualmente sua transmissão se dá no 780 da banda de Amplitude Modulada, com 10.000 watts de potência (ERP), com capacidade de cobertura para os povos Mixe, Zapoteco e Chinanteco, sendo operada e administrada pela Comisión Nacional Para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas-(CDI) (SCRI, 2012).

2.3 A rádio em território ayuujk: Rádio Comunitária Jënpoj

Com a expansão e talvez o menor custo das novas tecnologias de comunicação, os povos originários têm mostrado grande interesse em incorporá-las em sua vida e comunidade. Por exemplo, primeiro deu-se a incorporação dos primeiros transistores em algumas comunidades, o que, no início, gerou grande curiosidade e questionamentos, em seguida, começaram a chegar outros aparelhos como os rádio-gravadores e também a televisão. No entanto, os sinais de rádio e televisão vinham de algum lugar estranho, longínquo, mas viu-se neles uma potencialidade, uma possível utilidade. Ao se receber o sinal de alguma rádio surgia também a inquietude para saber como seria ouvir uma rádio que estivesse na região, na comunidade.

Na Região Ayuujk, a inquietude pelos meios de comunicação remonta ao final da década de 1970 e início da de 1980, com a emergência de organizações sociopolíticas na região. A mídia foi pensada como instrumento para lutar contra as agressões sociais, políticas e ambientais de que estavam sendo vítimas os povos da região Ayuujk devido às ações do estado mexicano.

De início, as organizações e comunidades se focaram principalmente na defesa de seu território. Em seguida, começaram a impulsionar ações voltadas para dinamizar a vida ayuujk,

acreditando que os meios de comunicação poderiam ser úteis para os propósitos culturais, sociais e políticos se fossem operados e administrados pelos próprios habitantes, de acordo com a sociocosmologia ayuujk.

Estas ideias encontram-se registradas em diversos documentos redigidos pelas primeiras organizações de *comuneros*, especialmente o Comité de Defensa de los Recursos Naturales, Humanos y Culturales Mixes (CODREMI).

O CODREMI foi conformado em 1979, sendo precursor e uma referência para outros movimentos e organizações sociais da Região Ayuujk. Desta organização inicial e fundamental, começaram a surgir outras, com objetivos e ações específicas. O CODREMI impulsionou projetos voltados para a obtenção de transmissores de rádio e televisão, seus integrantes considerando que tais meios poderiam contribuir para a defesa contra as agressões provenientes do exterior.

Em 1980, durante um encontro de *Organizaciones Indígenas Independientes* realizado na Cidade do México, representantes de organizações, entre eles os da CODREMI, manifestaram a imprescindibilidade dos meios de comunicação, rádio, televisão e imprensa escrita para os povos originários, realçando sua importância na difusão das problemáticas por eles vivenciadas, como o menciona o seguinte parágrafo:

> Con raíces inmemoriales, en los pueblos indígenas se ha sostenido una constante lucha de resistencia, fundada en las propias tradiciones, lenguas y formas comunales de trabajo y convivencia diaria […] Pero ahora, en diversas comunidades se ha comprendido que no basta la resistencia, sino que a la defensa de nuestras culturas y recursos hay que sumar el esfuerzo por su desarrollo. [Por eso] valoramos altamente el papel de los medios de comunicación en la difusión de las problemáticas que vivimos, porque consideramos de vital importancia que el resto de la sociedad tenga una imagen fiel de nuestra realidad. Para nosotros, la inclusión de una nota en el periódico [...] significan actos de solidaridad con la lucha de las comunidades indígenas del país (Encuentro de Organizaciones Indígenas Independientes, 1980).

Este documento esclareceu o que se esperava dos meios de comunicação, fornecendo as bases para que os movimentos sociais dos povos originários incluíssem em suas agendas políticas a luta para obtenção de um meio de comunicação próprio, e sua utilização para a difusão de sua música, sua língua e outras expressões culturais.

Outro documento, agora mais contextualizado nas Serras Ayuujk e Zapoteca de Oaxaca, foi aquele elaborado por três organizações: a Organización en Defensa de los Recursos Naturales y Desarrollo Social de la Sierra Juárez (ODRENASIJ), o Comité

Organizador y de Consulta para la Unión de los Pueblos de la Sierra (CODECO) e o Comité de Defensa y Desarrollo de los Recursos Naturales, Humanos y Culturales Mixes (CODREMI). No referido documento, as organizações expressavam o que esperavam dos meios de comunicação. Em primeiro lugar, deveriam mostrar respeito para com os povos originários. Por outro lado, há também a menção à necessidade de que os povos se apropriem e operem os meios de comunicação de forma autônoma, como mostra a seguinte citação:

> ∗ Integrar los avances de la tecnología y ciencias modernas para la dinámica de nuestra vida comunitaria.
>
> ∗ Por el logro de los medios de comunicación […] al servicio de nuestras necesidades e intereses comunales y de los sectores populares más necesitados.
>
> ∗ Por el respeto a nuestras creencias y prácticas espirituales tradicionales que constantemente son agredidas [especialmente] por los medios de comunicación masiva (ODRENASIJ, CODECO y CODREMI, 1982).

Como já feito anteriormente, volto a enfatizar a necessidade de se colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses sociais das comunidades ayuujk. Estas últimas identificam uma agressão aos povos originários proveniente especialmente da rádio e da televisão. Por estes e por outros motivos, elas procuram ter meios de comunicação próprios para compartilhar sua própria realidade.

***

A ideia de contar com meios de comunicação torna-se mais recorrente no final da década de 1990 e início da seguinte. Esta iniciativa foi fortemente apoiada pelas autoridades municipais e agrárias de Tlahuitoltepec, encarregadas de dar atenção e continuidade às propostas da comunidade.

No documento do Plan Comunal de Desarrollo Sustentable (PLACODES), elaborado por iniciativa da Autoridad Municipal e Agrária de 1999-2001 de Tlahuitoltepec, propõem-se, dentro da temática de desenvolvimento social, os seguintes pontos em relação aos meios de comunicação:

> ∗ Establecer una radiodifusora cultural y educativa
>
> ∗ Gestionar la repetidora de canal nueve de televisión de Oaxaca
>
> ∗ Establecer un canal de televisión; Establecer [servicio de] comunicación por Internet y correo electrónico, así como el sistema Educación por Satélite-EDUSAT (PLACODES, 1999-2001).

Outro acontecimento importante para a comunicação radiofônica na região foi o Foro de Evaluación del Impacto de la Radiodifusora XEGLO, la Voz de la Sierra[12] entre los años 1990 al 2000, realizado em duas ocasiões em Tlahuitoltepec: nos dias 21 de outubro e 11 de novembro de 2000, do qual participaram autoridades municipais, responsáveis por centros de produção radiofônica, organizações e instituições educativas ayuujk, *comuneros* e fãs de rádio. Durante as duas ocasiões do encontro foram analisadas as condições de operação e capacidade de cobertura de tal rádio difusora, no documento final sendo expresso que:

> [Debido a] la baja calidad, la falta de infraestructura material y equipo humano necesario, así como la insuficiente potencia de transmisión y cobertura actual de la emisora XEGLO hacia las comunidades mixes, son factores que afectan a la elección de la estación por parte de la audiencia, de por sí, mínima. Cabe hacer hincapié en los programas existentes, los cuales, en su mayoría, no tienen relación con la realidad comunitaria, es decir, no hemos sido sujetos de nuestra propia comunicación, porque los contenidos son elaborados desde una cabina de grabación, utilizando esquemas teóricos de producción radiofónicas ajenos al contexto indígena, pero dentro del contexto indigenista. [Y es por eso que], conscientes de la importancia de los medios de comunicación, los participantes en este Foro, coincidimos en la necesidad de establecer una radiodifusora Ayuujk, con cobertura regional, que permita fortalecer la comunicación mixe entre nuestras comunidades, así como con otros pueblos indígenas, potenciando el uso y difusión de nuestra lengua materna, la creatividad artística cultural y el ámbito productivo social (Voces de la Esperanza Ayuujk, 2000).

Na avaliação do referido evento, as autoridades ayuujk, comunicadores e organizações sociais opinam que, apesar da existência de uma rádio difusora mais ou menos próxima ao povo ayuujk — a XEGLO — ela não responde às necessidades comunicativas da região, sua cobertura sendo insuficiente e seu esquema de funcionamento regido por critérios alheios às comunidades. Ou seja, ela atende antes aos interesses indigenistas do Estado mexicano. As autoridades e comunicadores consideram imprescindível uma rádio difusora na região Ayuujk que funcione de acordo com os princípios das comunidades, estando próxima das pessoas e não vinculada aos interesses oficiais ou governamentais.

Continuando a seguir uma ordem cronológica, há outro documento, datado de 2001, através do qual as autoridades municipais de Tlahuitoltepec encaminharam uma solicitação à

---

[12] XEGLO, la Voz de la Sierra, rádio difusora pertencente ao Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas (SRCI), operada e administrada pelo governo federal através da Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas (CDI), transmitindo a partir de Guelatao de Juárez, na serra norte de Oaxaca. Suas transmissões foram iniciadas em 21 de março de 1990, no 780 do quadrante, em Amplitude Modulada, tendo, inicialmente, 5.000 watts de potência, contra 10.000, atualmente.

Secretaría de Comunicaciones y Transportes de Oaxaca[13] (SCT) e ao Governo Federal. No documento manifesta-se o seguinte:

> Los Mixes (Ayuujk Jää'y en su propia lengua), un pueblo enclavado en el noroeste de Estado de Oaxaca, han manifestado la necesidad de tener una radio y una televisión indígena para comunicarse en su mismo idioma y promover su cultura […] Por tal motivo ante estas necesidades de una comunicación más estrecha entre las comunidades del Pueblo Mixe, se hace llegar esta solicitud para que sean atendidas a la brevedad posible en la compra del equipo necesario y la autorización del permiso correspondiente (H. Ayuntamiento Constitucional, 2001).

Os documentos citados demonstram a persistência e a insistência do povo ayuujk, em especial da comunidade de Tlahuitoltepec, em estabelecer e operar seus próprios meios de comunicação. O desejo dos Ayuujk Jää'y de possuir meios de comunicação tem sido uma demanda histórica que data ao menos da década de 1980. Também é preciso mencionar que entre os aspectos ou fundamentos que regeram, ou regem, a luta por meios de comunicação, seja rádio ou televisão, estão:

- En los medios de comunicación existentes se atenta contra la cultura, la identidad y la vida Ayuujk.
- Es una herramienta fundamental para hacernos escuchar y escucharnos.
- Es un medio de defensa y de comunicación para proteger nuestro territorio, nuestra autonomía y nuestra cultura.
- A través de ella podemos compartir, comprender, expresar nuestras vidas tanto entre nosotros mismos como Pueblo Ayuujk como hacia los akäts[14] y dar paso así a la tolerancia entre las diversidades.
- Si tenemos nuestros propios medios de comunicación tendremos espacios de difusión, de claridad en la información, de abrir y permitir el diálogo por medio de la radio (PLACODES, 1999-2001).

No entanto, apesar das constatações e reiteradas solicitações por parte das autoridades de Tlahuitoltepec, a resposta das autoridades competentes — nessa ocasião, a Secretaría de Comunicaciones y Transportes (SCT), foi quase sempre negativa. O estabelecimento dos

[13] A Secretaría de Comunicaciones y Transportes (SCT) é um organismo do governo federal mexicano que, segundo o artigo 36 da Ley Orgánica de la Administración Pública Federal (LOAPF) lhe "corresponde el despacho de los siguientes asuntos: I.-Formular y conducir las políticas y programas para el desarrollo del transporte y las comunicaciones de acuerdo a las necesidades del país; II.- Regular, inspeccionar y vigilar los servicios públicos de correos y telégrafos y sus servicios diversos; conducir la administración de los servicios federales de comunicaciones eléctricas y electrónicas y su enlace con los servicios similares públicos concesionados con los servicios privados de teléfonos, telégrafos e inalámbricos y con los estatales y extranjeros; así como del servicio público de procesamiento remoto de datos. III.- Otorgar concesiones y permisos previa opinión de la Secretaría de Gobernación, para establecer y explotar sistemas y servicios telegráficos, telefónicos, sistemas y servicios de comunicación inalámbrica por telecomunicaciones y satélites, de servicio público de procesamiento remoto de datos, estaciones radio experimentales, culturales y de aficionados y estaciones de radiodifusión comerciales y culturales; así como vigilar el aspecto técnico del funcionamiento de tales sistemas, servicios y estaciones", entre outras funções (México, LOAPF, 2012: 27).

[14] *Akäts* é um termo que se refere às pessoas de fala castelhana, aos mestiços.

meios de comunicação na comunidade *sempre ficou no ar* (como metaforicamente se diz). Se, da perspectiva oficial, havia vários motivos para não se autorizar permissões para que as comunidades operassem suas próprias estações de rádio ou canais de televisão, entre o povo ayuujk houve criatividade suficiente para tornar realidade este sonho, mesmo sem permissão oficial.

***

Após estes antecedentes históricos, chega a vez da Rádio Jënpoj, cuja nova etapa começa em 2001, momento em que alguns jovens, estudantes, profissionais e *comuneros* ayuujk se organizaram para criar uma oficina de rádio na comunidade de Tlahuitoltepec. A mesma foi ministrada por alguns jovens procedentes da Cidade do México que, já a algum tempo, vinham trabalhando em "rádios alternativas". Ainda que não fossem propriamente "gente ayuujk" coincidiam na ideia de que, nos dias de hoje, os meios de comunicação são fundamentais para a vida dos povos originários e que todos podem e devem expressar seus pensamentos e palavras. A finalidade da oficina de rádio foi a de se apropriar da tecnologia proveniente do exterior para adequá-la à vida comunal, tendo em mente que a sociedade mundial transforma-se vertiginosamente, razão pela qual os meios de comunicação são imprescindíveis, sendo aqueles que "ejercen una influencia cada vez más decisiva en la orientación social, política y cultural en nuestras sociedades" (Documento Jënpoj, 2002).

Após a oficina, foi realizada a primeira transmissão experimental com um transmissor de 30 watts de potência, com o qual se conseguiu cobrir a maior parte do espaço territorial de Tlahuitoltepec e alguns povoados vizinhos.

Com este transmissor, foi possível trabalhar durante um ano, até que ocorreu um incidente que marcou um antes e depois na história da rádio e o começo de um novo processo de luta: a incursão violenta do exército mexicano e da Secretaría de Comunicaciones y Transportes nas instalações que ocupavam visando confiscar o equipamento de transmissão. Isto ocorreu precisamente dois dias antes do primeiro aniversário da rádio. O governo justificou sua ação violenta argumentando que a Rádio Jënpoj era pirata, clandestina, ilegal etc., uma vez que operava sem a permissão outorgada pelo Estado mexicano para a utilização das frequências de rádio.

Após este incidente, o “coletivo” que se encontrava à frente do movimento, juntamente com as autoridades municipais e agrárias da comunidade de Tlahuitoltepec, deu início a um processo de gestão junto à SCT visando à legalização da estação de rádio. Durante este tempo, evidenciou-se a inexistência de uma legislação de radiodifusão que permitisse aos povos originários operar seus próprios meios de comunicação.

No entanto, após três anos de gestão e o cumprimento de burocracias que pareciam eternas, a Rádio Comunitária Jënpoj conseguiu converter-se em uma rádio, obtendo em 6 de dezembro de 2004 permissão para transmitir no 107.9 Mhz de frequência modulada com 1.000 Watts de potência, reiniciando suas transmissões quase no final de 2005. Dessa forma, conseguiu-se dar continuidade à radiodifusão iniciada em 2001.

No entanto, é preciso que se diga que operar com a “categoria” rádio comunitária no território Ayuujk tem trazido uma série de desvantagens e contradições mais do que benefícios, tanto para a emissora quanto para a própria região. A exigência feita pela Ley Federal de Radio y Televisión às rádios comunitárias traz consigo consequências políticas negativas para as comunidades, sobretudo porque, a partir de então, as mesmas se veem obrigadas por lei a “transmitir as mensagens” dos governos federal e estadual. Por exemplo, a rádio Jënpoj é obrigada a transmitir propaganda dos partidos políticos, imposição feita pelo Instituto Federal Electoral (IFE) a todas as rádios legais existentes no país, sem levar em conta que existem outras formas de se fazer política e que essa disposição vai contra as formas de organização interna dos povos, que nada têm a ver com o sistema de partidos políticos no qual se baseia o sistema democrático.

***

A Rádio Jënpoj constitui uma recapitulação da história do povo ayuujk, que resguardou cuidadosamente a palavra *ayuujk*, o *II’pyxyukpët Ayuujk*, “a língua da montanha das vinte divindades”. O projeto Jënpoj é motivado por esta palavra, com a esperança de que através dos meios de comunicação se reivindique seu uso público, reconstrua-se o prestígio das línguas dos povos, neste caso o ayuujk, para que sejam revalorizadas e utilizadas pelas próprias comunidades (Vásquez García, 2007).

Nomear a rádio na própria língua é uma ação importante, consistindo na adequação e adaptação de um elemento que provém do exterior para contextualizá-lo conforme a vida

ayuujk. A palavra *jënpoj* é um termo composto pelos vocábulos *jëën* e *poj*. *Jëen* é "fogo, energia" e *poj*, "vento". Sua tradução ao português seria "vento-fogo". Contudo, neste contexto em particular, a palavra *jënpoj* deve ser entendida em sentido poético e metafórico, para expressar "ventos de fogo", "o fogo e a palavra". Neste sentido, "fogo" é pensando em um sentido transcendental e não literal. "Fogo" como parte dessa tecnologia que a humanidade inventa para fazer transmitir sua voz e sua música. "Vento", não só aquele que se respira, senão também aquele que se escuta, se sintoniza. Vento que transporta palavras, vozes, ideias, sentimentos, música etc. Vento que, além de fonte de vida, é também fonte para a comunicação, meio para espalhar as ideias que se quer comunicar.

A Rádio Jënpoj atualmente abrange cerca de dez municípios da região Ayuujk, entre eles: Tamazulapam, Ayutla, Atitlan, Totontepec, Cacalotepec, Tepantlali, Quetzaltepec, Mixistlan, Tlahuitoltepec e Tepuxtepec, e também algumas comunidades da região Zapoteca de Valles Centrales como Santa María Albarradas, San Lorenzo Albarradas, Santo Domingo Albarradas e comunidades Zapotecas de la Sierra Norte do "Sector Cajonos", como San Pedro e San Francisco Cajonos, entre outras (Mapa 11).

2.4 Distribuição do espectro radioelétrico no México

Antes de revisar a distribuição do espectro radioelétrico, visando a uma melhor compreensão da temática, será necessário abordar alguns termos que têm sido usados neste trabalho, tais como radiodifusão, rádio ou televisão *concesionada* ou *permisionada*. As definições ou classificações aqui registradas baseiam-se na Ley Federal de Radio y Televisión (LFRTV) do México.

O primeiro conceito a ser abordado é o de *radiodifusão*. A Ley Federal de Radio y Televisión entende por serviço de radiodifusão "aquél que se presta mediante la propagación de ondas electromagnéticas de señales de audio o de audio y video asociado, haciendo uso, aprovechamiento o explotación de las bandas de frecuencias del espectro radioeléctrico atribuido por el Estado precisamente a tal servicio" (LFRTV, 2012: Art. 2)

Também se estabelece que, para “el uso, aprovechamiento o explotación de las bandas de frecuencias del espectro radioeléctrico para prestar el servicio de radiodifusión sólo podrá hacerse previos concesión o permiso que el Ejecutivo Federal otorgue en los términos de la presente ley” (Idem: Art. 2).

No México, identificam-se dois tipos de meios de comunicação: por um lado, os que são *concesionados* e, por outro, os que são *permisionados*. Estes últimos, por sua vez, podem se classificados de acordo com a sua “naturaleza y propósito [que] podrán ser: comerciales, oficiales, culturales, de experimentación, escuelas radiofónicas o de cualquier otra índole” (Idem: Art.13).

Nesse sentido, especifica-se que “las estaciones comerciales requerirán concesión, [mientras que] las estaciones oficiales, culturales, de experimentación, escuelas radiofónicas o las que establezcan las entidades y organismos públicos para el cumplimiento de sus fines y servicios, sólo requerirán permiso” (Idem: Art.13).

Pelo que podemos entender, as concessões são exclusivamente outorgadas a empresas ou a associações que poderão “usar comercialmente [los] canales de radio y televisión, en cualesquiera de los sistemas de modulación, de amplitud o frecuencia” (Idem: Art. 14). As permissões, por sua vez, são outorgadas às “estaciones oficiales [de las] dependencias de la Administración Pública Federal Centralizada, a Entidades Paraestatales,[15] a los gobiernos estatales y municipales y a las instituciones educativas públicas” (Idem: Art 21-A) que poderão usar os canais de rádio e televisão para fins culturais e/ou educativos, sem fins comerciais ou lucrativos.

Em resumo, ao falar em meios de comunicação *concesionados*, nos referimos aos meios de comunicação *comerciais*; os meios de comunicação *permisionados* remetem, por sua vez, àqueles *culturais e/ou educativos*.

***

Após esclarecer estas ideias, abordaremos brevemente a distribuição do espectro radioelétrico no México. De acordo com os dados fornecidos pela Comisión Federal de

[15] Algumas das entidades paraestatais são: a Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas, a Comisión Nacional de los Derechos Humanos, a Procuraduría Agraria, a Procuraduría Federal del Consumidor, a Agencia de Noticias del Estado Mexicano, Petróleos Mexicanos, o Instituto Mexicano del Seguro Social, o Instituto de Seguridad y Servicios Sociales de los Trabajadores del Estado, o Instituto del Fondo Nacional de Vivienda para los Trabajadores, o Instituto de Seguridad Social de las Fuerzas Armadas, o Instituto Nacional de las Mujeres etc. (Ley Federal de las Entidades Paraestatales, 2012).

Telecomunicaciones (COFETEL),[16] organismo responsável pela regulação da radiodifusão no México, existem ao todo 2.108 estações de rádio, *concesionadas* e *permisionadas*, em AM e FM, como se pode ver na seguinte tabela:

	Rádios Comerciais	Pública (cultural/educativa)	Rádios Indigenistas	Rádios Comunitárias	Total de estações
Total nacional	1.713	395	29	15	2.108
Oaxaca	49	38	4	4	95

Em nível nacional, há 395 estações de rádio *permisionadas* (públicas, indigenistas e comunitárias) e 1.713 *concesionadas* (comerciais). As primeiras representam 19% do total e as segundas, 81% *(*Tabela 1, Gráfico 1*)*. Com base nestes dados, podemos ver que existe uma concentração dos meios de comunicação em sua forma *concesionadas*, isto é, de uso comercial.

Das 395 rádio difusoras *permisionadas*, 29 são rádios indigenistas que representam 1,38% do total e 15 são rádios comunitárias *permisionadas* operadas por organizações sociais ou comunidades originárias, representando 0.71% do total nacional (Gráfico 2). Todas as rádios indigenistas e algumas das rádios comunitárias transmitem em uma ou mais línguas originárias.

Em relação a Oaxaca, há um total de 95 estações de rádio, o que em termos nacionais representa 4,5% do total da radiodifusão. Das 95 rádio difusoras, 46 são *permisionadas* e 49 são *concesionadas* (Quadro 2). Aparentemente, não existe muita diferença entre o número de estações *cultural/educativas* e *comerciais.* No entanto, ela se verifica na potência em watts. A potência máxima da rádio *permisionada* em Oaxaca é de 20.000 watts, operada pelo governo do estado, ao passo que a rádio *concesionada* dispõe de até 50.000 watts, sendo propriedade da Asociación de Concesionarios Independientes de Radio (Grupo ACIR), uma das maiores empresas de radiodifusão comercial no México. Esta característica é o que determina o nível de cobertura que pode chegar a ter uma rádio e, neste caso, ela é visivelmente mais favorável para a rádio comercial do que para as *permisionadas*.

---

[16] A Comisión Federal de Telecomunicaciones (COFETEL) é o órgão administrativo descentrado da Secretaría de Comunicaciones y Transportes (SCT), encarregado de regular, promover e supervisionar o desenvolvimento eficiente e a cobertura social ampla das telecomunicações e da radiodifusão no México, em conformidade com a Ley Federal de Telecomunicaciones publicada no Diario Oficial de la Federación, em 7 de junho de 1995, e derivado das reformas na Ley Federal de Radio Televisión. (COFETEL, on-line).

É relevante mencionar que, das rádios *permisionadas*, no estado de Oaxaca, existem quatro rádio difusoras do Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas (SRCI), operadas pela CDI,[17] todas na faixa AM, e quatro rádio difusoras comunitárias *permisionadas*: duas no Vale de Oaxaca, uma na Serra Mazateca e outra na Serra Ayuujk, todas na faixa FM.

Há também uma rádio universitária operada pela Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca-UABJO em A.M., uma estação pertencente ao Instituto Mexicano de la Radio-IMER, em F.M, outra operada pelo Club Deportivo Social y Cultural Cruz Azul, em F.M., e cerca de 30 rádios *permisionadas* operadas pelo governo do estado de Oaxaca através da Corporación Oaxaqueña de Radio y Televisión (CORTV).

2.4.1 Rádio, música e línguas

O panorama nacional em relação à difusão e à programação das músicas e línguas originárias nas rádios legais do país não é o que se espera ver numa nação que, em sua “carta magna”, declara ser pluricultural,[18] já que nenhum meio de comunicação *concesionado* (comercial) contempla em sua programação a música e a língua dos povos originários, e somente alguns meios de comunicação *permisionados* (culturais/ educativos) transmitem programas que difundem músicas e línguas originárias.

Segundo Castells i Talens (2006), “ninguno de los canales comerciales de televisión emite programación en lenguas indígenas y menos del 2% de las radios legales del país contienen programación asidua en lenguas originarias” (Castells i Talens, 2006: 35), o que dá a entender que cerca de 98% das rádio difusoras existentes no país transmitem sua programação única e exclusivamente em língua castelhana. 2% das rádios que contemplam programação em línguas originárias estariam representados por algumas rádios *permisionadas* — as indigenistas e comunitárias — e 98% das rádios que não apresentam qualquer programação nas línguas originárias estariam representadas tanto por rádios *permisionadas* como por *concesionadas*.

---

[17] Uma característica relevante do Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas (SRCI) da CDI é a de se localizar exclusivamente nas regiões dos povos originários, diferentemente das rádios comunitárias, que se encontram tanto nas comunidades originárias como nas urbes.

[18] A nação tem uma composição pluricultural originalmente sustentada em seus povos indígenas, descendentes de populações que habitavam o atual território do país ao se iniciar a colonização e que conservam suas próprias instituições sociais, econômicas, culturais e políticas, ou parte delas (Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos, 2012: Art. 2º.).

Entre as rádios *permisionadas* que dedicam suas programações às línguas dos povos originários, se encontram 20 estações de rádio indigenistas do Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas (SRCI), administradas e operadas pela CDI, que representam 1,38% do total de estações de rádio em nível nacional. Trata-se da única corrente de rádio no âmbito nacional especialmente focada na transmissão das línguas e músicas dos povos originários. Atualmente, estas estações de rádio transmitem em 34 das 68 línguas existentes no México.[19]

Dentre as outras rádios *permisionadas* que também transmitem seus programas em uma ou várias línguas originárias, estão algumas rádios comunitárias localizadas em regiões habitadas pelos povos originários. Algumas das mais importantes são a Rádio Huayacocotla, em Veracruz, transmitida em Náhuatl, Totonaco, Tepehua e Otomí; a Rádio Nhandiá, em Oaxaca, transmitida em Mazateco; a Rádio Jënpoj em Oaxaca, transmitida em Ayuujk e; a Rádio Uandarhi em Michoacán, transmitida em P'urepecha.

As rádios comunitárias *permisionadas* representam 0,71% do total das 2.108 estações de rádio em nível nacional, mas nem todas transmitem em línguas originárias, tão somente aquelas mencionadas no parágrafo anterior. Existem algumas rádios públicas, governamentais ou culturais/ educativas que dedicam algum tempo de sua programação às línguas dos povos originários, entre as quais podemos mencionar: a Rádio Educação, a Rádio do Governo do Estado de Veracruz e a de Chiapas, entre outras, ainda que esta inclusão seja esporádica ou mínima.

O mesmo acontece com a música. Com base nos dados fornecidos pelo COFETEL sobre a distribuição de rádios *permisionadas* e *concesionadas*, pode-se calcular que somente 19% das estações de rádio dedicam algum espaço à emissão de programas com música dos povos originários. Tendo em mente que as *permisionadas* dedicam, em geral, algumas horas de sua programação à música dos povos originários, seja durante a semana ou mês, se esperaria ao menos que estas rádios transmitissem programas com música da região na qual são ouvidas.

Em 81% das estações de rádio, isto é, a totalidade das rádios comerciais, as emissões de programas com música dos povos originários estão totalmente ausentes. Este tipo de rádio

---

[19] As 34 línguas transmitidas pelas estações do Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas (SRCI) são: amuzga, ayuujk, ch´ol, chatina, chinanteca, cora, cuicateca, guarijía, hñähñú, huichola, mame, maya, mayo, mazahua, mazateca, mexicanero, mixteca, náhuatl, otomím, p'urhépecha, pame, poptí (jacalteca), tarahumara, tének, tepehuana, tlapaneca, tojolabal, totonaca, triqui, tzeltal, tzotzil, yaqui, zapoteca e zoque.

dedica-se exclusivamente a transmitir programas de música comercial,[20] músicas em espanhol e em inglês. Há até mesmo algumas que transmitem mais música em inglês do que em espanhol. Não existe qualquer regulação sobre elas que as obrigue a transmitir programas com conteúdos culturais ou educativos, muito menos alguma regulação que as obrigue a transmitir programas que contemplem a diversidade musical e linguística do México.

***

Passando para o âmbito mais local, no estado de Oaxaca, há seis estações de rádio legalizadas com título de *permisionadas* que transmitem em uma ou várias línguas originárias.

Quatro dessas rádios *permisionadas* que transmitem em uma ou mais línguas originárias pertencem ao Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas da CDI: XETLA-A.M., La Voz de la Mixteca no 930 KHz., de Tlaxiaco, Oaxaca, transmitem nas línguas mixteca e triqui; XEGLO-A.M, La Voz de la Sierra Juárez no 780 KHz, de Guelatao de Juárez, transmite nas línguas zapoteca, mixe e chinanteco; XEOJN-A.M., La Voz de la Chinantla no 950 KHz., de San Lucas Ojitlán, transmite nas línguas mazateca, cuicateca e chinanteca e; XEJAM-A.M, La Voz de la Costa Chica no 1260 KHz., de Santiago Jamiltepec, Oaxaca, transmite nas línguas mixteca, amuzgo e chatino.

As outras duas rádios *permisionadas* que transmitem em uma ou mais línguas originárias são as rádios comunitárias XHTFM-F.M., Radio Nhandiá no 107.9 MHz., de Mazatlán Villa de Flores, Oaxaca, uma rádio comunitária mazateca que transmite em língua mazateca e XHJP-F.M., Radio Jënpoj 107.9 MHz., de Tlahuitoltepec, Oaxaca, uma rádio comunitária ayuujk que transmite em língua ayuujk.

Para além das seis estações de rádio com título de *permisionadas* que transmitem em uma ou mais línguas originárias, no estado de Oaxaca, encontramos outras rádios que dedicam suas atividades e transmissões à língua e à música dos povos originários. Trata-se

---

[20] De modo distinto à maioria dos produtos de consumo que podem ser definidos como bens físicos ou serviços específicos, a produção e a comercialização da música adotam diferentes formas. A música comercial pode ser comprada e vendida como um produto tangível — por exemplo, como gravações sonoras em vários formatos, ou como obras impressas, tais como as partituras musicais. Pode adotar a forma de um serviço, como o fornecido pelos músicos que atuam para um público. Mas a música também pode ser comercializada como direitos de autor, já que consiste numa forma de propriedade intelectual, seu uso estando subordinado ao pagamento de direitos de reprodução e difusão – os direitos de gravação, de representação, radiodifusão, transmissão por cabo ou satélite etc. (Throsby, 1999).

das rádios comunitárias, livres ou alternativas que não contam com licença de *permisionadas* por parte do governo mexicano. Ou seja, são rádios que se encontram fora da (suposta) legalidade outorgada pelo Estado mexicano por meio da Comisión Federal de Telecomunicaciones (COFETEL), para que as estações de rádio operem dentro das normas que regem a radiodifusão. No entanto, este tipo de rádio – as comunitárias – é dos poucos a operar com enfoque cultural ou educativo nas comunidades ou cidades, promovendo o uso das próprias línguas das comunidades e elaborando programas que levam em conta as expressões musicais dos povos originários.

Em Oaxaca, não se tem uma cifra exata de quantas rádios comunitárias, livres ou alternativas, operam sem autorização legal da COFETEL, mas estima-se que existam mais de 50 rádios comunitárias, e que pelo menos 20 delas estejam transmitindo em alguma das línguas originárias existentes no estado.

Dentre as rádios que dedicam suas atividades à difusão das línguas e da música dos povos estão a Estéreo Comunal, que transmite em Guelatao de Juárez na Sierra Norte de Oaxaca; a Rádio Totopo, que transmite em Juchitán de Zaragoza na região do Istmo de Oaxaca; a Rádio Maíz, que transmite em San Juan Tabaá na Sierra Norte de Oaxaca; a Rádio Ikoots de San Mateo del Mar; a Rádio Aire Zapoteco em Santa María Yaviche, entre outras. A maior limitação para estas rádios comunitárias, livres ou alternativas, é a potência de transmissão que não supera sequer os 300 watts, motivo pelo qual sua cobertura é sempre ínfima.

2.5 Meios de comunicação, nacionalismo e racismo no México

Nos parágrafos seguintes, pretende-se realizar um apanhado da relação entre os meios de comunicação e os povos originários. Os meios de comunicação (dos dominantes) são considerados parte dessa estrutura de elite que difunde e promove o nacionalismo mexicano em detrimento da imagem, da palavra e da música dos povos originários. Em parte, são responsáveis pela continuação do racismo[21] em relação aos povos originários, ao emitir

[21] Esta realidade torna necessária a utilização de um conceito que descreva as atitudes discriminatórias e preguiçosas dos meios de comunicação e da sociedade dominante para com os povos originários. Como menciona Castellanos Guerrero (2003), a imprensa é, indubitavelmente, um espaço de racismo a partir do qual se difundem estereótipos e estigmas atribuídos

conteúdos que denigrem a palavra, a imagem, a música e as formas de vida dos povos originários nos programas radiofônicos e televisivos. O racismo no México atual não é mais do que a continuação do racismo surgido na colônia, só que agora propalado pelos meios de comunicação e marcado pela bandeira do nacionalismo mexicano.

Segundo Pineda (2003):

> [La] tesis número uno del racismo […] es la existencia de razas. Sin esa premisa, en la argumentación racista sería incoherente postular la superioridad/inferioridad racial. La segunda tesis es que existe una jerarquía única de valores, un patrón para medir las diferencias y jerarquizar a los grupos, conforme al cuál se podrían emitir juicios universales sobre las poblaciones racializadas: juicios biológicos, estéticos, jurídicos, psicológicos, morales etc. Tercera tesis es la continuidad entre lo natural y lo sociocultural. Para el pensamiento racista "la división natural" del mundo en razas corresponde a una división sociocultural, igualmente definitiva, y hay una relación causal entre ambas: las diferencias naturales determinan las diferencias socioculturales; aunque también se ha propuesto invertir tal relación (Pineda, 2003: 252).

Nas palavras do autor, de fato "las razas no existen en la naturaleza humana, sino que son clasificaciones jerárquicas arbitrarias, formaciones históricas imaginarias del poder" (idem), No entanto, a ideia de inferioridade/superioridade prevalece no pensamento e na atuação da sociedade mexicana, isto é, em alguns estratos sociais — incluídos os (donos dos) meios de comunicação —que discriminam os membros de sociedades originárias por sua língua, por sua vestimenta, por sua música, por sua aparência ou pelo simples fato de pertencer a algum povo originário.

Ao nos referirmos ao racismo, pretendemos revelar a relação existente entre os meios de comunicação e os povos originários. Os primeiros têm servido à sociedade *mestiza*[22]-*mexicana* no fortalecimento do "nacional", do "mexicano". Isto tem sido possível uma vez

---

aos indígenas […] O poder para difundir sistematicamente estas imagens em espaços e relações sociais da vida quotidiana e nos meios de comunicação é incomensurável; sua incidência nas mentalidades não é questionada, ainda que não haja uma recepção unívoca e sim resistência e luta pelas classificações. Isso significa que tais estereótipos, a fustigação (gestos e atos ou comportamentos não verbais), a desvalorização individual e coletiva que excluem e inferiorizam fazem parte da história e da experiência quotidiana dos povos *índios* (Castellanos Guerrero, 2003: 111,112).

[22] A emergência da mestiçagem como essência da mexicanidade ocorreu no México durante a segunda metade do século XIX e implicou a desvalorização e reclusão das populações *indígenas*. Ao mesmo tempo em que a imagem do mestiço era elevada a metáfora da nação, fabricou-se uma imagem do índio "realmente existente" como uma etnia ou raça em processo de desvalorização. A linha divisória traçada entre o uso do vocábulo "mestiço" na sociedade colonial e sua conceitualização moderna é essencialmente de natureza filosófica, isto é, sua transformação semântica ocorre no pensamento filosófico e teológico, de um lado, no aparecimento de uma nova forma de se entender o raciocínio econômico-político e na apreciação do mundo social e natural. A substituição do "mestiço" pela noção de "mestiçagem", desenvolvida por Vasconcelos, inscreve-se na narração do progresso civilizatório. Trata-se de uma concepção envolvta em um conceito *biológico* da evolução humana. Quer dizer, sem os fatores Darwin, Gustave Lhe Bon, Herbert Spencer, a emergência da mestiçagem como ideia reguladora do entendimento das nações ibero-americanas não teria sido possível (Zermeño-Padilla, 2008: 92).

que os empresários que operam e administram a maioria dos meios de comunicação tomam parte ativa na formação do nacionalismo mexicano, do México imaginário.[23]

Os meios de comunicação têm constituído instrumentos através dos quais a sociedade *mestiza*-mexicana tem imposto sua imagem e sua língua como algo superior à imagem e à língua dos povos originários. O México profundo,[24] como Bonfil Batalla (1987) chamaria os povos originários, têm sido historicamente violentados e discriminados, reiteradamente sendo qualificados como "gente ignorante, atrasados, incivilizados" etc., ideologia que os meios de comunicação atualmente difundem, produzem e reproduzem.

Com o estabelecimento dos primeiros meios de comunicação no México, tem início a difusão de imagens discriminatórias em relação aos povos originários, o que se torna mais visível por volta da década de 1930, momento em que o país já contava com meios de comunicação consolidados — em sua maioria, rádios de caráter comercial, rádios com fins lucrativos. Aliás, vivia-se, na ocasião, a pós-revolução mexicana, o nacionalismo das elites no poder tentando, de todas as formas, impor a imagem do "verdadeiro mexicano". O discurso do nacionalismo foi o elemento que marcou a radiodifusão no México, convertendo-se assim em instrumento da sociedade dominante que buscava a homogeneização cultural e linguística no México — uma construção da unidade nacional que agride a sociocosmología e a multiplicidade dos povos originários:

> El nacionalismo revolucionario del siglo XX apela a los nuevos medios para impulsar el sentimiento nacional. El cine, la radio, el teatro y la canción popular, sirven para uniformar el país. De hecho, a finales de la década de 1930, el grupo Azcárraga se había convertido no sólo en un imperio radiofónico comercial de México, sino que ejercía de facto como una institución cultural más del Estado Mexicano apoyando al gobierno. En el que el discurso del nacionalismo ha usado la figura de un pasado antiguo, glorioso e indígena, mientras se pelea contra un presente indígena marginado, no educado e incómodo (Castells i Talens, 2008: 231, 234, 235).

[23] O projeto da civilização ocidental teve início com os invasores europeus, mas não foi abandonado com a independência. Os novos grupos que tomaram o poder, primeiro os *crioulos* e, em seguida, os mestiços, nunca renunciaram ao projeto ocidental; suas diferenças e as lutas que os dividem expressam tão somente divergências sobre a melhor forma de levar adiante o referido projeto. A adoção desse modelo tem originado, dentro do conjunto da sociedade mexicana, um país minoritário que se organiza segundo normas, aspirações e propósitos da civilização ocidental, não compartilhados (ou de outra perspectiva) pelo resto da população nacional. Esse setor, que incarna e impulsiona o projeto dominante no México, é o México imaginário (Bonfil Batalla, 2005: 21).

[24] O México profundo é conformado por uma grande diversidade de povos, comunidades e setores sociais que constituem a maioria da população do país. O que os une e os distingue do resto da sociedade mexicana é que são [povos] portadores de maneiras de entender o mundo e organizar a vida que têm origem na civilização mesoamericana, forjada no território mexicano ao longo de um longo e complexo processo histórico. As expressões atuais dessa civilização são muito diversas: vão desde as culturas que alguns povos [originários] têm sabido conservar com maior grau de coesão interna, até a grande quantidade de traços isolados, distribuídos de modos distintos nos diferentes setores urbanos (Bonfil Batalla, 2005: 21).

Já existem vários trabalhos que abordam a questão dos meios de comunicação como promotores e difusores do nacionalismo mexicano, ou como instrumentos que poderiam servir para a consolidação democrática etc., mas pouco se fala sobre sua ação na produção e reprodução de ideologias racistas.

Os diferentes meios de comunicação como rádios, televisões comerciais e jornais, com algumas exceções, estão à frente deste processo como divulgadores, difusores, ou até mesmo como criadores de preconceito contra pessoas provenientes dos diversos povos ou comunidades originárias. Pelos meios de comunicação, podemos conhecer o que a sociedade dominante pensa deles.

Vários donos de meios de comunicação, programadores, apresentadores etc. parecem pensar que os povos originários não têm cultura: sua língua é um *dialeto*, não um *verdadeiro idioma*; sua religião é o paganismo; têm costumes, mas não cultura (Bonfil Batalla, 1985). Essa forma de pensar reproduz algumas máximas da ideologia racista:

> El racismo es un sistema de dominación, de abuso de poder, reproducido mediante prácticas sociales de discriminación y que se sostiene por ideologías que comparten los grupos étnicos dominantes […] Hemos de mencionar, especialmente, los discursos de las diferentes "élites simbólicas", tales como los políticos, los periodistas, los profesores o los escritores, colectivos todos ellos que juegan un papel de liderazgo en los procesos de reproducción […] Los medios de comunicación, en general, y la prensa en particular, desempeñan también un papel clave entre esas élites simbólicas […] En efecto, la prensa es parte del problema del racismo, más que parte de la solución' (Van Dijk, 2007: 71).

A título de exemplo, podemos mencionar um programa numa estação de rádio *concesionada* no qual se ouve um personagem que finge ser um "bruxo índio tikuna",[25] que, por meio deste programa de rádio, atende a pessoas com problemas de *saúde espiritual*, ou àqueles que queiram resolver alguma "doença ou bruxaria", provocada por pessoas mal intencionadas.

Espera-se que um "índio tikuna" não domine o castelhano. Sendo assim, o apresentador do programa simula uma linguagem distorcida pretendendo fazer com que os "fregueses" acreditem tratar-se de um "índio bruxo autêntico". A autenticidade do "índio"

[25] Parece que este personagem refere-se aos "Tikuna" da região amazônica da América do Sul. Na promoção que pode ser encontrarda na internet, o "índio tikuna" é descrito, textualmente, nos seguintes termos: "Indio Tikuna. Orientador indígena. Traer secretos de selva para solucionar problemas laborales, de negocios, de hogar, infidelidad, mala suerte, maleficios y trabas en sólo 3 días. Si estar impotente por culpa de hechicerías, yo ayudar. Si desea dominar o regresar al ser querido yo garantizar decir quién hace daño. Trabajos a larga distancia yo cobrar $ 20. Si no quedar contento devolverle el dinero. Reclame trilogía indígena de la suerte y dominio de todo" (sic) (Disponível em: logicadifusablog.wordpress.com, 2005).

parece residir no domínio parcial do castelhano, quando na verdade se trata de um charlatão que só procura obter ganhos econômicos, sem se importar em promover uma linguagem racista por meio de seu castelhano distorcido, por meio da reprodução de falsos estereótipos e de léxicos adjudicados aos povos originários. Aliás, com seu programa, transmitido por uma rádio comercial, isto é, por uma rádio *concesionada*, desprestigia e difama os verdadeiros "xamãs" dos povos originários, fazendo com que a sociedade em geral os veja como "bruxos charlatões".

Na televisão *concesionada* também existem programas preconceituosos, bem como filmes da chamada "época de ouro do cinema mexicano" e alguns mais recentes, tanto de cineastas mexicanos quanto estrangeiros. Parece que tudo o que se assiste na televisão e no cinema influencia o imaginário social. Como diz, acertadamente Martínez Luna (2009), ao mencionar que a oralidade e a imagem transmitidas pela televisão e pelo cinema têm mais impacto na sociedade, tais elementos são facilmente memorizados pelos telespectadores.

Em resumo, a televisão comercial aberta no México — à qual a maioria da população pode ter acesso — difunde programas de entretenimento com conteúdos invariavelmente preconceituosos. Por exemplo, nas novelas, as pessoas com aparência ou traços indígenas sempre representam personagens subordinados, serventes, submissos etc., ou se não, figuram como ladrões, pervertidos, delinquentes de todo o tipo. Este uso discriminatório da imagem indígena é mais violento no caso das mulheres, já que uma personagem *indígena* sempre será a empregada, a *chacha* por excelência das famílias ricas. Se for jovem e "bonita", aparecerá ainda como a personagem "que seduz" algum filho da família para a qual trabalha.

Os "brancos", por sua vez, sempre são personagens bons e bonitos, sendo vítimas de problemas amorosos, enganos e traições. Contudo, como se costuma dizer na própria televisão, trata-se de problemas que "ocorrem até nas melhores famílias", expressão que remete à família modelo, composta por pessoas de pele clara, rica e, sobretudo, falantes de castelhano.

O racismo não se resume às telenovelas. Se faz presente também em programas de entretenimento, nos quais personagens supostamente indígenas são invariavelmente ridicularizados, exibidos como idiotas, ignorantes, vagabundos, alcóolatras, sujos etc., enfim, toda uma semântica negativa da qual o racismo pode se utilizar quando está manhosamente amparado sob o argumento da liberdade de expressão.

No que se refere à produção cinematográfica da chamada "época de ouro do cinema mexicano", esta pode ser resumida pela expressão "cinema nacionalista", o que também significa a construção de estereótipos,[26] imagens, léxicos do castelhano e comportamentos consideraaos como próprios do "índio" para diferenciá-lo do "mestiço".

No cinema mexicano, os *pseudoindígenas* sempre aparecem como personagens subordinados e serventes do *mestiço-mexicano*, o que constrói a ideia de que a boa convivência entre o *mexicano* e o *indígena* é possível, desde que cada pessoa ocupe seu lugar, isto é, desde que o indígena aceite a "ordem das coisas" que tem sido estabelecida pela sociedade dominante. O mexicano sempre aparece como generoso, até mesmo como protetor do indígena. É quem o ajuda a "superar-se", a sair do atraso, por isso, merece respeito. Quando o indígena viola as regras estabelecidas por seu "protetor", é severamente castigado, podendo até mesmo ser assassinado para evitar que sua desobediência "contamine" os demais indígenas. Poderíamos dizer que este tipo de cinema, para além de perpetuar o racismo, promove e normaliza o genocídio.

O cinema mexicano contemporâneo, por sua vez, tampouco está isento neste debate. Em algumas produções recentes, os indígenas continuam a figurar de forma estereotipada e folclórica, sobretudo quanto ao uso do castelhano. Eles continuam a ser respresentados como aqueles que não dominam um léxico "normal" do castelhano, utilizando erroneamente os vocábulos.

No México, este é o panorama da presença dos povos originários nos meios de comunicação. É difícil acreditar que seus donos, programadores, atores, apresentadores etc., especialmente das rádios e televisões comerciais, desconheçam os efeitos provocados pelos programas em que aparecem personagens *pseudoindígenas*, desempenhando um papel ridículo em frente aos microfones ou às câmeras. Pode-se afirmar que os produtores de rádio e televisão atuam propositadamente ao construírem personagens *pseudoindígenas*, atitude que diz muito em relação às suas ideias racistas e seu desprezo em relação aos povos originários.

Castellanos Guerrero (2003) refere-se aos meios informativos como espaços a partir dos quais se difundem estereótipos e estigmas atribuídos aos indígenas, ainda que não sejam as únicas instituições de elite implicadas na reprodução do racismo:

---

[26] Por exemplo, filmes como *Tonta, tonta, pero no tanto* (1972), *El miedo no anda en burro* (1973), *Pobre, pero honrada* (1973), *Ni Chana, ni Juana* (1984), com a atriz María Elena Velasco Fragoso de Lipkies, chamada de "Índia Maria", assim como também o filme *Tizoc, amor índio*, com o ator "Pedro Infante".

> Sin embargo, ellos son los actores más eficaces y exitosos en el manejo del consenso étnico y en la fabricación del consentimiento público. Y lo hacen, sobre todo, para apoyar o legitimar las políticas étnicas de otros grupos de élite: políticos, jueces, profesionales y burócratas […] El poder para difundir sistemáticamente estas imágenes en espacios y relaciones sociales de la vida cotidiana y medios de comunicación es inconmensurable; su incidencia en las mentalidades no se cuestiona, aunque no hay una recepción unívoca y sí resistencia y lucha por las clasificaciones […] Ello significa que estos estereotipos, hostigamiento (burla, gestos y actos o comportamientos no verbales), desvalorización y denigración individual y colectiva que excluyen e inferiorizan, forman parte de la historia y experiencia cotidiana de los pueblos indios (Castellanos Guerrero, 2003: 111, 112).

Em resumo, a realidade dos povos originários nunca é mostrada de forma adequada pelos meios de comunicação dominantes, nos quais somente nos deparamos com oralidades e imagens discriminatórias ou racistas.

***

Refletindo um pouco sobre o que poderia ser a outra cara dos meios de comunicação dominantes e sua relação com os povos originários, surge a pergunta: O que se desejaria que os meios de comunicação mostrassem da vida dos povos? O elemento principal seria a língua — tendo em mente as características *orais* dos meios de comunicação — porque é a partir dela que se identificam os diversos povos originários, como também a exclusão praticada pelos meios de comunicação no que diz respeito à diversidade linguística.

No México, segundo os dados do Instituto Nacional de las Lenguas Indígenas-INALI, existem “11 famílias linguísticas; 68 agrupamentos linguísticos correspondentes a tais famílias e 364 variantes linguísticas pertencentes a este conjunto de agrupamentos” (INALI, 2008: 38).

As 11 famílias linguísticas são: álgica; yuto-nahua; cochimí-yumana; seri; otomangue; maya; totonaco-tepehua; tarasca; mixe-zoque; chontal de Oaxaca; huave (idem: 39)

Nestas 11 famílias linguísticas, há 68 línguas: akateko, amuzgo, awakateko, ayapaneco, ayuujk, cora, cucapá, cuicateco, chatino, chichimeco jonaz, chinanteco, chocholteco, chontal de Oaxaca, chontal de Tabasco, chuj, ch'ol, guarijío, huasteco, huave, huichol, ixcateco, ixil, jakalteko, kaqchikel, kickapoo, kiliwa, kumiai, ku'ahl, k'iche', lacandón, mam, matlatzinca, maya, mayo, mazahua, mazateco, mixteco, náhuatl, oluteco, otomí, paipai, pame, pápago, pima, popoloca, popoluca de la Sierra, qato'k, q'anjob'al, q'eqchí', sayulteco, seri, tarahumara, tarasco, teko, tepehua, tepehuano del norte, tepehuano

del sur, texistepequeño, tlahuica, tlapaneco, tojolabal, totonaco, triqui, tseltal, tsotsil, yaqui, zapoteco e zoque (idem, 41).

No entanto, apesar desta longa lista de línguas, sua presença é praticamente inexistente nos meios de comunicação. Ninguém se preocupa com sua ausência, ou quando alguma mídia as leva em conta é para mostrá-las de forma distorcida. Geralmente, isto ocorre com maior frequência nos meios comerciais. Somente alguns poucos meios educativos, culturais e comunitários fazem esforços para conferir-lhes uma presença digna. Como bem diz Carballo (2011):

> De todo ese universo sonoro no hay mucho que rastrear en los medios de comunicación de nuestro país. Rastrear ya sería un indicativo de existencia. La radio y la televisión mexicana cuando no ofrece olvido ofrecen material audiovisual de poca sustancia y mucho folclor. La visión que en México se tiene de los pueblos *indígenas*, el México que se mira en las pantallas de televisión y se escucha en la radio tiene poco que ver con el México de la realidad cotidiana. Se podría hablar de muchos Méxicos, de todos los Méxicos que conforman la nación heredera de los grandes poetas nahuas, de las grandes construcciones mayas; pero no es así. Pocos son los espacios que se van ganando para dar voz al silencio. Son pocas las voces que tenemos los pueblos indígenas mexicanos en los espacios ganados. No favores del Estado (Carballo, 2011: 2).

Reflitamos agora sobre os aspectos legislativos da radiodifusão. Com pouco esforço, percebe-se que as legislações que regulam a utilização e os conteúdos dos programas nos meios de comunicação não são muito favoráveis aos povos originários, privilegiando o fortalecimento e a difusão do nacionalismo mexicano.

Uma das legislações principais a se fazer referência é a Ley Federal de Radio y Televisión (LFRTV) que, em seu Artigo 5º, menciona que:

> La radio y la televisión, tienen la función social de contribuir al fortalecimiento de la integración nacional y el mejoramiento de las formas de convivencia humana. Al efecto, a través de sus transmisiones, procurarán: I.- Afirmar el respeto a los principios de la moral social, la dignidad humana y los vínculos familiares; II.- Evitar influencias nocivas o perturbadoras al desarrollo armónico de la niñez y la juventud; III.- Contribuir a elevar el nivel cultural del pueblo y a conservar las características nacionales, las costumbres del país y sus tradiciones, la propiedad del idioma y a exaltar los valores de la nacionalidad mexicana. IV.- Fortalecer las convicciones democráticas, la unidad nacional y la amistad y cooperación internacionales” (LFRTV, 2012: Art. 5º).

Neste documento, destaco a frase: “la radio y la televisión tienen la función social de contribuir al fortalecimiento de la integración nacional”; o parágrafo III, na parte em que diz,

"exaltar los valores de la nacionalidad mexicana"; bem como o parágrafo: "fortalecer […] la unidad nacional".

Este extrato da legislação nos dá uma mostra clara da intenção dos meios de comunicação no México, revelando também a discriminação e a exclusão das línguas dos povos originários. A ideia de "exaltar los valores de la nacionalidad mexicana" y "fortalecer […] la unidad nacional" tem significado a negação, a discriminação daqueles que são diferentes dos mestiços-mexicanos, neste caso, daqueles que têm formas distintas de falar, de viver e de pensar.

Outra legislação que é preciso mencionar é o "Reglamento de la Ley Federal de Radio y Televisión, en Materia de Concesiones, Permisos y Contenido de las Transmisiones de Radio y Televisión" (Reglamento LFRTV) que, em seu Artigo 6, se refere ao "idioma nacional" de forma paradoxal: "se considerará que en el idioma nacional están comprendidas las lenguas de los pueblos y comunidades indígenas existentes en el país" (Reglamento LFRTV, 2002 Art. 6). O paradoxo reside na referência ao "idioma nacional" no singular, ao mesmo tempo em que "as línguas dos povos e comunidades indígenas" são mencionadas no plural. Não se pode falar em "idioma nacional" quando se deseja fazer alusão a várias línguas *nacionais*. Neste caso, o mais correto seria dizer que "se consideram línguas nacionais, as línguas dos povos e comunidades indígenas existentes no país".

Um segundo paradoxo encontra-se no Artigo 23 do mesmo regulamento, que textualmente diz: "La Dirección General de Radio, Televisión y Cinematografía autorizará transmisiones en idiomas diferentes al español" (Reglamento LFRTV, 2002: Art. 23). Este parágrafo dá a entender que para transmitir em qualquer "língua dos povos e comunidades", será preciso pedir autorização à La Dirección General de Radio, Televisión y Cinematografía por se tratar de "línguas diferentes do espanhol", ainda que o referido Artigo 6 do mesmo regulamento tenha dito que "as línguas dos povos e comunidades indígenas existentes no país" são também línguas nacionais. Ao que parece, o Artigo 23 confere um tratamento preferencial ao espanhol, ao insentá-lo de solicitar autorização para que possa ser usado nos meios de comunicação.

Esta omissão linguística, ou pensamento *monolinguista*, pode ser entendido a partir da formulação da própria legislação, uma vez que, dentre aqueles que elaboram as leis, não há ninguém que fale qualquer outra "língua nacional", ou seja, qualquer outra língua dos povos

originários. Por esta razão, acreditam que o espanhol é a única língua nacional e a única a estar isenta de pedir autorizações para sua utilização nos meios de comunicação.

Por outro lado, o regulamento continua dizendo que "queda prohibido a los concesionarios, permisionarios, […] y demás personas que participen en la preparación o realización de programas y propaganda comercial por radio y televisión" de efetuar transmissões de "todo aquello que sea denigrante u ofensivo […], así como lo que, directa o indirectamente, discrimine cualesquiera razas" (sic) (Reglamento LFRTV, 2002: Art.34).

Na realidade, este regulamento não garante um tratamento respeitoso dos meios de comunicação para com os povos originários, que continuam a ser tratados com discriminação. Se observarmos principalmente os meios de comunicação comerciais, constataremos a existência desse fomento à discriminação de forma direta ou indireta — o que precisamente a legislação diz querer evitar. Os meios de comunicação comerciais são tão poderosos que tomam a liberdade e a autoridade de desfazer e distorcer as oralidades e imagens dos povos originários, enquanto o Estado se mostra complacente porque também lhe interessa homogeneizar a identidade nacional, ainda que seja por meio da destruição das culturas originárias:

> El proceso de formación del Estado mexicano ha chocado y sigue chocando con una población indígena que, con cerca de 10 millones de personas, es la mayor de América Latina y no encuentra su sitio dentro del Estado. Durante la mayor parte del siglo XX, los indígenas de México tenían que dejar de ser indígenas para convertirse en ciudadanos. El nacionalismo mexicano posrevolucionario contemplaba su asimilación cultural y su castellanización por medio de proyectos educativos y mediáticos (Castells i Talens, 2011:298).

Se já não bastasse a integração nacional e a negação dos povos originários, existe outra frente que consiste em sua desintegração pela imposição subliminar do próprio desprezo, encaminhando-os para o esquecimento da sua própria vida, para que, com o passar do tempo, as comunidades *se tornem* mexicanas e passem a exaltar a música e a língua dos mexicanos. É uma aposta na integração e na homogeneização através da violência nacionalista e mediática.

Alguns dos melhores exemplos — ou talvez piores — dessa aposta pela desintegração podem ser encontrados, como já mencionado, no cinema mexicano, que denigre as imagens e as oralidades dos povos originários, como nos filmes protagonizados por uma mestiça (María Elena Velasco Fragoso de Lipkies), chamada de "Índia Maria" ou pelo *mexicaníssimo* "Pedro

Infante", como em "Tizoc, amor índio". Nestas filmagens expõe-se a suposta incompetência dos *índios*, seu léxico ruim, sua não fluência em castelhano, sua suposta irracionalidade, seu desrespeito em relação às autoridades, que sempre são mestiças e de pele *branca*:

> Las más de las veces la imagen de [los pueblos originarios] en los medios de comunicación es denostada. La imagen de "Indias Marías" es la más socorrida, el indio sentado o dormido junto a un nopal o tirado en la banqueta, borracho. El indio idiota, al que fácil se le engaña. Esa es la imagen que se ha hecho de los pueblos originarios mexicanos y sus integrantes. Los medios de comunicación han contribuido enormemente en esta percepción (Carballo, 2011: 2).

Esta não é uma história que surgiu com os meios de comunicação, trata-se antes da continuidade e reforço do racismo instaurado desde a colonização. E isto que se diz aqui continua acontecendo: os filmes e telenovelas seguem repetindo o mesmo esquema, toda essa relação de poder, de racismo e de desprezo implícito em relação aos outros, às comunidades:

> En México, […] la evidencia disponible muestra que los personajes blancos, adultos, tanto masculinos como femeninos, son mucho más frecuentes que los "mestizos", y que los indígenas mexicanos son casi inexistentes en el mundo de la televisión (Lozano, 2006:145).

Mas são principalmente os meios de comunicação comerciais que têm contribuído para o enaltecimento da nação mestiça mexicana, de pele clara, em detrimento da vida dos povos originários, dos de pele de *bronze*, indignos de aparecer nos meios de comunicação com toda a sua diversidade linguística, musical, política etc.

O uso da mídia para a construção da identidade nacional tende a produzir um efeito homogeneizador, em que as culturas que não são consideradas dignas de serem *nacionais* são mostradas com linguagens e imagens ridículas, o que provoca entre os próprios povos a rejeição à sua própria forma de existência, na tentativa de fugir ou de se opor aos preconceitos construídos em relação a eles.

O que mais surpreende é que a sociedade majoritária ou imaginária tem passado a assumir como verdade aquilo que se expressa sobre os povos originários nos meios de comunicação. Um estudo realizado sobre a linguagem e os qualificativos utilizados por certa imprensa escrita revelou que os preconceitos mais importantes presentes nos discursos racistas são as seguintes:

a) De perversión: alcoholismo, drogadicción, vicio y violaciones intrafamiliares.

b) De ilegalidad: crimen, narcocultivo, armas, violencia.

c) De ignorancia: bajos estudios, dependiente, no actúa ni piensa por si mismo, pérdida de cultura, vergüenza de su idioma, renuencia a la medicina.

d) De apoliticidad: sin fines políticos, manipulados, en subasta política, defendido, su costumbre contra los derechos electorales, amenaza para la paz (Pineda, 2003: 289).

Trata-se de preconceitos que expressam o pensamento de muitos que trabalham na imprensa, na rádio, na televisão ou no cinema. Mas isto não acontece somente no México. A imagem e a palavra dos povos originários são excluídas e distorcidas em toda a América Latina, pelos donos e produtores dos meios de comunicação. A título de exemplo, mencionamos a situação dos povos originários do Cauca, na Colômbia, nos próprios termos em que descrevem a violência sofrida através da mídia:

> … los medios de comunicación no nos han dado la palabra para expresar este proceso de lucha ancestral de vida. La negación y la ausencia de la palabra y la opinión de los pueblos indígenas en los medios es otra cara de la exclusión. A través de la folklorización, el exotismo y la banalización se "normalizan" y consagran la exclusión, se borran las diferencias, se las invisibiliza como la forma más sutil de la discriminación y la violencia. Los medios definen los temas y términos de aparición de lo indígena en los medios, al privilegiar los aspectos rutilantes, extremos y de mayor impacto, y al imponer la espectacularización y dramatización como modos de tratamiento de los conflictos sociales: de esta manera, los medios captan principalmente aspectos de la protesta pública que se asimilan a la guerra, al combate, a la contienda, ignorando la legitimidad de las demandas, el tiempo largo de los conflictos y la complejidad de las movilizaciones (Tunubalá, 2004: 2).

No México, observa-se a mesma situação: a imagem e a palavra dos povos originários sempre são mostradas como incômodas, irracionais, por romperem com as regras da paz social que, como se sabe, são estabelecidas pelos *brancos*, pelos nacionalistas. Os meios de comunicação não olham nem falam para entender, senão para reforçar estigmas, estereótipos. Jamais oferecem oralidades e imagens que incentivem a diversidade existente nos povos originários, mas tão somente desprezo, esquecimento, racismo.

Capítulo 3

Rádio, música e língua no povo ayuujk

- ¿Tiene un grabador?
- Sí, ¿por qué?
- Hemos oído por la radio las canciones de otros pueblos y queremos que estos oigan las nuestras.

Margaret Mead. *Cultura y compromiso. Estudios sobre la ruptura generacional*

3.1 Oferta radiofônica no território ayuujk

Passaremos agora a mencionar a oferta e o consumo radiofônico na região ayuujk. Como já mencionado em linhas anteriores, a região ayuujk caracteriza-se por ser uma corrente montanhosa que se estende em direção ao Golfo do México, cuja geografia determina, em parte, a recepção ou não de certos sinais de rádio e televisão.

Alguns dos sinais de rádio que chegam à região ayuujk pertencem a estações de rádios *concesionadas* que transmitem a aprtir de Oaxaca, capital do estado, pertencente à região dos Valles Centrales. Entre os sinais captados, se pode mencionar um par de estações de rádio de carácter comercial: a XERPO-AM, La Ley, 710 KHz, com 5.000 watts de potência, e a XEOA-AM, La Mexicana, 570 KHz, com 5.000 watts.

É interessante observar que dos sinais em FM existentes no estado de Oaxaca, sobretudo na capital, nenhum é captado na região ayuujk, o que pode ser explicado pelas características geográficas da região que, por ser montanhosa, não permite que os sinais de rádio emitidos a partit do vale de Oaxaca cheguem às zonas altas. Os sinais de FM (Frequência Modulada) propagam-se de forma linear e, ao se depararem com montanhas,

permanecem *bloqueados*, como acontece neste caso. O sinal de A.M. (Amplitude Modulada), este, sim, consegue rodear e ultrapassar montanhas.[27]

Outros sinais de rádio recebidos na região são aqueles emitidos pelas comunidades da Serra Norte. Dentre eles, encontram-se os de duas rádios *permisionadas*. A primeira delas é a XEGLO-AM, La voz de la Sierra Juárez, no 780 KHz, que transmite com 10.000 Watts de potência, rádio de caráter indigenista, operada pela CDI, localizada no município de Guelatao de Juárez. A outra é a XHJP-FM, Rádio Jënpoj, 107.9 Mhz, que transmite com 1.000 Watts de potência, rádio de caráter comunitária localizada na comunidade de Tlahuitoltepec, Mixe. Estas duas rádios são, como já se disse, as que operam na qualidade de *permisionadas* na Serra Norte e também aquelas que contam com maior potência de transmissão na região.

Além das rádios que contam com título de permissão para transmitir, encontram-se outras rádios comunitárias que operam de forma livre, expandindo seu sinal para algumas comunidades da região ayuujk. Dentre elas, as mais importantes são: a Estéreo Comunal, 94.1 MHz, F.M., que transmite a partir de Guelatao, com 300 watts de potência e a Radio Maíz, 94.7 MHz, F.M., transmitindo a partir de San Juan Tabaá, ambas localizadas na Serra Juárez.

***

Após mencionar os meios de comunicação, com visibilidade na região, que emitem dentro do território oaxaqueño, mencionaremos também os sinais de rádio provenientes de outros estados.

Trata-se, sobretudo, dos sinais de rádio provenientes do estado de Veracruz, já que as estações que emitem a partir dali são aquelas com maior presença e também maior audiência no território ayuujk. Sem dúvida alguma, é maior o número de estações captadas a partir do estado de Veracruz do que aquelas captadas do próprio estado de Oaxaca.

As estações de rádio com maior presença na região ayuujk são aquelas localizadas no centro e sul do estado de Veracruz, dentre as quais poderíamos mencionar: a XHOT-FM, La Máquina, 97.7 MHz, de Xalapa, Veracruz, transmitindo com 50.000 watts de potência;

---

[27] As ondas de FM seriam como qualquer pessoa que, caminhando pela cidade e topando com um muro alto, não pode saltá-lo, ficando detida. As ondas de AM, ao contrário, seriam como um gigante de pernas longas que, graças à sua altura, pode caminhar sem problemas, passar por cima de edifícios e saltar obstáculos, sem que nada o detenha. A diferença entre a longitude de onda FM e AM é muito grande. Enquanto as ondas médias, dentro das quais se encontra a AM, medem algo em torno de 100 (3.000 Khz) a 1.000 metros (300 Khz), as ondas de VHF, entre as quais se encontram as FM, medem entre 1 (300 Mhz) e 10 metros (30 Mhz) (Disponível em: http://www.analfatecnicos.net/pregunta.php?id=22. Acesso em 5 de dezembro de 2012).

XHVE-FM, La Mejor, 100.5 MHz, de Veracruz Puerto, transmitindo com 92.070 watts; XHNE-FM, La Comadre, 100.1 MHz, de Coatzacoalcos, transmitindo com 52.470 watts; XHOM-FM, Amor, 107.5 MHz, de Coatzacoalcos, transmitindo com 52.195 watts; XHPR-FM, Los 40 Principales, 101.7 MHz, de Veracruz Puerto, transmitindo com 160.000 watts; XHOM-FM, La poderosa, 107.5 MHz, de Coatzacoalcos, transmitindo com 52.195 watts; XHMTV-FM, Lobo de mina, 100.9 MHz, de Minatitlán, transmitindo com 10.000 watts; XHPS-FM, Exa, 93.3 MHz, de Veracruz Puerto, transmitindo com 30.937 watts; XHSAV-FM, La primeiríssima, 92.7 MHz, de San Andrés Tuxtla, transmitindo com 49.980 watts; XHTU-FM, Radio Hit, 92.3 MHz, de Coatzacoalcos, transmitindo com 20.680 watts; XHOM-FM, Mar FM, 107.5 MHz, de Coatzacoalcos, transmitindo com 52.195 watts; XHCSV-FM, Máxima, 93.1 MHz, de Veracruz Puerto, transmitindo com 10.000 watts.

As rádios aqui mencionadas são de carácter comercial, e é relevante o fato de a maioria possuir uma potência igual ou superior a 50.000 watts, o que lhes permite uma cobertura bastante ampla. Várias delas atingem os estados de Puebla, Oaxaca, Chiapas e Tabasco, além do próprio estado de Veracruz.

Por outro lado, este último conta com uma cadeia de Rádio e Televisão pública, denominada Radio-Televisión de Veracruz. Dois de seus sinais são recebidos na região Ayuujk: a XHXAL-FM, Radio Más, 107.7 MHz, de Xalapa, Veracruz, transmitindo com 30.000 watts de potência; e sua retransmissora XHOTE-FM, Radio Más-Ocozotepec, 95.7 MHz, que retransmite na montanha de Ocozotepec, no município de Mecayapan, com uma potência de 50.000 watts.

Em relação aos sinais de televisão, os únicos que são captados são dois canais de serviço aberto comerciais, o XHGC-canal 5 e o XEW-canal 2, ambos pertencentes à Televisión Vía Satélite (TELEVISA). Os sinais e conteúdos são transmitidos a partir da cidade do México e retransmitidos por canais repetidores em cada estado da república. O sinal que chega à serra Ayuujk é retransmitido do estado de Veracruz.

Existe também o serviço de televisão por assinatura, oferecido por empresas como a *Sky* e, mais recentemente, pela *Dish*, mas ele é mais restrito, uma vez que não gratuito. Uma percentagem mínima na região tem condições de pagar por ele.

Ainda que não exista um dado preciso em relação à posse de um aparelho de rádio receptor ou televisão, pode-se dizer que a maior parte das casas da região Ayuujk conta com

um aparelho receptor de rádio. Em relação aos aparelhos de televisão, cerca de metade das casas conta com o mesmo (INEGI 2010).

***

Para saber o contexto das rádios no que diz respeito ao trato com a música e a língua do povo ayuujk, deve-se dividi-las em duas categorias jurídicas, as *permisionadas* e as *concesionadas*, já que, como mencionado no item anterior (ver item 2.4 “Distribuição do espectro radioelétrico no México”), isso determina as características das emissoras.

De todas as rádios *concesionadas*, ou seja, comerciais, captadas na região Ayuujk, nenhuma transmite em língua ayuujk, ou seja, os meios de comunicação comerciais seguem o ponto de vista da sociedade dominante, semdo pensados e destinados exclusivamente para um público de fala castelhana, um público mestiço-mexicano.

Com a música ayuujk se passa o mesmo: nenhuma rádio comercial, seja de Oaxaca ou de Veracruz, transmite música da região Ayuujk. Pelo contrário, as rádios, em geral, sinalizam as modas musicais para sua audiência. Entre os gêneros musicais que dominam a programação, destacam-se a *música grupera*,[28] a *música norteña*,[29] *o pop*,[30] *as rancheiras*[31] e o *reggaetón*,[32] entre outros.

---

[28] No início da década de 1990, surge o termo “música grupera”. Nessa época, na província, falava-se de vários gêneros musicais: *grupero*, *tropical*, *norteño*, *banda sinaloense* etc. Entre os representantes da música *grupera*, destacam-se: Los Temerarios, Grupo Ladrón, Los Rehenes, Grupo Bryndis, Los Acosta, Guardianes Del Amor, Grupo Miramar, Grupo Samuray, Viento y Sol, entre outros (Disponível em: www.es.wikipedia.org/wiki/G%C3%A9nero_grupero).

[29] A música *norteña* é um gênero de música folclórica, bastante popular no México, interpretado por um conjunto *norteño*, que consiste em uma instrumentação de acordeão e baixo sexto (em algumas regiões conhecida como *fara-fara*), com contrabaixo, tarola e, ocasionalmente, saxofone. Seu repertório possui formas musicais cantadas e instrumentais que provêm tanto da tradição musical mexicana (canção *ranchera*, corrido, bolero *ranchero*, *huapango*) como da europeia do século XIX (polca, xotes, *redova*). Ainda que originária de áreas rurais do nordeste do México, a música *norteña* é hoje extramamente popular tanto em áreas urbanas quanto no campo (Disponível em: es.wikipedia.org/wiki/Norte%C3%B1a)

[30] O pop surgiu como uma diluição do rock, uma versão mais suave, associada a um estilo mais rítmico e a uma harmonia vocal mais agradável, principalmente entre o final da década de 1950 e o início da seguinte, com os ídolos das adolescentes. A maior parte da música pop é considerada descartável, e as melhores delas sobrevivem como “velhos sucessos”. Musicalmente, o pop caracteriza-se pelos refrões fáceis de memorizar e pelo amor romântico como tema (Shuker, 1999: 193).

[31] Uma canção *ranchera* é um gênero musical popular da música mexicana, muito similar aos *mariachis*. Suas origens datam do século XIX, mas foi desenvolvida no teatro nacionalista do período pós-revolucionário de 1910, convertendo-se no ícone da expressão popular do México, um símbolo do país, difundido com grande sucesso por vários países latino-americanos, especialmente graças ao cinema mexicano das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, enraizando-se entre os setores populares e meios de comunicação (Em línea: es.wikipedia.org/wiki/Canci%C3%B3n_ranchera).

[32] O *reggaetón* tem suas raízes no Panamá e não em Porto Rico, país em que a maioria das pessoas situa a origem deste ritmo *pegadiço*, segundo um estudo da pesquisadora americana Larnies Bowen. Uma das raízes do *reggaetón* encontra-se na evolução do *reggae* para o *dancehall*, quando, no início da década de 90, esta música jamaicana começou a ser escutada em discotecas, nas quais os *disc jockey* aceleravam os ritmos das canções e improvisavam letras em espanhol com conteúdo popular, incluindo vocabulário dos setores marginalizados. A origem humilde e urbana do *reggaetón* tem marcado suas composições, baseadas nas preocupações da gente da rua, e tem evoluído para rimas fáceis, letras sexualmente explícitas e muitas vezes depreciativas e agressivas. No entanto, há também artistas comprometidos com uma mudança social, como o cantor panamenho e cristão Rookie (Diario *El Mundo*, 2008).

As rádios *permisionadas*, por sua vez, transmitem programas em algumas línguas originárias. No caso da XEGLO-AM, La Voz de la Sierra Juárez, a transmissão é feita algumas horas por dia em língua chinanteca, zapoteca e ayuujk; a XHJP-FM, Radio Jënpoj, transmite em língua ayuujk mais ou menos seis horas por dia, isto quando há programas ao vivo; a XHXAL-FM, a Radio Más, transmite programas nas línguas de Veracruz como o nahuatl, totonaco, tepehua, popoluca, tenek e otomí, e em línguas de Oaxaca, como o zapoteco de la sierra e o ayuujk, ainda que seja apenas meia hora por mês para cada língua.

La Voz de la Sierra Juárez e Radio Jënpoj normalmente transmitem música das regiões Ayuujk, Chinanteca, Zapoteca e de outros povos originários do México. A Radio Más, por sua vez, transmite esporadicamente música da região Ayuujk e das regiões de Oaxaca. Trata-se de uma das poucas rádios públicas do México que transmite programações com música dos povos originários.

Podemos dizer que, no México, a oferta radiofônica é composta, em sua maioria, por emissoras comerciais que não transmitem a língua e a música dos povos originários. As poucas emissoras culturais/ educativas e comunitárias captadas na região são as únicas que retomam o acervo cultural e simbólico da região, incluindo em sua programação a língua e a música ayuujk.

3.2 Influência dos meios de comunicação nos povos originários

> *Unos antropólogos recorren los campos colombianos de la costa del Pacífico, en busca de historias de vida. Y un viejo les pide:*
>
> *–No me graben a mí, que hablo muy feo. Mejor a mis nietos.*
>
> *Muy lejos de allí, otros antropólogos recorren los campos de la isla de Gran Canaria. Y otro viejo les da las buenas horas, les sirve café y les cuenta las historias alucinantes con las más sabrosas palabras. Y les dice:*
>
> *–Nosotros hablamos feo. Ellos sí que saben, los muchachos.*
>
> *Los nietos, los muchachos, los que hablan bonito, hablan como la tele.*
>
> Eduardo Galeano. *Patas arriba, la escuela del mundo al revés* (1998)

Os povos originários têm sido passivos em relação ao uso dos meios de comunicação, não por vontade própria, nem por carecerem de capacidade para utilizar a tecnologia, mas pela perpetuação das desigualdades instauradas com a colonização, a partir da qual, o acesso aos benefícios da tecnologia mediática aos quais acede a sociedade mestiça-branca lhes tem sido sistematicamente negado.

Esta situação determina a influência que os meios de comunicação exercem sobre eles, pois, além de estarem concentrados nas mãos da sociedade mestiça-mexicana, somente transmitem conteúdos e programações do estilo de vida dessa sociedade, da cidade, da língua castelhana, enquanto as sociedades originárias são relegadas a permanecerem como espectadores, como sociedades marginais.

Grande parte dos meios de comunicação centra-se na ideia de uma audiência nacional mexicana homogênea, supondo que os ouvintes de rádio e telespectadores têm os mesmos interesses. No entanto, essa ideia está longe da realidade múltipla dos vários povos originários que têm aspirações e interesses próprios em relação às suas línguas e músicas.

Tais aspirações têm sido ignoradas pela rádio e pela televisão mexicana que, em parte, têm sido responsáveis pela implantação de emblemas coletivos, ao apresentarem como

superior o modelo de vida baseado na oralidade e na imagem da sociedade dominante, introduzindo hierarquias, estabelecendo privilégios e prestígios.

No caso do México, o prestígio recai sobre a forma de vida da sociedade mestiça-mexicana, alçada ao posto de sociedade modelo para as demais, enquanto o desprestígio é fomentado em relação às sociedades originárias, o que faz com que muitas delas acabem interiorizando oralidades e imagens da sociedade dominante, do opressor.

O desprestígio faz com que as sociedades originárias deixem de falar sua língua, deixem de escutar sua música para ouvirem as rádios operadas por grupos da sociedade dominante, deixem de reproduzir sua própria cultura para reproduzir o estilo de vida que veem pela televisão, deixem de vestir suas roupas para aderir à moda oferecida pelos diferentes meios de comunicação.

Os meios influenciam a vida dos povos originários, que jamais têm suas palavras e ideias expressas ali nem, tampouco, se veem representados dignamente. Nestes meios, só são oferecidos conteúdos e programas que pouco ou nada têm a ver com sua realidade, razão pela qual acabam achando que suas formas de vida não têm lugar nesta sociedade:

> [La radio y] la televisión comercial desempeña un papel importante al moldear las costumbres, los valores y los sentimientos de toda la población nacional. Particularmente con respecto a los grupos indígenas cumple un papel de aculturación, el cual consiste en generar una serie de cambios significativos en lo social y lo cultural, pudiendo ser éstos parciales o totales, dependiendo de las condiciones específicas que presente cada familia, pero que en general debilitan la cultura de los grupos étnicos poniendo en riesgo sus elementos de integridad al producir resultados diversos en el pensar, en el sentir, en el creer y en el comportamiento (Sandoval Forero, 1994: 21).

Neste caso em particular, as influências e as mudanças podem se rastreadas através da música e da língua, pois os meios de comunicação têm contribuído com o pensamento de que o “normal” é escutar música da moda pela rádio e falar em castelhano, que é “normal” que a música e a língua dos povos originários jamais apareçam nos meios de comunicação.

Essa situação demonstra que os meios impactam a construção da imagem dos povos originários como algo inferior, ao aceitar as hierarquizações, ao impor ao imaginário coletivo o modelo da sociedade mexicana-mestiça como a “boa vida”, baseada no consumo. Esta influência é tão forte que parte da geração mais nova não quer nem saber do estilo de vida de seus pais e avôs, muito menos da música e da língua de suas comunidades. Acham que a

“vida boa” é aquela que veem pela televisão. Compraram a ideia de que é preciso se modernizar, se civilizar, o que significa copiar o estilo de vida da sociedade opressora e abandonar o próprio, desprezar a própria vida.

Um exemplo desta realidade é registrado por Castelhanos Guerreiro (2003):

> Roberto, un niño de ocho años de origen mazateco que estudia y vive en la Ciudad de México, al escuchar un casete de música mazateca que tocaba su madre gritó: “¡Ay! Ese casete de indios… pinche casete de indios lo voy a vender en el mercado en tres pesos” (Castellanos Guerrero, 2003: 112).

Poderíamos nos perguntar de onde que vem essa ideia de *pinche casete de indios*? Sem hesitar, afirmaria que é parte dessa construção — talvez, melhor dizendo, destruição — dos gostos musicais fomentada pelos meios de comunicação. É o efeito da destruição da diversidade cultural promovida pelo Estado mexicano na busca pela construção de uma *nação homogênea*. A frase *pinche casete de indios* remete a seu conteúdo, que é de *música mazateca*, e o menino a ela se refere como “feia”, “desprezível”, música fora de moda, não *civilizada*.

Os meios de comunicação *concesionados* têm propalado a crença de que a música e a língua da sociedade dominante são as únicas dignas de serem ouvidas e faladas, o que gera uma ruptura na transmissão cultural dos povos originários para as gerações imediatas, enquanto a cultura alheia, a cultura imposta se consolida. Tal situação agrava o processo de subordinação dos povos, através da modificação do pensar e do agir de seus integrantes, em especial de uma parcela das gerações mais jovens, mais suscetível a se deixar influenciar pela rádio ou pela televisão, no que diz respeito a seu modo de pensar, agir, mas também ao que devem desejar, quais músicas devem ouvir, a qual estilo de vida devem aspirar:

> Más que cualquier otro medio cultural, los medios masivos (en particular radio, televisión y cine) han venido a ser la arena en donde se estructura la oferta cultural y donde las identidades culturales se moldean y retratan. Como en el caso mexicano, en el que las audiencias no seleccionan conscientemente el tipo de programas que realmente necesitan o quieren, sino que eligen sólo de entre lo que está más ampliamente disponible (Lozano, 2006: 138, 147).

Esta característica que tende à homogeneização e ao monopólio mediático torna difícil a preservação de tradições específicas ou da autoconsciência de uma sociedade na qual o conteúdo dos meios consumidos pela maioria das pessoas é determinado pelas características comercialmente induzidas (Lozano, 2006).

Trata-se de um processo de comunicação que não contribui para a riqueza cultural, musical ou linguística de seus ouvintes. Ao reproduzir uma única cultura, uma única língua, não somente desconhece e desloca a pluralidade cultural, como também se torna contraditório com a própria realidade, fazendo com que os povos originários sejam colocados em condições desiguais. Ao se impor uma cultura alheia, a própria dinâmica sociocultural vai sendo minada, o que altera sua continuidade e retroalimentação:

> Si bien esas influencias externas se han dado tradicionalmente a través del contacto físico entre la sociedad y las comunidades culturales minoritarias, la historia contemporánea registra un nuevo factor de penetración de una contundencia capital en las relaciones de dominio establecidas por los grupos hegemónicos en la sociedad nacional. Este nuevo factor está integrado por los medios de comunicación de masas en general, y en particular por los de carácter audiovisual, como son el cine y la televisión. Los que han cobrado especial significación debido a la fuerza que poseen para penetrar en comunidades minoritarias sin importar su cultura y su lengua (Gil Olivo, 1984: 6).

As influências traduzem-se ao mesmo tempo em contradições, em conflitos refletidos em prestígios e desprestígios. Por exemplo, o prestígio que tem obtido certo tipo de música — neste caso, aquela comercial e a nacionalista — e o desprestígio de que tem sido objeto a música das próprias comunidades. Mas como isto tem ocorrido? O prestígio alcançado pela música comercial[33] e nacionalista tem se dado basicamente devido à sua difusão em massa nos meios de comunicação comercial e nas instituições públicas, como as instituições educativas, nas quais o Estado encontrou um espaço para a difusão da ideologia de uma única nação, uma única cultura, uma única língua e uma única música. Nas escolas, foram promovidas a música *ranchera* e o *mariachi* ao empregá-las em todas as datas comemorativas e atividades culturais ali realizadas.

A música dos povos originários, em geral, tem sido marginalizada. Quando aparece nos meios de comunicação comerciais é para ser mostrada como música “de pessoas estranhas” ainda existentes na nação, de comunidades atrasadas que carecem de

---

[33] Música comercial, cultura principal ou *mainstream* (anglicismo que literalmente significa corrente principal) é o termo utilizado para designar os pensamentos, gostos ou preferências majoritariamente aceitos em uma sociedade. Ele ganha relevância nos estudos mediáticos atuais, ao refletir os efeitos dos meios de comunicação de massas do século XX no que diz respeito à sociedade atual.
Este termo é empregado ao se falar de arte em geral e de música moderna em particular, para indicar os trabalhos que contam com meios consideráveis para sua produção e comercialização, chegando com grande facilidade ao público em geral. Um bom exemplo de *mainstream* poderia ser a cultura pop, produzida principalmente para sua comercialização e, em muitos casos, com o objetivo de gerar venda em ampla escala e, consequentemente, benefícios econômicos.
Artisticamente, portanto, este termo pode ser utilizado com um viés pejorativo, para caracterizar obras de caráter excessivamente comercial e pouco inovadoras ou artísticas. Também pode ser utilizado com um tom neutro, para indicar as obras pertencentes a artistas consagrados ou correntes artísticas consolidadas, aceitadas e consumidas em massa pelo grande público. Neste sentido, como antônimo de *mainstream* costuma-se utilizar o anglicismo *underground* (es.wikipedia.org/wiki/Mainstream).

modernização. Com esses e outros qualificativos eles têm sido depreciados, e parece que essa ideia tem sido aceita pelas gerações mais jovens dos diversos povos em questão. Mesmo que atualmente existam rádios comunitárias e culturais, sua cobertura é limitada. Elas surgiram na cena mexicana muito tempo após as rádios comerciais e, até agora, pouco têm podido fazer para reverter as condições de desprestígio nas quais se encontra a música dos povos originários.

Pude verificar que o fato de escutar música comercial ou nacionalista não incomoda às pessoas. Ao contrário, sua exaltação é assistida de modo consciente ou inconsciente por ser justamente a representação simbólica da modernidade, da *mexicanidade*. Isto vai revelando uma atitude positiva em relação à música e à língua dominantes; os povos originários vão reconhecendo tais elementos como parte dos seus, pouco a pouco vão sendo assimilados à identidade nacional, vão se assumindo como mexicanos, ainda que, ao fazê-lo, estejam esquecendo uma língua, uma cultura, uma música própria. Isto porque, justamente, "a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas" (Renan, 1882: 4).

Tanto as músicas comerciais como a música nacionalista contribuem constantemente para o fortalecimento da identidade nacional, já que o que se deseja é que todos se identifiquem com um mesmo tipo de música e esqueçam outras. Porque há que se entender o "Estado moderno como produzido por um processo totalizante que acarreta uma pressão incessante no sentido da homogeneidade, que é, simultaneamente, um processo de exclusão" (Verdery, 2000: 244).

Com isto, é possível compreender as atitudes das pessoas em face música e da língua de suas próprias comunidades, nos diversos contextos em que se desenvolvem. Não é que saibam exatamente por que lhes incomoda ouvir a música e a língua de suas próprias comunidades nos meios de comunicação. Isto pode ser compreendido a partir dos processos históricos de discriminação e exclusão dos quais têm sido objeto por pertencerem a uma cultura diferente à cultura mexicana. Isto é, não é que não gostem de sua própria música ou de sua própria língua, seria mais correto pensar que têm sido obrigados a negá-las.

Mas de onde vem esta situação? Como acontece? Segundo pude observar, as atitudes negativas foram construídas por pontos de vista vindos de fora das comunidades, primeiro pelas ações do Estado e, em seguida, pelos meios de comunicação comerciais que chegam à região e aos ouvidos das pessoas das comunidades; meios de comunicação estes que têm

contribuem para a exaltação da música e da língua que a cultura dominante considera como nacionais e modernas.

Os meios de comunicação têm a capacidade de contribuir para a construção de imaginários nacionais ou promover uma cultura dominante em detrimento da diversidade étnica. Considera-se importante o papel que desempenham porque podem fortalecer ou negar identidades culturais, expressões ou movimentos, isto vai depender do interesse de seus administradores.

No caso do México, pode-se dizer que os meios comerciais de comunicação contribuem para a *mexicanização* dos povos originários por meio da utilização do castelhano como língua única, da difusão de música comercial e daquela considerada como genuinamente mexicana. Em cada oportunidade, se faz certa exaltação da música *ranchera* e do *mariachi* como representativos da *mexicanidade*, supondo que representam todos os que vivem dentro daquele Estado-nação. O que também supõe uma desvantagem para a música e para língua dos povos originários, que praticamente não têm espaço nos meios de comunicação. Essa exclusão faz com que imaginem que não têm valor, que aquilo que aparece nos meios de comunicação é que tem valor, "é bonito, é o que está na moda", ou é moderno.

Nesta exclusão, os excluídos entram simultaneamente em um processo de assimilação que passa pela aculturação musical e linguística, elementos que se acredita que devam ser homogeneizados numa nação. Parece que este processo também obedece a um pensamento evolucionista da sociedade dominante que as diversas culturas acabam por aceitar, ideia esta que se impôs com uma violência que poderíamos chamar de simbólica.

A música e a língua são medulares na vida dos povos originários, ainda que atualmente possa parecer que as pessoas das comunidades – tanto jovens como velhos – passaram a acreditar que quanto mais alheios a elas melhor. Isto é semelhante ao registrado por Mitchell (1968), em *The Kalela dance,* sobre o prestígio adquirido por uma música e uma língua entre a população dominada, ao se referir sobre os africanos das áreas urbanas que adotaram diversas atitudes da cultura dominante:

> ...falam inglês entre si, leem os jornais locais destinados ao público europeu, comem comida típica europeia e preferem a música ocidental à tradicional e cerveja engarrafada à fermentada. Considerando-o como um estilo de vida civilizado. [Porque] o sistema de prestígio [...] então, utiliza "civilização" como padrão a ser seguido (Mitchell, 1968: 385, 387).

Neste caso, o lugar do “civilizado”, do “moderno”, do “prestigioso” é ocupado pela música transmitida pelas rádios comerciais. O “civilizado” frequentemente se refere à vida na cidade, ao fato de se falar espanhol e de ter, de preferência, a pele branca. A música e a língua da sociedade mestiça mexicana se impõem como mensageiras da modernidade e do civilizado, relegando a música e a língua dos povos originários à categoria do não moderno, do não civilizado.

A seguinte citação nos fornece um exemplo claro do que acontece no caso de México:

> En los programas de televisión, los grandes hombres con “personalidad” beben brandy, visten de traje o usan ropa deportiva, conviven en clubes y el consumo generalmente está asociado con personas que tienen autos de las más prestigiadas marcas. Un indígena no obtiene los ingresos que le permitan beber brandy, pero sí puede reemplazar el pulque (bebida embriagante hecha de miel de maguey) por la cerveza, no tiene acceso a las ropas publicitadas en la televisión, pero sí cambia su indumentaria típica por la utilizada en las ciudades (Sandoval Forero, 1994: 27)

Assim, parece que, como observa Levi-Strauss, “todas as civilizações reconhecem, uma após outra, a superioridade de uma delas, que é a civilização ocidental” (Levi-Strauss, 1976: 349). Contudo, longe disso, o que existe é uma imposição sistemática obtida por meio de certa violência ou de uma relação de poder através da qual a sociedade mestiça mexicana tem vendido sua imagem aos outros povos. O próprio Levi-Strauss assinala a origem histórica desta relação:

> a civilização ocidental [...] subverteu profundamente [o] modo tradicional de existência, quer impondo o seu, quer instaurando condições que provocavam o desmoronamento dos quadros existentes [pelo que] os povos subjugados ou desorganizados só podiam, portanto, aceitar as soluções de substituição que lhes eram oferecidas (Levi-Strauss, 1976: 350).

Trata-se da mesma situação que continua ocorrendo até hoje na sociedade mexicana: a influência permanente — ou imposição — de uma cultura nacional baseada na imagem da civilização ocidental. Mas os povos originários, por sua vez, persistem com sua música e sua língua diante destas suposições civilizatórias e imposições de esquecimento, em nome de uma nação, promovida e exaltada pelos meios de comunicação dominantes.

3.3 Rádio e música no povo ayuujk

Sin música, la vida sería un error

(Nietszche. *Crepúsculo de los ídolos*)

Os Ayuujk Jää'y são como qualquer outro povo do mundo: uma sociedade com música, língua e sociocosmologia particular, que mantém intercâmbios e relações musicais, linguísticos e culturais com outras sociedades. Uma particularidade poderia residir no fato de às vezes sofrer influências do exterior que impactam de forma negativa seus habitantes, isto é, a sociedade ayuujk é constantemente influenciada pela língua, pela música, pela imagem e pela cultura mestiça-mexicana da sociedade dominante.

Tentemos agora nos concentrar na expressão musical da região Ayuujk. Costuma-se dizer que o povo ayuujk, entre eles a comunidade de Tlahuitoltepec, tem uma música própria, no entanto, isto não é mais do que o resultado de uma série de adequações e adaptações instrumentais, de hibridações e fusões de diversas expressões musicais. Trata-se, sobretudo, do resultado da introdução, em diversas comunidades, de instrumentos musicais europeus durante a colonização, por intermédio da religião, principalmente, através dos frades dominicanos, como menciona Zavala (2010):

> En esta tierra mágica del Zempoaltepetl donde todavía se recuerda al lego Fabián De Santo Domingo, quien introdujera el conocimiento de la música europea en la región, pero sobre todo en lo mixes logrando que aun en los pueblos más pequeños siempre existiera una capilla, un capillo y un coro, y que a través de los tiempos se ha traducido en bandas de música por cientos, en grandes músicos que integran las grandes orquestas de este país y otros y siendo el orgullo de esta raza contribuir al arte universal en esta forma. "Son cantores diestros, también lo son en música y danza […] Dicen los cronistas como El Arzobispo Agustín Dávila (Zavala, 2010: s/p).

Antes da introdução da música e de instrumentos europeus, a música original da região era aquela executada com *chirimía* ou *flauta de carrizo* e tambor (Foto 11), expressão musical que, nos dias de hoje, só tem vigência em algumas comunidades. No entanto, apesar de continuar sendo uma manifestação contemporânea na região, a música de *chirimia* se viu gradualmente minimizada e deslocada por outras expressões musicais e pelos instrumentos introduzidos pelos europeus através da religião.

A música e os instrumentos introduzidos pelos missionários na região Ayuujk receberam o nome de *bandas de viento o bandas de aliento*. Originalmente, a "banda de vento" era formada unicamente por homens. A execução dos instrumentos musicas e, sobretudo, a interpretação da música litúrgica para as cerimônias religiosas eram ensinadas exclusivamente a eles.

Como as comunidades foram se apropriando dos instrumentos europeus, foram também dinamizando-os, começando a utilizá-los nos diversos aspectos da vida — dentre os mais significativos: nas festas do povo, nos funerais e nos casamentos. Repertórios musicais que não tinham nenhuma relação com o religioso começaram a ser inventados. A partir dessa adequação, a "banda de vento" foi se tornando — ou sendo chamada de — "música própria", ainda que sua construção seja recente e pertença à história da colonização. Como dito anteriormente, a "banda de vento" era formada principalmente por meninos, jovens e adultos, todos homens. Com o tempo, isto foi mudando, e as mulheres foram sendo incorporadas.

Os instrumentos presentes em uma "banda de vento" são: as percussões, o tambor, a tarola, os címbalos, o saxofone, o clarinete, a flauta, o trombone, a corneta, o alto, o barítono, o baixo, a trombeta etc. (Foto 12). As bandas executam músicas compostas por pessoas da região ou por compositores externos, peças musicais denominadas "sons regionais", ainda que também toquem adaptações de outros gêneros musicais de diversas partes do mundo.

Além da música das "bandas de vento", existe também outro gênero musical que caracteriza a região Ayuujk, executada com instrumentos de corda e chamada de "música de cordas". Como seu nome já diz, os músicos tocam instrumentos como mandolinas, violinos e guitarras para executar os *sones regionais*, expressão que tem menor presença nas comunidades, sendo poucos os músicos que a utilizam.

Paulatinamente, foram igualmente sendo introduzidos instrumentos musicais eletrônicos, cuja chegada deu origem aos *grupos musicales*. A partir do surgimento destes últimos, surgiram também novas ideias e noções em relação à música, como o *baile de feria*. Nas diversas comunidades, os *bailes de feria* ocorrem especialmente nos dias em que se realiza alguma festa religiosa em honra a algum santo da igreja católica.

Com os *bailes de feria* surge a noção de *grupos grandes, grupos famosos*. Com isto, as comunidades começam a realizar competições por ocasião de suas festas. Na região, desenvolveu-se a noção de que a comunidade que contrate um "grupo grande ou famoso" para

sua festa, com entrada na rádio e na televisão comercial, estará realizando uma "festa grandiosa", ao passo que aquela que contratar "grupos locais", "grupos não famosos", fará uma festa que não é "tão boa assim".

Essas ideias não são mais do que uma apropriação das formas externas de se conceber a festa a partir dos *bailes de feria* e de músicos famosos. Poderíamos dizer que tais opiniões surgem a partir de promoções feitas pelas rádios que, de alguma forma, passam a determinar o gosto das pessoas.

As próprias noções de "grupos famosos" e "grupos não famosos" remetem à mesma ideia: segundo a qual o que se ouve na rádio e na televisão é melhor, já que absolutamente todos os repertórios dos grupos musicais são determinados pela moda musical estabelecida pelos meios de comunicação, especialmente pela rádio comercial. Ao final, dá no mesmo, já que são contratados simplesmente para *sonar como*, para imitar alguns grupos consagrados na rádio e na televisão comerciais. Inclusive, para promovê-los, se costuma dizer: "igualzinho ao que você viu na TV ou escutou na rádio".

Este é o panorama da música na região Ayuujk, situação que deixa entrever a penetração cada vez maior da música que vem do exterior, trazida pelos meios de comunicação, pelos CDs, pelas escolas. Com isto, a música das *bandas de viento* começa a ser deixada de lado pelas mesmas razões, principalmente por sua situação de desvantagem em relação à difusão massiva da música dos *grupos musicais*, através dos meios de comunicação que chegam às comunidades:

> En la actualidad, la música mixe presenta una fisonomía claramente delineada en cuanto a melodía, armonía, ritmo, estilo y estructura formal; pero lamentablemente se observa un proceso de aculturación en las comunidades mixes, acelerado por la influencia de nuevas formas musicales difundidas por los medios masivos de comunicación e impuestas directa o indirectamente por maestros, por empleados federales y estatales, por jóvenes desarraigados que viven en la Ciudad de México o en Oaxaca, y que año tras año regresan de vacaciones a sus comunidades; esta música de consumo se entremezcla con la buena música y está modificando sensiblemente el concepto musical de la región mixe (Coss Antonio, 1982; 15).

A explicação que poderíamos encontrar é que desde que se começou a ouvir rádio na região Ayuujk, os habitantes nunca ouviram sua própria música. Quando chegou o sinal de televisão, nunca viram seus músicos ali representados. Ainda que, com o tempo, as comunidades tenham realizado produções musicais, gravações em disco de vinil, em fita

cassete, mais tarde, em discos compactos, quase ninguém se interessou em adquirir o que eles produziam.

Através da radiodifusão, a música do exterior — principalmente a que chamamos aqui de “música comercial” — foi ganhando terreno em relação à música própria. Com a expansão das rádios comerciais, bem como dos rádio receptores, por volta da década de 1970, foram sendo introduzidos novos gostos musicais nas comunidades.

Naquela época, alguns dos gêneros musicais que tiveram maior impacto nas comunidades originárias foram as músicas *ranchera*, *tropical* e *grupera*. A primeira, a *ranchera*, é identificada como um gênero musical que representa a *mexicanidade*, o nacionalismo; a segunda e a terceira, *tropical* e *grupera*, encarnam a representação de uma música da moda, a simples difusão de um gênero que todo mundo gosta. Ainda que essa ideia de agradar “a todos” na realidade esconda a repetição e a imposição do gênero, como comenta Cornejo Portugal (1994), em um estudo realizado na serra norte de Oaxaca:

> La preferencia del auditorio se conforma, como era previsible, a partir de 1a oferta radiofónica del área investigada. Los entrevistados mencionaron la música ranchera y la tropical como los géneros de su mayor predilección. En tercer lugar, aparece la música romántica y las baladas. Asimismo, los programas preferidos por el auditorio son aquéllos definidos como de entretenimiento y distracción (música en general, música para bailar). Por otra parte, los programas de orientación y los educativos no tienen ninguna representatividad (Cornejo Portugal, 1994: 43).

Esta preferência do público pela música *ranchera* e *tropical* demonstra o impacto das rádios na construção de certo gosto musical, o que nos leva a dizer que não se escolhe a música da qual se gosta, é mais certo dizer que se começa a gostar da música que está aí o tempo todo tocando, horas e horas a fio, dias e meses. E assim as pessoas vão crescendo com a música e a linguagem oferecidas pelas rádios. A seguinte anedota ilustra algo da situação:

> Recuerdo que cuando era niño siempre escuchaba la radio, sin saber qué era y solo por intuición sabía que nos llegaba de por allá de algún lugar lejano. Recuerdo también que en ese entonces teníamos un viejo sintonizador de radio, que ya ni el boton sintonizador tenía, pero era muy bueno para captar las señales tanto del A.M. como del F.M y parece que de onda corta.
>
> En ese entonces escuchábamos mucho la dichosa estación llamada “La máquina tropical” o “La grupera”, porque al parecer mi padre gustaba de escuchar los éxitos del momento que se transmitían por esa estación, algunos de los que recuerdo es el “Pollito con papas” del “Súper Show de los Vázquez” así como algún otro éxito de un tal llamado “Chucho Pinto y sus Casinos”.

> Con esa idea crecí, de escuchar “sólo éxitos” en las radios, que entonces no sabía que se trataba de radios comerciales. Nunca escuché la música de mi pueblo por ese pequeño aparato. En mi más inocente pensamiento justificaba la ausencia por lo mismo de que debía ser muy lejos aquella estación que escuchábamos, porque siempre oíamos decir “la máquina tropical, desde Xalapa, Veracruz” o “la grupera, desde Coatzacoalcos, Veracruz” y por supuesto que también apenas entendíamos el castellano, al igual que apenas y conocíamos nuestro pequeño pueblito y otros cerros que veíamos desde nuestros cerros, por lo que solo imaginábamos aquellos lugares lejanos que eran nombrados por la radio. ¿Xalapa? ¿Veracruz?, ¿Radio?, ¿éxito? ¿Show?, ¿compra esto, compra lo otro? La verdad nunca entendíamos bien, pero bien que nos empezaron a gustar los éxitos, bien que fuimos aprendiendo los nombres de los grupos musicales que escuchábamos por la radio, ya hablábamos de *Los Bukis*, de *Bronco*, de *Temerarios*, del *grupo lluvia*, los *Bybys*, de *súper show de los Vázquez*, de *Campeche show*, de *Brindis*, etcétera, etcétera.
>
> Eso hacíamos exactamente, repetir lo que oíamos por la radio y oír con gusto la música que ahí transmitían hasta el grado de cantarlas. Recuerdo que hasta teníamos que aguantar las ansias que pasábamos por un programa, en el que supuestamente los radioescuchas realizaban llamadas telefónicas para decidir qué grupo musical iba tener el privilegio de salir al aire en ese momento, por supuesto que nosotros teníamos nuestros favoritos, pero ni teníamos teléfono para llamar a la estación.
>
> Tan grande era nuestra estupidez que llegamos a creer en ese tipo de programas en el que supuestamente el auditorio escoge la música a ser transmitida, cuando en realidad la radio nos había impuesto la música que deberíamos desear escuchar. Como se dice ¿Imaginar la radio? Quizás muchas veces, quizás pocas veces, porque más que imaginar nos enajenaba (Relato de Floriberto Vásquez, 2012).

É principalmente através da rádio que certos gêneros musicais são introduzidos na vida dos povos originários, especialmente a música da moda. Para além deste meio de comunicação, os gêneros musicais comerciais encontram com facilidade outras formas de difusão, como a venda de discos, os *bailes de feria*, a televisão e, nos dias atuais, as novas formas portáteis de se ouvir música.

Essas modas musicais também têm marcado diferenças geracionais. Por exemplo, na década de 1970, a música *rancheira* era aquela com maior difusão. Os jovens que a escutavam na ocasião, hoje adultos ou idosos, permanecem com esse gosto musical que marcou a década, o mesmo ocorrendo com a música tropical, ouvida sobretudo pelos atuais adultos.

Com o passar do tempo, a rádio foi transitando entre as diversas modas musicais, implantando gostos de geração em geração. Assim, a *grupera*, a *reggeatonera,* a *duranguense,* a *sinaloense* etc. foram marcando gerações, que podem ser distinguidas por seus gostos musicais, claramente construídos a partir da moda musical ditada pelos meios de comunicação em cada época.

Se, por um lado, constrói-se prestígio em torno da música comercial e do apreço por ela, por outro, cria-se desprestigio e destroem-se gostos musicais. É lamentável constatar que, no âmbito musical, também tem prevalecido a ideologia do evolucionismo, difundida até mesmo por alguns acadêmicos, o que reflete o pensamento da sociedade dominante — neste caso ocidental — sobre a qualidade ou a validade da música de outros povos. Por exemplo, Echanove (1959), sociólogo da década de 1950, expressava do seguinte modo sua percepção:

> Hay naciones más desarrolladas que otras desde el punto de vista musical. Las europeas son las que ocupan el lugar más alto en esta evolución […] En cuanto a la calidad de la música ligera, digamos que la música popular europea […] se halla bastante por encima del primitivismo de la música negroide o indigenoide del Nuevo continente. […] En todo caso, la superioridad cualitativa de la música ligera europea constituye algo que no puede destruirse con la simple hipótesis de que las melodías y formas musicales negroides e indigenoides de la América podrían también transformarse, en manos de buenos compositores americanos, en nuevos grandes estilos, comparables a los desarrollados ya en el viejo mundo (Echanove, 1959: 15).

Esta história de desprestígio não tem nada de recente, como anteriormente mencionado, remontando à imposição da música europeia durante a época colonial, com seu discurso de uma suposta superioridade musical. Ao se afirmar como "mais civilizada", de "melhor qualidade", as outras expressões musicais eram relegadas a "música primitiva", música *indigenoide*, "música pagã":

> No hace falta decir que la autoridad colonial intentó controlar todas estas expresiones populares espontáneas clasificando moralmente la música, castigando con el oprobio público a aquellos que la ejercieran sin permiso, asociando designaciones negativas a las músicas y a los músicos castigados y ejerciendo un monopolio del buen gusto, al conceder las licencias para fabricación de instrumentos y para la impresión de música, y al organizar los grandes eventos cívicos musicalizados […] Mientras por otra parte se empezó a construir lo prestigioso tanto en la música como en los instrumentos. Así, la vihuela, el arpa y la guitarra eran los instrumentos más comunes entre los españoles y criollos blancos, y aparecían en entornos urbanos controlados por las autoridades coloniales que podían asegurar la reproducción y la asimilación de los valores y objetos que consideraran como civilización; este control también implicaba el poder de rechazar, estigmatizar, perseguir y destruir lo que no se consideraba cultura o lo que se consideraba una amenaza para ese ordenamiento del mundo, como los bailes y reuniones de indígenas y negros, con todo su despliegue de cultura material (Isaza Velásquez, 2009: 65, 71).

Após mais de 500 anos, essa mesma política continua imperando sobre os povos originários contemporâneos, imposições e invasões que são perpetuadas pela era neoliberal, sistematicamente produzidas e reproduzidas pelos meios de comunicação, de modo que não podemos continuar ingenuamente a nos perguntar qual seria o impacto da rádio comercial sobre os Ayuujk. Os meios de comunicação, até pouco tempo atrás, somente serviam para dar continuidade à negação e à agressão às quais os povos originários são submetidos. Os efeitos sobre eles são evidentes.

A função dos meios de comunicação como perpetuadores dessa relação colonialista e neocolonialista é traçada sob o discurso da modernização e do progresso, a música civilizada ocidental sendo substituída pela música comercial ou música da moda, que passa a ser imposta às demais sociedades:

> Los medios de in-formación masiva (in-formación: no formación, volver informe) llevan su mensaje de manera desigual a los diferentes sectores de la sociedad mexicana. Tienen más incidencia entre quienes participan del México imaginario, porque están diseñados fundamentalmente para esa parte de nuestro mundo. Son esencialmente unidireccionales, centralizados y urbanos. Su horizonte de preocupaciones no incluye al México profundo: éste aparece en ellos como lo externo, insólito, pintoresco pero sobre todo peligroso, amenazante, profundamente incómodo. La civilización mesoamericana, para ellos, no existe: es mera referencia para orientación turística. El público al que se dirige, público cautivo, es el que participa o ya cree en el México imaginario: para ése son las noticias, las opiniones, las imágenes y los sonidos que proponen un modo de entender y llevar la vida que no está al alcance de todos pero al que debe aspirarse (Bonfil Batalla, 1987: 180).

Definitivamente a mídia — seja rádio ou televisão comercial — sintonizada na região Ayuujk contribui para a deformação da cultura das comunidades locais, invadindo os espaços de produção e reprodução da música e da língua, e dessa forma, se introduzindo na vida quotidiana, transformando a conversa sobre a vida local em conversa sobre as telenovelas transmitidas por televisão e orientando o gosto para o consumo da música da moda transmitida pela rádio.

Dizem que a música faz parte do simbolismo das culturas. Se assim é, tomo a liberdade de dizer que ela também pertence à sua ideologia. É notório que através da música são introjetadas ideologias, como no caso dos hinos nacionais e de outras canções nacionalistas. Através da música pode ser exercida uma violência simbólica, como diz Bourdieu (2010), que se veio exercendo sobre os povos originários.

Nessa direção, o gosto por um determinado gênero musical não está determinado somente pelo capital intelectual, ou pelo pertencimento a uma classe social, mas também devido a certo grau de violência mediática musical. Por meio de uma constante repetição musical podem ser impostos gostos musicais à sociedade que é vista como simples consumidora, gostos estes que se tornam descartáveis quando surgem novas modas, criadas e construídas pelos mesmos meios de comunicação:

> En la producción masiva contemporánea la novedad rápidamente se torna en uniformidad y pierde su atracción […] Por lo que por un tiempo, individuos y grupos humanos se identifican con expresiones musicales ya porque sean manifestación de intensas experiencias emocionales, por estar insertas en procesos constitutivos de sus sociedades, o porque son generadas por instrumentaciones o manipulaciones políticas o comerciales (Pardo Rojas, 2009: 19, 37).

O povo Ayuujk não está isento dessas uniformidades musicais. Nenhum povo escapa dessa "tortura musical", desse costume moderno de adorar determinada música, determinados artistas, determinados gêneros, só para se sentir "na moda", se sentir moderno, mesmo sacrificando a diversidade musical, mesmo provocando um suicídio musical.

Sem dúvida, os meios de comunicação são construtores dos gostos musicais, dos quais a população ayuujk não escapa. Alguns registros e observações podem ilustrar o papel dos meios de comunicação no que se refere a essa construção dos gostos musicais. Para tanto, realizo descrições de algumas observações em território ayuujk e de conversas espontâneas que tive com alguns ouvintes de rádio e colaboradores da Rádio Jënpoj. Deixo claro que esta descrição é feita a partir de minha posição como colaborador desta última:

> Una vez fui abordado por un señor, un radioescucha, que me hizo una pregunta específica sobre la transmisión de cierta música a través de la radio. La conversación comenzó con una pregunta que él me lanzó en los siguientes términos ¿Por qué no ponen buena música en la radio? Pregunta que me dejó pensando por unos segundos, para después, mañosamente, redirigir su propia interrogante ¿Par ti cuál es la buena música? Con esa pregunta mi intención era saber su idea de "buena música", para yo después explicarle los motivos, si lo había, de por qué no transmitíamos esa buena música por la que me preguntaba. Pero mi cuestionamiento en vez de abrir una conversación larga provocó una reacción contraria, mi interlocutor inmediatamente abandonó la conversación, dejándome con la duda de cuál era esa buena música al que él se refería.
>
> Pero tiempo después escuché el relato de una conversación similar por un colaborador de Radio Jënpoj, a él le habían hecho el mismo cuestionamiento. La diferencia es que a él sí le dijeron cuál era la que consideraban la buena música, ahí aparecieron algunos

> nombres de agrupaciones como los "Temerarios, Brindys, Bronco, los Bukis" etc., que básicamente son agrupaciones que tocan música tropical y grupera.

Trata-se de uma lista curta, mas significativa, já que sua característica comum é a de terem se tornado "famosos" por meio da constante difusão, promoção e repetição de sua música nas rádios comerciais. O que se deseja ouvir em uma rádio comunitária é a mesma música transmitida pelas demais rádios, as rádios comerciais.

Por não encontrarem "boa música" nas rádios comunitárias, alguns ouvintes decidem simplesmente não sintonizá-las, porque nelas só se transmite o que, segundo deles, já não está mais na moda. Tal situação nos leva a pensar que as pessoas que emitem essas opiniões possam querer dizer que, na rádio comunitária, só se transmite "música ruim", quando na verdade, o que ali se difunde é a música de diversos povos do mundo e, sobretudo, da própria comunidade, dos povos vizinhos e dos outros povos originários. Parece que esses gêneros musicais são exatamente aqueles dos quais não gostam. Sua própria música não entra no padrão do bom gosto, como também não gostam que seja transmitida nas rádios, não gostam de ouví-la em público, porque entedia, porque não é "boa música".

Interessante observar que os grupos que os ouvintes de rádio consideram bons são aqueles que marcaram época nas décadas de 1980 e 1990, a partir de sua difusão em massa nas estações comerciais de rádio. A repetição e a constante promoção de um determinado gênero musical nos meios de comunicação é um fator determinante dos "gostos". Isto pode explicar em parte essa demanda atual dos ouvintes para que a rádio Jënpoj transmita "boa música". Eles acabam acreditando que tudo aquilo que escutaram e escutam nas rádios comerciais é o que é, de fato, "boa música". Ainda que seja uma estética e melodicamente horrível, terminam aceitando-a como "boa música" porque é o que se escuta na rádio.

Outra observação nos fornece um panorama mais claro da desvalorização ou da falta de apreço pela própria música, o que não seria mais do que a construção do seu esquecimento. Recorrendo aos registros efetuados, podemos encontrar indícios para entender esse discurso sobre a "boa música" e sobre o que se considera implicitamente de "má qualidade", isto é, aquela música da qual não se gosta, que só gera incômodo, vergonha, quando ouvida em outro lugar que não na própria comunidade. O seguinte exemplo ilustra com muita clareza a definição da "boa música", da música apreciada e da não apreciada:

> Estaba yo en la comunidad vecina de Ayutla esperando el transporte colectivo que me llevaría a la comunidad de Tlahuitoltepec. Me había puesto a esperar a un lado del transporte colectivo, a um'os pasos. Un poco más lejos estaba el conductor conversando con algún amigo transportista, mientras que por el estéreo del carro se escuchaba la radio comunitaria Jënpoj que transmite desde Tlahuitoltepec. En ese momento estaba al aire una melodía musical identificado como música "árabe", sintonizado en un volumen suficiente ya que se alcanzaba escuchar fuera del transporte. Al terminar aquella música hubo un breve intervalo de avisos e identificación de la radio, después entró al aire una pieza de música de "banda de viento" – como ya se ha dicho, es característico del pueblo Ayuujk y se toca en la mayor parte de las comunidades — en cuanto el chofer – joven por certo – escuchó aquella pieza, se dirigió de prisa, desde donde estaba conversando con sus amigos transportistas, hacia la cabina de su carro y enseguida bajó el volumen al estéreo, para rápidamente cambiar de estación de radio, buscando apresuradamente cualquier otra frecuencia, cuando finalmente sintonizó una frecuencia de radio comercial donde sonaba música pop, volvió a subir el volumen del estéreo y regresó a conversar.

Este exemplo nos revela um julgamento de valor a respeito do que se considera boa música. De forma consciente ou inconsciente, repetem-se palavras, ideias, preconceitos. O trecho reproduzido aqui nos mostra a intolerância das pessoas das comunidades em relação à sua própria música e o prazer que sentem ao escutar a música vinda de fora, a música comercial:

> [Al parecer] no sólo sabemos qué es lo que nos gusta; también tenemos una idea clara de qué es lo que no nos gusta y llegamos a referirnos a la música que aborrecemos en términos muy agresivos (Simon Frith, 2001: 422).

O enunciado que melhor descreveria as atitudes de algumas pessoas na região Ayuujk é que "envergonham-se de sua própria música", "desprezam a música de sua comunidade", sobretudo quando a escutam na rádio em um espaço público. Essa atitude revela o fato de se querer evitar que a música tradicional das comunidades seja ouvida em "alto e bom" som diante de pessoas que não pertencem às comunidades. Tal situação também explica um pouco o fato de alguns ouvintes de rádio se queixarem da programação dos diversos gêneros musicais transmitidos pela rádio Jënpoj.

Por outro lado, ao se indagar a respeito da música de "banda de vento", tem-se como resposta avaliações que podem parecer simples e que, apesar de variarem de tom, em geral, têm em comum as seguintes afirmações: "dessa música, eu não gosto; é feia, já passou de moda; isso é para os velhos, ou, de que me serve escutá-la?", entre outras frases parecidas.

Sendo assim, se conclui que a música pop, a música transmitida e escutada pelas rádios comerciais é aquela da qual gostam, é a ouvida pelos “não tão velhos”. Em resumo, essa oposição nos faria dizer que, no território Ayuujk, se prefere escutar a música comercial em detrimento da música das próprias comunidades porque a primeira está na moda e a segunda, não.

***

Até aqui, toda a análise efetuada consistiu na descrição da relação antagônica entre a música dos povos originários e a música comercial, situação na qual a rádio comercial constitui um instrumento de difusão e de orientação do gosto por determinada música e do desprezo por outras — neste caso específico, pela música da “banda de vento”. Antes da implantação da rádio comunitária na região Ayuujk, os únicos modelos que se conheciam eram a rádio comercial e a pública. A primeira sempre contou com maior potência, presença e audiência entre os ouvintes do território Ayuujk, fornecendo prestígio a determinados gêneros musicais e desprestígio a outros.

No entanto, como geralmente se costuma dizer, nem tudo é preto ou branco. Sendo assim, nos dias de hoje, verificam-se matizes e contrastes na radiodifusão no México. Como meios de comunicação, as rádios podem ser úteis para a sociedade. O problema é que, em geral, estão concentradas nas mãos de empresários que têm mais interesse no lucro do que em problemáticas sociais. Por esta razão também se costuma dizer que “não se deve odiar os meios de comunicação, mas antes torná-los livres”, diversificá-los, reivindicá-los.

No entanto, mesmo existindo uma imposição generalizada da música comercial aos ouvintes de rádio, também se verifica certa diversidade musical para além do antagonismo entre a música da região Ayuujk e a música comercial. Esta última, mesmo tendo sido absorvida, de forma generalizada, no gosto das pessoas, felizmente não consegue se colocar por completo como a música preferida de todos. Podemos observar que a música dos povos originários — como, neste caso, a “banda de vento” — também mantém alguns espaços de prestígio, ainda que geralmente de alcance local. Tal situação demonstra que nem todas as pessoas das comunidades têm opiniões negativas em relação à sua música. No caso dos habitantes do território Ayuujk, nem todos menosprezam a música de “banda de vento”, ainda que, como já disse, tampouco falte quem o faça.

Por outro lado, há que se levar em consideração que:

> [...] a população indígena de hoje é multicultural, também acede ao rock, à cultura punk, à moda, [mas] nós todos seguimos, como que castigando, dizendo não podem ser modernos, não podem ser roqueiros, no podem ser... então está aí um castigo que se vai dando de certa maneira (Muñoz Cruz, 2012: s/p).

É relevante e interessante observar que há pessoas que envidam esforços para conciliar diversos gostos e gêneros musicais. Assim, podemos ver os que gostam da música *tropical, grupera, duranguense, reggaetón, rancheiro* dançando ao som da música de "banda de vento", bem como aqueles mais afeitos à música punk, reggae, rock, ska, hip hop, rap etc. Mas todos estes, em diversas ocasiões, podem ser observados juntos desfrutando o som das "bandas de vento".

Na região, podem ser encontrados diversos sons, estilos e gostos musicais. Isto é uma mostra de que outros meios de comunicação também exercem suas influências por ali. Além da música frequentemente transmitida pela rádio comercial, também se encontram gêneros musicais que chegam à região por outros meios de difusão. Essa diversidade pode ser mais bem observada agora que existem novos aparelhos tecnológicos a difundir música e imagens de forma digital.

Se as músicas *ranchera, tropical* e *grupera* foram os primeiros gêneros a terem entrada na região Ayuujk, a partir da década de 1990, sobretudo, ali também se começou a ouvir rock, punk e heavy metal.[34] Num momento posterior, rap, hip-hop, ska, reggae, entre outros gêneros considerados *underground* foram igualmente introduzidos na localidade.

Estes últimos não chegaram ali pela via da difusão pelas rádios comerciais, o que seria inimaginável, como tampouco pelas rádios públicas — uma vez que também são socialmente considerados "músicas não dignas de serem transmitidas pela rádio". Esta introdução de novos gêneros musicais na região geralmente se deu pelo intercâmbio estabelecido entre os diversos territórios e espaços, pelo fluxo de pessoas da região para outros lugares, principalmente para as cidades, seja como trabalhadores ou como estudantes.

---

[34] Dentro do universo do rock, o heavy metal constitui um dos segmentos mais extensos e irredutíveis. Suas origens remontam à segunda metade da década de 1960, quando teve início o culto aos guitarristas e se incrementou em volume e crueza o arsenal sonoro que tinham à sua disposição. Depois de Led Zeppelin, Deep Purple, Black Sabbath e demais grupos britânicos que assentaram as bases do gênero, o heavy metal conheceu uma rápida expansão internacional, centrada, sobretudo nos Estados Unidos e, até hoje, continua mantendo uma vastíssima audiência. Na atualidade, o termo engloba desde os bramidos de guitarristas desbocados e autênticos como Ted Nugent até os sons polidos de grupos mais *light* como Europe ou Bon Jovi (*El País Semanal*, 1989).

A presença dos gêneros musicais *underground* na região se explica basicamente pelo fato de, em algum momento, os jovens se encontrarem e identificarem com esse tipo de música com a qual travam contato no ir e vir entre diversos espaços socioculturais. Esses gêneros também marcaram algumas gerações, do mesmo modo como a música difundida pela rádio comercial.

Então, se por um lado, parte da população parece consumir simplesmente o que lhes oferece pela rádio, há outros que estão constantemente transitando entre os diversos gêneros musicais, o que permite inovar, diversificar, reinventar. Isto é, se por um lado existem consumidores passivos, por outro, existem também aqueles que diversificam seus gostos musicais, sem deixar de lado o gosto e a preferência por sua própria música, pela música da "banda de vento".

Por esta razão, eu dizia que a sociedade ayuujk é como qualquer outra, já que nela coexistem diversos gêneros e gostos musicais. Ainda que a música difundida pela rádio comercial tenha maior predomínio, a música das "bandas de vento" também ocupa um lugar importante nos espaços de convivência das comunidades.

Atualmente, diversos gêneros musicais são escutados na região, bem como muitos são os músicos locais que vão experimentando novidades. Começa-se a diversificar a música, no sentido do que é ouvido, mas também do que é criado: são feitas novas versões e composições com diversos instrumentos musicais, bem como com aqueles típicos das "bandas de vento".

3.4 Rádio e língua no povo ayuujk

> *Debemos superar la etapa de autovictimización y dejar de señalar a la Oficina de Asuntos Indígenas, las escuelas misioneras, los medios de comunicación y las escuelas públicas como las causas de que nuestros idiomas se estén perdiendo. Aunque estamos en lo cierto, cuando les culpamos por la pérdida de nuestros idiomas, queda el simple y puro hecho de que estas entidades no nos van a ayudar a restaurar, revivir o preservar nuestros idiomas. No tienen interés alguno en estos esfuerzos por preservar nuestras lenguas. De hecho, están por tener éxito en lograr aquello para lo que sí tienen interés: matar nuestros idiomas.*
>
> Richard E. Littlebear. Prefacio a *Stabilizing Indigenous Languages* (1996).

Para os povos originários do México, a oralidade e a imagem são elementos de grande relevância e transcendência, "forman parte essencial del comportamento comunitario. Esto no es extraño si recordamos la influencia del jeroglífico e incluso del chisme como formas de convivencia general" (Martínez Luna, 2004: 340).

A oralidade, no caso específico do povo ayuujk, é o meio de comunicação por excelência, elemento que se mantém, reproduz e manifesta através do uso da língua, "en las canciones, en el teatro, en la danza, garantizando la reproducción de valores" (idem: 352).

A imagem também constitui um meio de expressão e de comunicação importante para os Ayuujk. Como diz Martínez Luna (2004):

> la pictografía, el carácter, el jeroglífico, significaron la tecnología educativa más avanzada entre los pueblos originarios, que fue aplastada ante la imposición de la lecto-escritura. [En estos tiempos de innovaciones tecnológicas] el manejo del video surge como reproductor de la apreciación de la imagen como método educativo (Idem: 352).

Nesse sentido, a rádio, a televisão e o vídeo são considerados instrumentos adequados para a reprodução, a multiplicação e a expansão da oralidade e do imaginário dos povos. No entanto, na realidade atual, são poucos os meios de comunicação que dão espaço aos povos originários e inexistem políticas públicas que viabilizem esta participação. Pior ainda, as políticas linguísticas e de comunicação são contrárias à oralidade e à imagem dos povos, impedindo a construção de seus próprios meios de expressão.

Ao se falar em oralidade ou cultura oral não se pode confundir com analfabetismo, pois esse conceito não constitui senão uma semântica de discriminação, de subjugação das culturas orais pelas culturas escritas.

Quando falamos em oralidade e imagem e de sua relação com os meios de comunicação, estamos falando da importância destes últimos para os povos originários. Se para as culturas escritas, papel e lápis são imprescindíveis para a aprendizagem e a reprodução de suas línguas, para as culturas orais, a rádio e a televisão tornaram-se, nos tempos atuais, fundamentais para a aprendizagem e a reprodução de sua oralidade. Fundamentais também no sentido de que a atual situação de exclusão e de discriminação das línguas originárias nos meios de comunicação não é nada agradável. Como já mencionado na seção sobre a distribuição do espectro rádio elétrico, “ninguno de los canales comerciales de televisión emite programación en lenguas indígenas” (Castells i Talens, 2006: 35) e cerca de 2% das rádios *permisionadas*, representadas pelas rádios indigenistas e comunitárias, transmitem programação em línguas originárias, enquanto o restante, que representa cerca de 98% das rádio difusoras no país transmitem única e exclusivamente programações em língua castelhana (COFETEL, 2012).

Por que tanta insistência nesta questão dos meios de comunicação que transmitem ou não programas em línguas originárias? Porque se acredita que os meios de comunicação influem de alguma forma nos processos linguísticos dos povos. De um ponto de vista sociolinguístico os meios de comunicação podem:

> … conferir prestigio a determinados modelos lingüísticos que la audiencia imita […] El lenguaje de los medios de comunicación representa, aquella situación en la que “la minoría habla a la mayoría”. La sociedad moderna se halla saturada del lenguaje de los medios. Por ello, la influencia lingüística – e ideológica – de éstos es enorme (López González, 2002; 38).

No México, a expressão pública das línguas dos povos originários tem sido negada e reprimida, enquanto os falantes de castelhano têm sido privilegiados no uso dos meios de comunicação, obtendo prestígio para sua língua que, de fato, está exercendo influência sobre a maioria das línguas dos povos originários no país.

Se a princípio foi a escola a responsável por introduzir (impor), de maneira direta, a língua, os valores e os conteúdos culturais da sociedade dominante, agora são os meios de comunicação a levar a cabo esta missão, descartando por completo a cultura e a língua dos

povos originários, consideradas atrasadas, anacrônicas e inúteis no mundo moderno (Bonfil Batalla, 1985):

> Las escuelas, los nuevos ambientes de trabajo y los nuevos medios de comunicación, incluidos la radio, la televisión e Internet, suelen servir únicamente para extender el campo de acción y el poder de una lengua dominante a expensas de las lenguas amenazadas. Aunque no se pierdan los ámbitos existentes para la lengua en peligro, el empleo de la lengua dominante en ámbitos nuevos puede tener una fuerza hipnótica, como sucede con la televisión (UNESCO, 2003).

No México, o castelhano é a única língua que tem conseguido estender seu campo de ação devido ao privilégio de sua transmissão por diversos meios de comunicação e de seu uso em diversos espaços, que transcendem o doméstico, e ao ser considerada uma língua prestigiosa, invadindo também os espaços íntimos das demais línguas. A transmissão e a reprodução da língua dos povos originários, por sua vez, se viram reduzidas aos espaços doméstico e *comunal*, com nenhuma possibilidade de acesso aos meios de comunicação. Estes últimos reforçaram o prestígio da língua castelhana, o que, por sua vez, tem gerado um estigma para as demais línguas, estigma este que infelizmente os próprios povos originários admitem, assumem e reproduzem. Nesse sentido:

> El prestigio puede ser considerado bien como conducta, bien como una actitud. Esto quiere decir que el prestigio es algo que se tiene y se demuestra, pero también es algo que se concede. Es un proceso de concesión de estima y respeto hacia individuos o grupos que reúnen ciertas características y que lleva a la imitación de las conductas y creencias de esos individuos o grupos (Moreno Fernández, 1998: 189).

O prestígio do castelhano tem sido favorecido por atitudes positivas dos falantes das diversas línguas originárias no México:

> Los miembros de una comunidad lingüística no suelen ser neutrales hacia su lengua. Puede ocurrir que la consideren esencial para su comunidad y su identidad y la promuevan, o que la utilicen sin promoverla, o que se avergüencen de ella y por lo tanto no la promuevan, o que la consideren un impedimento y rehúyan su utilización (UNESCO, 2003).

Em muitas ocasiões, o que geralmente ocorre com as línguas originárias é algo mencionado no trecho citado: os falantes se envergonham de usá-las devido ao estigma que carregam, devido ao desprestígio histórico do qual não conseguiram se livrar até agora. Desprestígio este que não provém somente dos meios de comunicação, nem da opressão social ao qual têm sido submetidos. Trata-se de um fomento levado a cabo por diversas políticas do Estado mexicano. Uma dessas ações é o “planejamento linguístico” através do

qual o Estado se outorga o direito de intervir sobre as línguas que estão dentro de seu território.

O planejamento linguístico se impõe a partir da suposição de que as corporações políticas, os Estados, os impérios requerem uma língua unitária visando à identificação da população com o Estado ou com o país (patriotismo), ou quando se considera que o multilinguísmo gera obstáculos à divulgação de determinadas ideias em geral úteis aos que detêm o poder (Zimmermann, 1999).

Não é surpreendente que após muito tempo de dominação e de colonização, os falantes se envergonhem (de) e se recusem a falar suas próprias línguas em meios e espaços públicos. Trata-se de uma atitude fomentada pelo racismo e pelo desprestígio proveniente das opressões do Estado através das políticas linguísticas instauradas.

A negação da própria língua, o desprestígio, a proibição histórica de seu uso em espaços públicos e sua ausência nos meios de comunicação são alguns fatores que contribuem para a minimização das línguas originárias. A população em geral tem sido acostumada a ver, ouvir e imaginar os meios de comunicação somente no idioma castelhano. Quase ninguém conhece uma estação de rádio ou televisão falada em língua originária, como também quase ninguém se dispõe a fazê-lo.

As rádios indigenistas operadas pela CDI, algumas rádios públicas dos governos dos estados e as rádios comunitárias emergentes realizam trabalhos radiofônicos focados nas línguas originárias, o que as torna diferentes das demais rádios, que só transmitem em castelhano. Sua audiência, no entanto, é quase que exclusivamente composta por membros das comunidades originárias, dificilmente atingindo a população falante do castelhano, ao contrário do que ocorre com a radiodifusão nesta língua, sintonizada de forma generalizada tanto pelos mestiços quanto pelos povos originários. Estes últimos, de algum modo, veem-se forçados a sintonizar rádios em língua castelhana devido ao predomínio de emissoras nesta língua e da falta de ofertas radiofônicas que levem em conta suas línguas.

As rádios de caráter indigenista e comunitárias estão abertas tanto às línguas originárias quanto à língua castelhana, mas tanto os meios públicos quanto os privados permanecem optando pelo monolinguismo castelhano. Os primeiros promovem e difundem o conhecimento das culturas originárias inclusive entre a população não indígena, mas os segundos, como meios dominantes, têm permanecido imutáveis, carecendo de obrigações

interculturais e permanecendo fechados às audiências originárias. Como em outros casos de discriminação linguística, o bilinguismo é exigido para o falante da língua dominada, mas não pra aquele que fala a dominante:

> A pesar de su peso demográfico, la expresión colectiva de los pueblos indígenas ha sido suprimida del espacio público mediático […] Primero la prensa escrita y después los medios electrónicos han ignorado de manera sistemática las opiniones y la lengua de los pueblos originarios. Por lo que no sería aventurado afirmar que el espacio público mexicano excluye a los pueblos originarios tanto en los medios como en la formación de la opinión pública (Castells i Talens, 2006: 36, 38).

Se, por um lado, os meios de comunicação excluem algumas línguas e, por outro, conferem prestígio a outras, então poderíamos pensar numa alternativa, no sentido da contribuição que podem exercer na difusão da pluralidade linguística, sobretudo, na reconstrução do prestígio das línguas minimizadas.

Os próprios meios de comunicação — em especial a rádio — podem ser elementos importantes para reverter os efeitos negativos que o estigma e o desprestígio têm gerado sobre a oralidade e imagem das comunidades originárias. Nesse caso, as rádios comunitárias podem ser atores importantes para a reconstrução do prestígio da diversidade linguística e musical destas últimas.

A um meio oral como a rádio correspondem, necessariamente, tarefas inevitáveis, como o resguardo, a ampliação e a difusão da língua (Cristina Romo, 1997). Em geral, as novas tecnologias da informação podem ser úteis para a reivindicação do uso das línguas originárias se os próprios povos originários voltarem-se para esses objetivos. Os meios de comunicação podem ajudar uma língua a conquistar uma audiência maior e sair da marginalidade (Jacques Guyot, 2006) ou, em outros casos, ajudar a reverter a morte das línguas minimizadas.

As rádios comunitárias, localizadas em regiões multilinguísticas, têm essa intenção. Algumas nasceram justamente devido à preocupação com o uso da própria língua nos meios de comunicação. Os comunicadores comunitários têm consciência de que os meios de comunicação podem permitir que as línguas originárias ultrapassem o âmbito familiar ou comunal para transcender em direção a outras sociedades, reconstruindo o prestígio das línguas minimizadas tanto entre as próprias comunidades originárias como para além delas.

Os meios de comunicação podem ajudar uma língua originária a ser utilizada dentro e fora de seu território, em qualquer espaço público:

> Al impacto real de una programación en lengua originaria se le suma un efecto posiblemente más importante a largo plazo: el de legitimar y crear un espacio público para la lengua y la cultura. Sabemos que la mayoría de las lenguas originarias en América Latina, han sido históricamente perseguidas y denigradas y la opresión las ha convertido en lo que Clemencia Rodríguez llama "lenguas tímidas", es decir, lenguas que se quedan en casa y no se atreven (o no pueden) salir a lugares públicos. Al transmitir en lenguas originarias por un medio de comunicación moderno, se manda el mensaje de que modernidad y culturas originarias no están peleadas (Castells i Talens, 2006: 49).

***

No caso específoco da região Ayuujk, ali podem ser sintonizadas rádios comerciais, públicas, indigenistas e comunitárias. O panorama geral é a predominância das rádios comerciais transmitidas a partir dos centros urbanos tanto de Oaxaca como de Veracruz. Com isso, predomina a difusão da música comercial e do castelhano.

Duas únicas rádios transmitem programações em língua ayuujk: a rádio indigenista XEGLO La Voz de la Sierra Juárez e a comunitária XHJP Rádio Jënpoj. A rádio indigenista, com potência de 10.000 watts, tem programações em língua ayuujk, bem como em zapoteco e chinanteco; a comunitária, com potência de 1.000 watts, transmite exclusivamente em ayuujk. Ambas as estações também incorporam em suas programações o uso do castelhano.

Nesta região, a presença de rádios com programas dedicados à língua ayuujk data de 1990, com a chegada da XEGLO, La Voz de la Sierra Juárez. Atualmente, esta estação de rádio tem uma desvantagem na emissão de seu sinal, pelo fato de transmitir em Amplitude Modulada, motivo pelo quel não é captada com clareza na região Ayuujk. Com base em uma apreciação geral, muitos ouvintes sintonizam com maior frequência as estações que transmitem em Frequência Modulada. Por esta razão, a XEGLO, La Voz de la Sierra Juárez é pouco sintonizada e tem fraca presença na região.

Contudo, não se pode negar que sua chegada, em 1990, tenha causado grande entusiasmo e expectativa por ser uma das primeiras rádios a transmitir programas em língua ayuujk. Sua implantação talvez tenha sido também uma das motivações mais fortes para que se procurasse instalar um rádio difusor na região.

Onze anos mais tarde surgiria a Rádio Comunitária Jënpoj na comunidade de Tlahuitoltepec, operada e administrada por um coletivo de jovens da comunidade, e transmitindo a língua e a música ayuujk em sua programação diária.

Entre 2004 e 2010, a rádio pública do estado de Veracruz, XHXAL Radio Más, transmitiu programas mensais de meia hora em língua ayuujk, experiência que de alguma forma também impactou a região.

No entanto, as rádios comerciais, por seu predomínio, maior tempo de existência e potência têm impactado de forma notável a região, se impondo como um modelo, como estilo único para a radiodifusão, tanto que até incursionam nas rádio difusoras comunitárias. Isto é, a rádio é geralmente vista e pensada como um meio que transmite exclusivamente em castelhano os gêneros musicais que ditam a moda.

A maioria das pessoas da região sintoniza as rádios comerciais simplesmente porque sua oferta é maior. Através delas se acostumaram a ouvir cotidianamente o castelhano, a escutar os poucos gêneros musicais programados. Através da rádio comercial são ditadas as modas e determinados os gostos musicais, seguidos, repetidos e reproduzidos na região. Pela rádio, constroi-se a ideia de que só se pode cantar em castelhano ou em inglês, canções estas cantadas por muitos, ampliando ou impondo o uso do castelhano — até mesmo do inglês — na região.

É curioso observar que a audiência não falante de castelhano também escuta as rádios comerciais, mesmo que alguns não entendam o que está sendo transmitido. Acontece o contrário com a audiência não falante da língua ayuujk, que não gosta de ouvir uma rádio que transmite nesta língua porque dizem não compreendê-la. Contudo, é muito provável que, se se tratasse do inglês ou de alguma outra língua considerada dominante, não diriam nada, mesmo que tampouco a entendessem.

Este fato demonstra que, em geral, os falantes do castelhano são intolerantes com a língua ayuujk, enquanto os falantes ayuujk estão abertos à língua castelhana e às demais, o que confirma que os "hablantes bilingües que hablan lenguas sin prestigio no disfrutan de ninguna ventaja; al contrario, el bilingüismo a nivel nacional no tiene ningún valor si se refiere a alguna lengua amerindia" (Zimmermann, 1999: 35).

A rádio comunitária Jënpoj, bem como La voz de la Sierra Juárez fazem esforços para colocar as línguas, neste caso a língua ayuujk, em evidência neste meio, para que sua presença seja normal nos demais meios de comunicação, para que os próprios falantes vejam com dignidade sua língua, para que os não falantes deixem de olhar como estranha e alheia essa diversidade linguística que foram ensinados a ignorar e a discriminar.

Pela rádio comunitária é possível reconstruir o prestígio da língua ayuujk, deixar para trás seu uso folclórico. Com sorte se poderá também subverter os esforços realizados pelo estado mexicano para reduzi-la ao âmbito privado e familiar (Castells i Talens, 2008). Em consequência, a rádio Jënpoj transmite programas em ayuujk e músicas da região, complementadas por músicas de diversos gêneros e de diversas partes do mundo. Ainda que também transmita programas de “cumprimentos e complacências”, que se assemelham a um formato comercial, nos quais o auditório solicita a música de sua preferência — que geralmente é a música que está na moda na mídia comercial — a única diferença é a condução da programação exclusivamente em língua ayuujk.

Dentro das comunidades, as pessoas usam de forma cotidiana o ayuujk. A situação se complica um pouco quando se estabelece uma comunicação entre pessoas que falam duas variantes linguísticas, ainda que, na realidade, sejam inteligíveis entre sim. Tal situação se faz evidente na comunicação das pessoas que se mantêm fiéis à sua língua e à sua variante, no entanto também há uma tendência — para aqueles que o dominam — a se usar o castelhano como língua franca.

O uso cotidiano da língua facilita o trabalho da rádio. Os comunicadores só têm de potencializá-la, fazê-la transcender, sobretudo falá-la de forma correta, com um bom léxico e vocabulário. A rádio deve levar o ayuujk para além dos limites territoriais e linguísticos, fazendo com que seja normal escutá-lo e falá-lo, tanto nos meios de comunicação quanto nos diversos espaços sociais e de convivência entre os Ayuujk e os não Ayuujk.

***

A Rádio Jënpoj nasceu em 2001 priorizando o uso do ayuujk e da música da região, surgindo como uma alternativa a toda a oferta radiofônica comercial existente na região, que nega e exclui os povos originários. No entanto, com o tempo, a Rádio Jënpoj foi mudando, a

tal ponto que hoje parece ter assumido um formato radiofônico semelhante ao das rádios comerciais. Fala-se já pouco em ayuujk, e o estilo de condução dos programas se assemelha ao dos locutores das rádios comerciais, transmitindo-se a mesma música que está na moda nestas últimas.

Isto é, a música transmitida é aquela promovida e vendida pela rádio comercial, e os anúncios e promoções veiculaos têm um esquema semelhante ao da produção radiofônica comercial. Em resumo, atualmente, a Rádio Jënpoj parece mais com uma rádio comercial, só que falada em língua ayuujk. É como fazer rádio em qualquer outra língua, mas com características próprias dos meios de comunicação comerciais. Fazendo uma comparação mais exagerada, poderia dizer que o trabalho da rádio se parece com o trabalho dos "missionários", pois, em ambos os casos, a língua é usada como um simples instrumento de comunicação, enquanto os conteúdos e as ideias expressoas são alheios e externos à comunidade, levando, de alguma forma, à perda da própria cultura.

Parece que após 11 anos, a Rádio Jënpoj também passou a ser influenciada pelos meios de comunicação comerciais. Poderíamos dizer que é nessas mudanças que se pode ver a força e o poderio destes últimos na construção dos gostos musicais e na formação de opiniões, do que se considera que deva ser ou não transmitido numa rádio comunitária para que seus ouvintes a apreciem.

Não existe um determinado modelo para a rádio comunitária, por isso não se pode obrigá-las nem limitá-las a transmitir programas exclusivamente de "caráter político". Claro que esta é uma de suas funções básicas, mas elas não se limitam a isto. Um meio de comunicação comunitário serve também para entreter, divertir e acompanhar a vida dos ouvintes — e programas com conteúdos que não parecem políticos podem simbolizar formas de resistência mais efetivas do que programas claramente ativistas (Castells i Talens, 2003).

A rádio comunitária pode desenvolver a totalidade da expressão dos povos, usar a língua de forma cotidiana, desinteressada; como se diz, falar naturalmente a língua em uma rádio, de uma forma divertida e amena. Quando uma língua minimizada é utilizada de forma aparentemente "não política" se eleva o status desta língua ao mesmo nível que o da língua dominante. Em consequência, um trabalho radiofônico que não parece político costuma ser mais efetivo e, muito precisamente, por não parecê-lo (Castells i Talens, 2003).

Por um lado, a rádio comunitária envida esforços para usar a língua ayuujk. Por outro, seus colaboradores veem-se influenciados por formatos radiofônicos alheios. Isto poderia ser explicado pelo próprio panorama da oferta radiofônica da região. Ao inexistirem outras referências alternativas de se fazer rádio, o estilo de radiodifusão comercial impõe-se como padrão. Contudo, tal situação é contraproducente para o trabalho da rádio bem como para os ouvintes que, ao invés de enaltecerem suas próprias língua e a música, acabam reverenciando a língua e a música alheias, como fazem as rádios dominantes. Como dito anteriormente, se a língua e a música da região nunca são ouvidas nos meios de comunicação, acaba-se por acreditar que não são dignas de serem transmitidas.

Considerações finais

A língua, a música e a dança são alguns elementos que servem de indicadores para se medir o grau de vitalidade de uma cultura, bem como aqueles que vão se degradando quando uma sociedade dominante impõe seus modelos culturais a uma sociedade subalterna, situação que provoca a morte de línguas, de expressões musicais e de outras manifestações culturais das sociedades dominadas.

O trabalho de um meio de comunicação comunitário consiste em reivindicar os elementos culturais das sociedades subalternas. No caso da rádio comunitária Jënpoj, trata-se de reivindicar o uso público da oralidade e da imagem do povo Ayuujk, para tentar diminuir a influência linguística e cultural exercida pela sociedade dominante através de seus diversos mecanismos institucionais e não institucionais.

Se, por um lado, os meios de comunicação tradicionais, isto é, comerciais, exercem influências musicais e linguísticas negativas sobre as comunidades originárias, por outro, os comunitários, alternativos, culturais, educativos e públicos tratam de conferir prestígio à difusão da diversidade musical e linguística existente em território mexicano.

A rádio comunitária converte-se, desse modo, em uma ferramenta para os povos originários. Independentemente de onde tenha vindo a tecnologia, ela é útil para os propósitos das comunidades, servindo para difundir e propagar suas expressões culturais, permitindo que inovem e se recriem para se manterem vigentes. A rádio é uma alternativa entre os outros meios de comunicação para estimular a diversidade cultural, linguística e musical das comunidades originárias.

As rádios comunitárias, em especial, tratam de transmitir a música das comunidades originárias e gêneros musicais que nunca são, nem serão, transmitidos pelos meios de comunicação tradicionais. Mas isto não significa que competem com os outros meios de comunicação para eleger algum *hit parade*. Sua única intenção é a de oferecer uma ampla variedade musical visando diversificar os gostos musicais dos ouvientes para que não continuem estancados na monotonia musical promovida pelos meios tradicionais.

A rádio comunitária Jënpoj responde à necessidade dos Ayuujk de se fazerem escutar e entender, tanto cultural como musical e linguisticamente para além de sua região. A rádio é

importante ao permitir maior integração social, ao permitir o uso, a reprodução e a defesa de sua música e oralidade.

Tal como a língua, a música permite a expressão de emoções, diverte, comunica, provoca respostas físicas e, o mais importante, reforça as normas sociais e reafirma as instituições, contribuindo para a continuidade e a estabilidade da cultura. Como qualquer outro elemento da vida das comunidades possui atribuições extremamente importantes (Alan P. Merrian, 2001).

Com a difusão da música das comunidades originárias pelas rádios comunitárias pretende-se que esta se convirta num mecanismo de enculturação, um meio para se aprender a cultura, bem como para reconstruir o prestígio cultural destes povos. Se a música comunica acontecimentos, instrui sobre o meio cultural, ensina a visão de mundo e conforma sistemas de valores (idem), então, através da própria expressão musical as comunidades podem reafirmar sua igualdade social e política perante as demais culturas, especialmente perante aquela que a oprime e difama.

A música como arte sonora cumpre uma dupla função para as comunidades:

> […] la de preservación de la tradición y la de validación de lo propio frente al creciente influjo cultural global, a través de diversas estrategias textuales, que obedecen fundamentalmente a la necesidad de actualización de las expresiones artísticas con las dinámicas socio-políticas que atañen directamente a una o más culturas dentro de una sociedad.
>
> El caso de los pueblos amerindios […] La expresión artística indígena tradicional también cumple estas funciones, sobre todo la de preservación cultural. La segunda función, la de innovación y validación, hace su aparición en las últimas décadas, junto al auge del proceso de globalización, como respuesta o consecuencia del mismo (Sepúlveda Montiel, 2011: 3).

As rádios comunitárias localizadas em comunidades originárias são as principais aliadas da arte sonora, o que as converte em instrumentos que contribuem para dar continuidade às expressões musicais locais, bem como para difundir as novas propostas e inovações musicais que dinamizam e atualizam sua criatividade musical.

A rádio comunitária Jënpoj é uma das rádios que acompanha, promove e difunde a música de "banda de vento", principal expressão musical dos povos da região norte de Oaxaca, assim como também acompanha as novas propostas musicais que vêm surgindo durante os últimos anos na região Ayuujk. Estas experimentações, reinvenções e inovações com diversos gêneros e ritmos musicais estão estreitamente relacionadas ao uso da língua

ayuujk na letra das canções, o que permite a atualização e a permanência de ambos os elementos da cultura ayuujk. O trabalho da rádio Jënpoj como meio de comunicação tem sido o de difundir estas propostas artísticas, contribuindo para a reprodução e a inovação da língua e da música Ayuujk, fazendo com que transcendam para além dos espaços sociais e culturais locais.

São poucas as rádios comunitárias que concentram seus esforços na difusão da música e língua das comunidades originárias. Algumas têm até perdido este propósito, conferindo mais espaço e difusão à música comercial e à língua castelhana, conforme comenta em entrevista Carlos Sánchez, da Rádio Totopo:

> Algunas radios que se dicen ser comunitarias hablan en castellano, dedican apenas 1 o 2 % a lengua zapoteca, cuando se les pregunta por qué transmiten en castellano, dicen que porque es lo que saben hablar bien, aunque parece que no es la respuesta real.
>
> Por ejemplo, algunos jóvenes que hablan 100% en zapoteco querían hacer un programa aquí en Radio Totopo, pero al ver es tecnología parece que se imaginan a las otras radios que hablan en castellano y decían que no podían hablar zapoteco ante un micrófono, decían que solo podían hablar en castellano, pero parece que eso sucede porque se imaginan a los locutores de las radios comerciales. Eso muestra el poder de los medios de comunicación para imponer formas de hablar, especialmente, entre los jóvenes que ahora son los que dejan de hablar sus lenguas.
>
> Hay en Juchitán alrededor de 20 radios comunitarias, pero desafortunadamente la mayoría de ellos copiaron los proyectos de radio comercial, es una réplica de las radios comerciales. Pienso que el modelo de la radio comercial se sigue imponiendo entre los radialistas, así como la lengua castellana a través de las diversas instituciones como las escuelas, los programas de gobierno, a través de las televisoras comerciales de televisa y tv-azteca. La lengua castellana como principio de la invasión española hasta ahora se sigue imponiendo por diversos frentes.
>
> El compromiso de una radio comunitaria es fortalecer las lenguas, en este caso, radio Totopo busca fortalecer la lengua zapoteca, y esto únicamente se va a lograr hablándolo cotidianamente en la radio. La radio permite lo que llamamos "regeneración" cultural, regeneración lingüística y musical, porque en la lengua y la música se encuentra la memoria histórica, para nosotros perder la lengua, olvidar nuestra música es perder la memoria. La música y la lengua son inseparables en la regeneración cultural.
>
> Si se fortalece la lengua y la memoria histórica se va a fortalecer la autonomía de los pueblos, ese es el compromiso de una radio comunitaria que se encuentra en contexto de las comunidades originarias, porque generalmente pasa que los propios pueblos no queremos darnos cuenta de la importancia de nuestra cultura (Carlos Sánchez de Radio Totopo, entrevista personal, 2012).

A emissão de programas nas línguas originárias, assim como a difusão da música destes povos contribui para a sua "reivindicação", como diz Sandra Luz Cruz Fuentes, da

Rádio Huayacocotla. Por esta razão, as rádios comunitárias não deveriam transmitir o que já está sendo transmitido pelos meios de comunicação dominantes:

> No habría ninguna razón para transmitir música pop por más que en toda la región Huasteca nuestros radioescuchas les encante una canción de la música pop, porque esa música ya tiene las 37 estaciones de radio que lo tocan y que no lo van a dejar de tocar, a diferencia de la "banda de viento" que no lo toca nadie y no la van a tocar, porque además querer que los toquen implica que las "bandas" tienen que pagarle a las radios donde pudiera ser que los toquen. Ese es el asunto, Radio Huaya está para esos grupos chiquitos, para esos que no son famosos y que ni lo pretenden ser. Radio Huaya es una plataforma importante para que los tríos y las bandas se den a conocer.
>
> También pasa otra cosa en el gusto, por ejemplo, la gente te pide lo que oye, si en la radio siempre le ponemos "brebaje" pues siempre me van a pedir "brebaje" y un disco siempre trae más cosas, buscamos no estar repitiendo la misma música (Sandra Luz de Radio Huayacocotla, entrevista personal, 2012).

As rádios comunitárias além de reivindicar, difundir ou validar as expressões musicais das comunidades também podem oferecer diversas opções, ainda que as pessoas sempre peçam a mesma música. As rádios devem tomar a iniciativa de oferecer outras opções, mostrar aos ouvintes que existem outras canções, outros gêneros, se responsabilizar pelo rompimento da monotonia e repetição que têm sido impostas por outros meios de comunicação:

> [En una radio comunitaria] no es cuestión de brindar simplemente la música que el público pide. Tal actitud no sería más participativa, sino más comodona. Porque en el gusto de hoy demasiadas veces se esconde la imposición de ayer. (López Vigil, 2006: 22)

Na rádio comunitária Jënpoj, bem como em outras rádios comunitárias, têm ocorrido reclamações dos ouvintes sobre o conteúdo musical dos programas transmitidos que difundem a música das comunidades originárias, como mencionam Guadalupe Blanco e Melquiades Rosas, da Rádio Nhandia: "los radioescuchas dicen que no les gusta oír la radio comunitaria porque 'no suena igual' como las otras radiodifusoras que se captan en la región, es decir, no les gusta oírla porque no tocan los éxitos del momento". As reclamações evidenciam, por um lado, a construção dos gostos musicais a partir das "imposições", da influência que os meios de comunicação exercem sobre as escolhas pessoais e, por outro, deixam entrever que a rádio está fazendo algo diferente, ao transmitir um tipo de música que as pessoas não estavam acostumadas a ouvir nos meios de comunicação tradicionais.

A língua tem um pouco mais de sorte no espaço radiofônico. Ao menos, sua utilização não é tão questionada como ocorre com a música. No caso da Rádio Jënpoj, os ouvintes não

colocam em questão o uso da língua ayuujk, e sim o fato de alguns locutores "falarem mal esta língua". Opinam que se alguém quer fazer um programa de rádio, então, tem que dominar a língua de transmissão, caso contrário, a situação é vexaminosa.

Na opinião de muitos ouvintes, se os locutores dos programas não sabem falar bem o ayuujk, então, seria melhor não fazê-lo, por distorcerem a língua. Os próprios Ayuujk não concordam com tais reflexões, feitas por mestiços falantes do castelhano, que demonstram atitudes de intolerância em relação à língua ayuujk assim como em relação às demais línguas originárias.

Para Alejandro Mosqueda Guadarrama, as rádios comunitárias são os únicos meios de comunicação que poderiam modificar a utilização pitoresca das línguas e das músicas dos povos originários:[35] "la música y la lengua de los pueblos tienen que ser colocados en los medios de comunicación para dignificarlos, de forma que no terminen siendo solo una exhibición folclórica o antropológica", uma vez que, até os dias atuais, o marco temporário utilizados fixa os povos *indígenas* em um passado arcaico, romantizando-os como uma relíquia (Rodríguez, Clemencia y Jeanine El Gazí, 2005), enquanto a luta é travada contra um presente *indígena* marginalizado, não educado e incômodo (Castells i Tallens, 2008: 234), o que agrava a folclorização, o exotismo e a banalização que "normalizam" e consagram a exclusão (Tunubala, 2004).

A rádio comunitária pode ser um meio para reposicionar, conferir prestígio e dignificar a língua e a música dos povos originários, rompendo com os discursos que as como objetos arqueológicos, como coisas do passado. Nas palavras de Jaime Martínez Luna, da Estéreo Comunal:

> Una radio comunitaria debe *comunalizar*[36] la vida, el pensamiento, la lengua, la música. Porque la radio del otro orden, la mercantil, impone individualidad, gustos individuales. Por eso una radio comunitaria no puede únicamente entretener ni responder a los gustos de los radioescuchas de forma individual, porque así excedería su papel de instrumento, no diría nada interesante, el emisor comunitario tiene que saber qué es comunidad y confrontarlo a lo que no es comunidad.
>
> Yo creo que si hemos estado excluidos, debemos hacernos presentes mediante la reflexión de lo que somos y de lo que queremos, si nos han tratado individualizar por todos los medios, y lo han logrado en gran parte, entonces la lucha de una radio comunitaria es *comunalizar* en todos los ámbitos, en la música, en la lengua, en la literatura, encontrar en la propia comunidad los fundamentos de todo orden. Porque lo

[35] Entrevista a Alejandro Mosqueda Guadarrama, da rádio Frecuencia Libre, San Cristóbal de las Casas, Chiapas, 2012.
[36] *Comunalizar* é pensar por e para todos. É a busca por um mundo mais harmônico, a compreensão de que somos o resultado dos outros e não de nossa individualidade.

> que conocemos y hemos consumido por los medios de comunicación comerciales es la oralidad e imagen basados en el razonamiento occidental, que fundamenta el mercado, la propiedad privada, el individualismo, la separación entre sujeto y objeto, entre naturaleza y sociedad, entre naturaleza y cultura. Eso es lo que se tiene que evitar en una radio comunitária (Jaime Martínez Luna de Estéreo Comunal, entrevista personal, 2012).

A coletividade e a individualidade são algumas das diferenças existentes entre uma rádio comunitária e uma rádio de caráter comercial, características que fazem com que ocorram encontros pouco amáveis entre as sociocosmologias originárias e a ocidental. Daí que rádio, música e língua expressam conflitos políticos vigentes entre a sociedade mexicana e as sociedades originárias no México, que têm perspectivas linguísticas, musicais e culturais divergentes. As diferenças estendem-se também aos empresários que operam e administram os meios de comunicação comerciais e os povos originários, que operam e administram os emergentes meios de comunicação comunitários.

***

Rádio, música e língua no povo ayuujk constituem um mundo de conflitos. Por um lado, os sinais das rádios comerciais que trazem consigo a música dos *hit parades* chegam de todos os lados e, com ela, a língua e a cultura da sociedade mexicana dominante. Por outro lado, a rádio comunitária tenta reivindicar, não sem dificuldades, a música e a língua das próprias comunidades ayuujk.

Rádio, música e língua no povo ayuujk também descrevem a construção de espaços e expectativas, de reivindicação dos próprios elementos culturais através dos meios de comunicação. Trata-se de uma tentativa de colocar em questão a relação desigual criada pelos meios de comunicação que só transmitem as expressões musicais e linguísticas da sociedade dominante, enquanto a música, a língua e a cultura das comunidades originárias são objeto de discriminação. Trata-se igualmente de relações de poder alimentadas por discursos nacionalistas e evolucionistas que vão fazendo com que, pouco a pouco, a música, a língua e a cultura da sociedade dominante sejam mais valorizadas, enquanto as sociedades originárias são constantemente desprestigiadas. Tal situação faz com que as comunidades originárias comecem a substituir sua própria língua pelo castelhano, deixem de produzir e inovar suas expressões musicais para substituí-las pelo que se oferece nos meios de comunicação, o que violenta, segundo meu ponto de vista, a soberania musical, linguística e cultural destes povos.

Referências Bibliográficas

Alan P. Merrian. 2001. Usos y funciones, en *Francisco Cruces (comp.), Las culturas musicales. Lecturas de etnomusicología*. Editorial Trotta, Madrid, pp. 275-296.

Bonfil Batalla, Guillermo. 1987. La Teoría del control cultural en el Estudio de los Procesos Étnicos, en *Papeles de la Casa Chata*, SEP/CIESAS, año 2, No.3, México, pp. 23-43

Bonfil Batalla, Guillermo. 1985. Los pueblos indios, sus culturas y las políticas culturales, en García Canclini Néstor, (coord.), *Políticas culturales en América Latina*, Ed. Grijalbo, México, pp. 89-125

Bonfil Batalla, Guillermo. 1990. México profundo, una civilización negada. Ed. Grijalbo, México.

Bonfil Batalla, Guillermo. 1991. Pensar nuestra cultura: Ensayos, Ed. Alianza editorial, México.

Bonfil Batalla, Guillermo. 2005. México profundo, una civilización negada, Ediciones de Bolsillo, México.

Bourdieu, Pierre. 2010. El sentido social del gusto; elementos para una sociología de la cultura, Siglo XXI, Argentina.

Brasil, Decreto Nº 2.615, de 3 de junho de 1998, Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária. Presidência da República, Brasília, disponível em línea

Brasil, Decreto Nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, Presidência da República, Brasília, disponível em línea

Brasil, Lei Nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, Regulamento que Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Presidência da República, Brasília, disponível em línea.

Carballo, Mardonio. 2011. Indígenas y medios de comunicación en México. Cuento Cruento, en *DERECOM-Revista Especializada en Derecho de la Comunicación*, No. 7. Nueva Época. Septiembre-Noviembre, 2011, México.

Castellanos Guerrero. Alicia. 2003. Imágenes racistas en ciudades del sureste, en Castellanos Guerrero, Alicia (Coord.), *Imágenes del racismo en Mexico*, UAM-I/Plaza y Valdés, México, pp. 35-142.

Castells i Talens, Antoni. 2003. Cine indígena y resistencia cultural, Chasqui 84, 50-57.

Castells i Talens, Antoni. 2004. Radios en lengua maya e iconografía cultural: La construcción cotidiana de una identidad, en *Temas Antropológicos* 26 (1-2), México, pp. 83-106.

Castells i Talens, Antoni. 2005. Contradicciones en la radiodifusión indigenista: Las limitaciones de una radio en lengua maya, en *Códigos* 1 (2), pp. 69-81.

Castells i Talens, Antoni. 2006. Radio, lenguas y gobierno: Políticas neoindigenistas y multiculturalismo en México, en *Revista Iberoamericana de Comunicación* 11, México, pp. 35-52.

Castells i Talens, Antoni. 2008. Radio y nacionalismo iconográfico en México: La negociación discursiva de una identidad maya, en *Signo y Pensamiento* 53, México, pp. 230-245.

Castells i Talens, Antoni. 2009. La radio de Kukulkán, en *La Palabra y el Hombre* 8, Universidad Veracruzana, México, pp. 38-44.

Castells i Talens, Antoni. 2011. Todo se puede decir sabiéndolo decir: maleabilidad en políticas de medios indigenistas, en *Revista Mexicana de Sociología* 73, núm. 2, UNAM-IIS, México, pp. 297-328.

Ce-Acatl. 1996. Foro Nacional Indígena. Resolutivos de las mesas de trabajo y sesiones plenarias realizadas en San Cristóbal de las Casas, Chiapas, del 3 al 9 de enero de 1996, Revista Ce-Acatl, número doble especial 76-77, México.

CEA-UIIA. 2006. Hacia dónde vamos. Un diagnóstico de la región Mixe, Centro de Estudios Ayuujk-Universidad Indígena Intercultural Ayuujk (CEA-UIIA), Oaxaca, México.

CIRT-en línea. 2012. Reseña de la Radiodifusión Mexicana, *Cámara Nacional de la Industria de Radio y Televisión-CIRT*, disponible en línea

COFETEL. 2012. Radio y Televisión: Infraestructura, Comisión Federal de Telecomunicaciones (COFETEL), México, disponible en línea

Cornejo Portugal, Inés. 1994. La radio cultural indigenista: Punto de encuentro entre lo indígena y lo masivo, en *Comunicación y Sociedad*, núm. 20, enero-abril 1994, Universidad de Guadalajara, México, pp. 33 -65.

Coss, Antonio Julio. 1982. La importancia de la música entre los Mixes, en *México indígena. Suplemento*, Núm. 66, INI, México, pp. 14-15.

Cruz Miguel, Raymundo. 2011. Radio Aire Zapoteco, en *Desinformémonos. Periodismo desde abajo*, disponible en línea

Díaz Gómez, Floriberto, 2007. Comunalidad, energía viva del pensamiento Mixe. Ayuujktsënääʽʽyën – ayuujkwënmääʽʽny – ayuujkmëjkʽʽäjtën, en *Sofia Robles y Rafaél Cardoso (Comps)*, México, UNAM-Nación multicultural.

Documento Jënpoj. 2002. Propuesta de radio comunitaria Jënpoj a la autoridad comunal, Tlahuitoltepec, Oaxaca, México, [documento inédito]

Echanove Trujillo, Carlos A. 1959. La Radiodifusión y la Cultura, Estudios de sociología empírica IV, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto “Balmes” de Sociología, Madrid, España.

EFE, Agencia de noticias. 2008. Puertorriqueños... adiós al “reggaetón”, consultado el 10 dic 2012, disponible en línea.

El País Semanal. 1989. Historia del Rock and Roll. En *El País Semanal*, Madrid. http://es.scribd.com/doc/3495884/El-Pais-Historia-Del-Rock

Encuentro de organizaciones indígenas independientes. 1980. Mensaje a los medios de comunicación, octubre 13 de 1980, México, [Documento inédito]

Ernest Renan. 1882. ¿Qué es una Nación?, *Conferencia dictada en la Sorbona, París, el 11 de marzo de 1882*, disponible en línea.

FG, Luis. 2005. Orientación Indígena (O el caso de los Brujos Malvados del Sur), en *Lógica Difusa*, consultado el 27/11/2005, disponible en línea.

Frith, Simon. 2001. Hacia una estética de la música popular. En *Francisco Cruces (comp.), Las culturas musicales. Lecturas de etnomusicología*. Editorial Trotta, Madrid.

Galeano, Eduardo H., 1998. Patas arriba: la escuela del mundo al revés, 7ª ed., Siglo XXI, México.

Gil Olivo, Ramón. 1984. Etnias y medios de comunicación. Una apreciación metodológica, en *Relaciones. Estudios de Historia y Sociedad*, Núm. 19, El Colegio de Michoacán, México, pp. 5-28.

Guyot, Jacques. 2006. Diversidad lingüística, comunicación y espacio público, en *Comunicación y sociedad*, Nueva época, núm. 5, enero-junio, 2006, Universidad de Guadalajara, México, pp. 115-136.

H. Ayuntamiento Constitucional. 2001. Solicitud de una estación de radio y televisión, 22 de enero, 2001, Tlahuitoltepec, Oaxaca, México, [documento inédito]

INALI, 2008. Catálogo de las Lenguas Indígenas Nacionales: Variantes Lingüísticas de México con sus autodenominaciones y referencias geoestadísticas, Instituto Nacional de Lenguas Indígenas, Publicada en el Periódico Oficial de la Federación el Lunes 14 de enero de 2008, México.

INEGI. 2008. Santa María Tlahuitoltepec, Oaxaca. *Prontuario de información geográfica municipal de los Estados Unidos Mexicanos*, Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática-INEGI, México, disponible en línea.

INEGI. 2010. Censo de Población y Vivienda 2010, *Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática-INEGI*, México, disponible en línea.

INI. 1982a. Semblanza de los Mixes, en *México indígena*, Núm. 66, Instituto Nacional Indigenista, México, pp. 11-12.

INI. 1982b. XEZV-La Voz de la Montaña y XENAC-La Voz de los Chontales, en *México indígena*, Núm. 66, Instituto Nacional Indigenista, México, pp. 4-10.

Isaza Velásquez, Alejandra. 2009. Aproximación a la práctica musical en el Medellín colonial, 1685-1800, en *Pardo Rojas, Mauricio (editor), Música y sociedad en Colombia. Traslaciones, legitimaciones e identificaciones*, Escuela de Ciencias Humanas, Editorial Universidad del Rosario, Bogotá, Colombia.

Levi-Strauss, C. 1976. Raça e História, em *Antropologia Estrutural Dois (Cap. XVIII),* Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Littlebear, Richard E. 1996. Preface, en Gina Cantoni, (ed.), *Stabilizing Indigenous Languages*, Northern Arizona University, Arizona, USA.

López González, Antonio M. 2002. La sociolingüística de los medios de comunicación, en: *Linguistik* online No, 12, Marzo 2002, Ed. Elke Hentschel, Universität Bern, Alemania.

López Vigil, José Ignacio. 2006. Manual urgente para radialistas apasionadas y apasionados, tomo IV, Ministerio de Comunicación e Información; Caracas, Venezuela.

Lozano, José Carlos. 2006. Diversidad cultural y televisión en México, *Comunicación y Sociedad*, Nueva época, núm. 5, enero-junio, 2006, Universidad de Guadalajara, México, pp. 137-156.

Martínez Flores, Oswaldo (2012). Radio Maíz 94.7 F.M. en *Radioteca. Portal libre para el intercambio de audios*, disponible en línea

Martínez Luna, Jaime. 2004. Comunalidad y desarrollo, CONACULTA, México.

Martínez Luna, Jaime. 2009. Eso que llaman comunalidad. *Colección Diálogos. Pueblos originarios de Oaxaca; Serie: Veredas*, CONACULTA/Gobierno de Oaxaca, Oaxaca, México.

Martínez Luna, Jaime. Educación y democracia en su laberinto. (trabalho não publicado)

México, LFRTV. 2012. Ley Federal de Radio y Televisión, Publicado en el Diario Oficial de la Federación el 9 de abril de 2012, México.

México, LFTC. 2012. Ley Federal de Telecomunicaciones, Publicado en el Diario Oficial de la Federación el 17 de abril de 2012, México.

México, LOAPF. 2012. Ley Orgánica de la Administración Pública Federal, Publicado en el Diario Oficial de la Federación el 14 de junio de 2012, México.

México, Reglamento-LFRTV. 2002. Reglamento de la Ley Federal de Radio y Televisión, en Materia de Concesiones, Permisos y Contenido de las Transmisiones de Radio y Televisión, Nuevo Reglamento publicado en el Diario Oficial de la Federación el 10 de octubre de 2002, México.

Mitchell, J. C. 1968. The Kalela dance, Manchester University Press, Manchester.

Moreno Fernández, Francisco. 1998. Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje, Ariel, Barcelona.

Muñoz Cruz, Héctor. 2012. Entrevista Professor Hector Muñoz Cruz, en *Revista Animação e Educação-RAE*, Portugal, disponible en http://anae.biz/rae/?p=2325

Oaxaca, Decreto Núm. 159. 2005. Ley que crea la “Corporación Oaxaqueña de Radio y Televisión” y establece sus funciones, Ley publicada en el Periódico Oficial del Estado de Oaxaca, el sábado 20 de noviembre de 1993, Ultima reforma publicada en el Periódico Oficial

del Estado de Oaxaca del 22 de marzo de 2005, LIX Legislatura Constitucional, Oaxaca, México.

Odrenasij, Codeco, Codremi. 1982. La lucha de los pueblos autóctonos, su organización y las alternativas de alianza con los demás sectores sociales, [Chilpancingo, Gro., del 7 al 11 de junio de 1982], en *Mejía, C., y S. Sarmiento, La lucha indígena, un reto a la ortodoxia*, 1987, Siglo XXI, México,

Pardo Rojas, Mauricio. 2009. Música y sociedad en Colombia. Traslaciones, legitimaciones e identificaciones, Escuela de Ciencias Humanas, Editorial Universidad del Rosario, Bogotá, Colombia.

Pineda, Francisco. 2003. Representación de "indígena". Formaciones imaginarias del racismo en la prensa, en Castellanos Guerrero, Alicia (Coord.), *Imágenes del racismo en Mexico*, UAM-I/Plaza y Valdés, México, pp. 229-314.

PLACODES. 1999-2001. Plan Comunal de Desarrollo Sustentable, Autoridad municipal y agraria de Tlahuitoltepec, 1999-2001, Tlahuitoltepec Mixe, Oaxaca. México, [documento inédito]

Radio mexicana-en línea. 2012. Historia de la Radio. La Radio Mexicana celebra 90 años de vida, consultado 05/11/2012, disponible en línea

Reyes Gómez, Juan Carlos. 2005. Aportes al proceso de enseñanza aprendizaje de la lectura y la escritura de la lengua ayuuk, Centro de Estudios Ayuuk–Universidad Indígena Intercultural Ayuuk (CEA-UIIA), Carteles Editores, Oaxaca, México.

Rodríguez, Clemencia y Jeanine El Gazi. 2005. Poética de la radio indígena en Colombia, en Códigos, Revista del departamento de ciencias de la comunicación, Segunda etapa, Volumen 1, Número 2, año 1, otoño 2005. Universidad de las Américas Puebla, México, pp. 17-34.

Romo, Cristina. 1997. El lenguaje seductor de la radio. Primer Congreso Internacional de la Lengua Española, Zacatecas, México, Ponencia. 17 pp, abril 1997, Centro Virtual Cervantes/Instituto Cervantes, España, consultado el 19/06/2012, disponible en línea.

Sandoval Forero, Eduardo Andrés. 1994. Comunicación y cultura en los grupos étnicos del Estado de México, en *Comunicación y Sociedad*, Núm. 20, Enero-abril 1994, Universidad de Guadalajara, México, pp. 13 -33.

SCRI. 2012. XEGLO La Voz de la Sierra Juárez, *Sistema de Radiodifusoras Culturales Indigenistas (SCRI), Comisión nacional para el desarrollo de los pueblos Indígenas*, en línea.

Sepúlveda Montiel, Ernesto. 2011. Música mapuche actual. Recuperación cultural, resistencia, identidad, Working Paper Series 38, Ñuke Mapuförlaget, Ebook producción, Suecia.

Seyferth, Giralda. 2007. A singularidade germânica e o nacionalismo brasileiro". Em *Bastos, C., Almeida, M. do V. e Bianco, B.F. (orgs.) Trânsitos Coloniais*. Campinas, Ed. UNICAMP.

Shuker, Roy. 1999. Vocabulário de música pop, Hedra, São Paulo, Brasil.

STIRT-Oaxaca-en línea. 2012. Historia de la Radio y Tv, *Sindicato de Trabajadores de la Industria de la Radio y la Televisión, delegación Oaxaca-STIRT/Oaxaca*, consultado 05/11/2012, en línea.

Throsby, David. 1999. El papel de la música en el comercio internacional y en el desarrollo económico, en *Informe mundial sobre la cultura: cultura, creatividad y mercados*. UNESCO/ Fundación SM/Editorial Acento, Madrid, España.

Tunubala, Jeremias. 2004. La palabra desde el derecho mayor, Cauca, Colombia, disponible en línea.

UNESCO. 2003. Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas, *Reunión Internacional de Expertos sobre el programa de la UNESCO. "Salvaguardia de las Lenguas en Peligro",*10–12 de marzo de 2003, París.

Van Dijk, Teun A. 2007, El racismo y la prensa en España, en Antonio Bañón Hernández (Ed.), *Discurso periodístico y procesos migratorios*, Donostia: Gakoa Liburuak, España, pp. 27-80.

Vásquez García, Sócrates. 2007. El ejercicio cotidiano de un derecho humano universal desde un espacio comunitario: la experiencia de la radio comunitaria *Jënpoj*, comunicación presentada en el *primer encuentro de ex-becarios del IFP*, México.

Verdery, K. 2000. Para onde vão a Nação e o Nacionalismo? In: Balakrishnan, G. (org.), Um mapa da questão nacional, Contraponto, Rio de Janeiro, Brasil.

Voces de esperanza Ayuujk. 2000. Foro de Evaluación del Impacto de la Radiodifusora XEGLO, la Voz de la Sierra, entre los años 1990 al 2000, Tlahuitoltepec, Mixe, Oaxaca, México, [documento inédito]

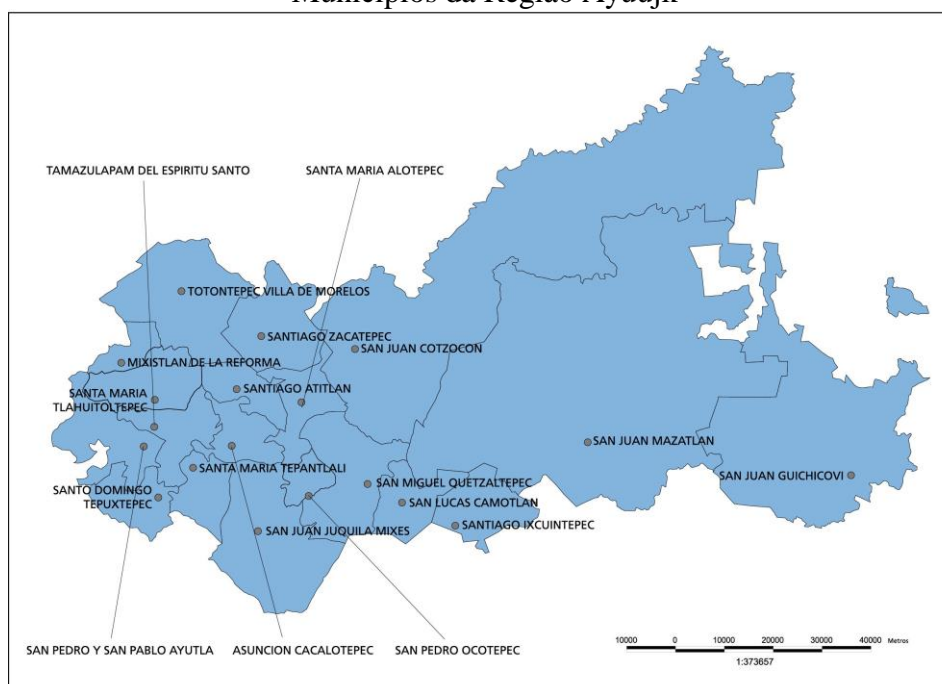
Zermeño-Padilla, Guillermo. 2008. Del mestizo al mestizaje: arqueología de un concepto. En *Memoria y Sociedad. Revista de historia*, Vol. 12, No. 24, enero-junio 2008, Bogotá, Colombia, pp. 79-95

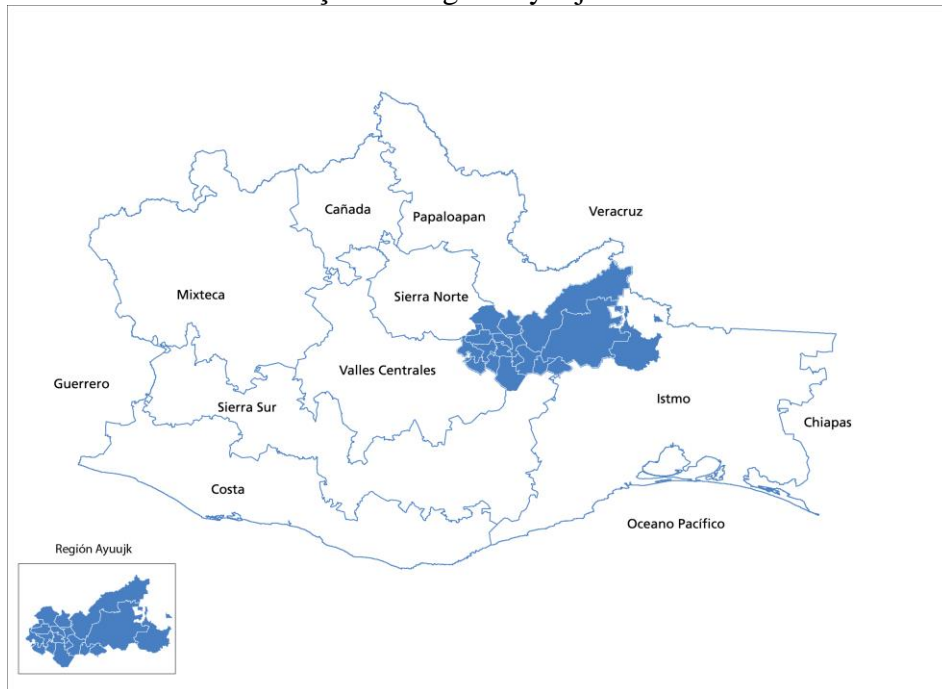
Zimmermann, Klaus. 1999. Política del Lenguaje y Planificación para los Pueblos Amerindios: Ensayos de Ecología Lingüística, Iberoamericana, España.

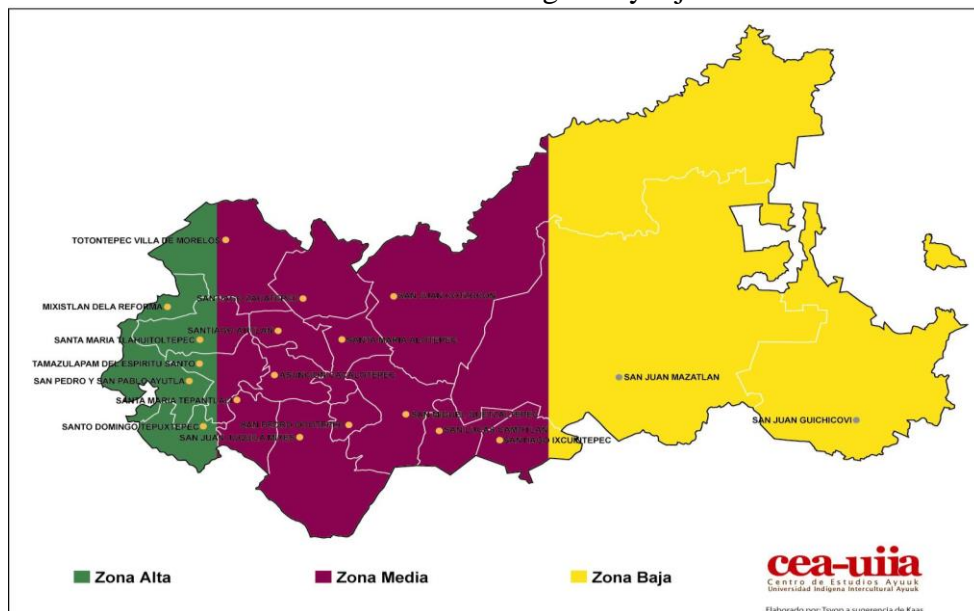
ANEXOS

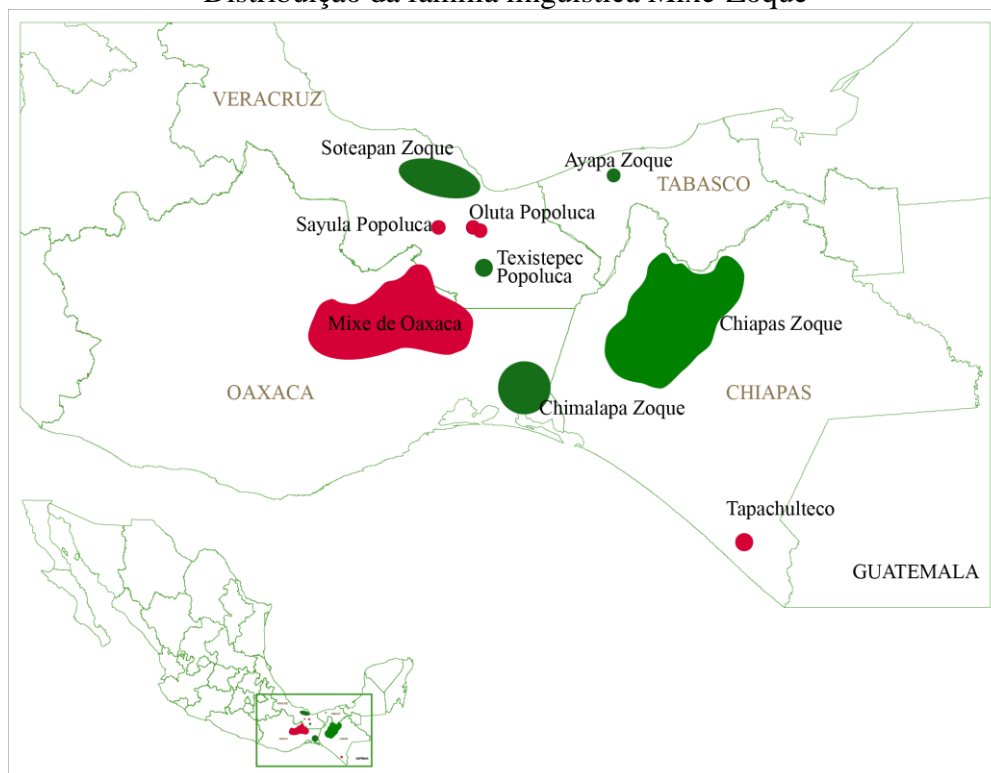
Mapa 1:
Localização do estado de Oaxaca no México

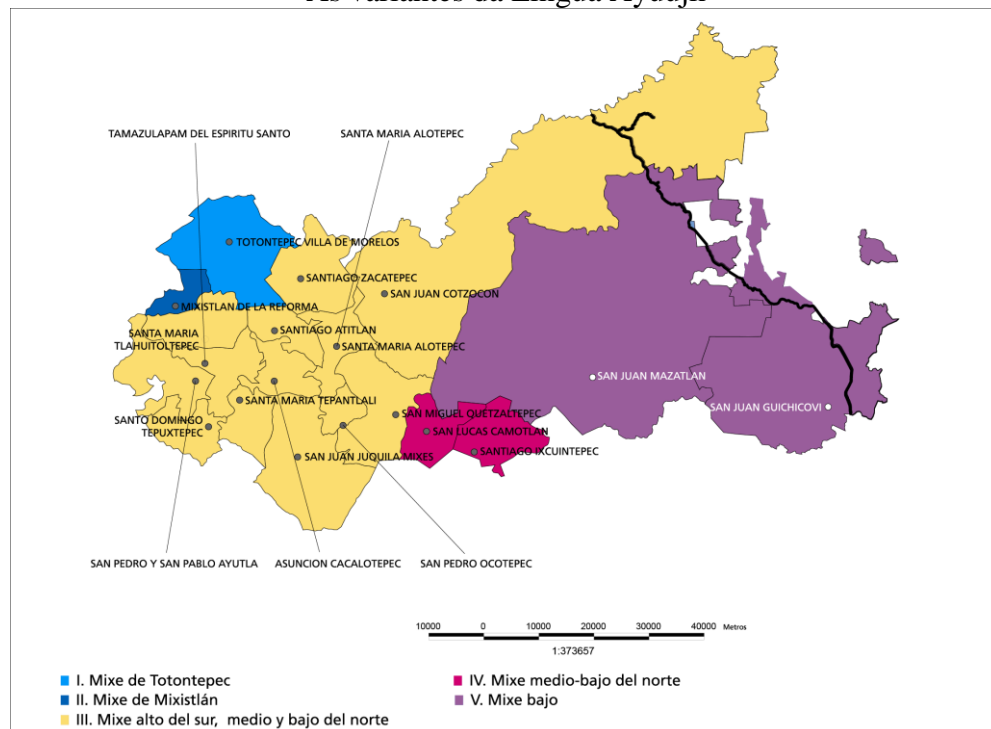
Fonte: INEGI, *Marco Geoestadístico Nacional* 2005

Mapa 2:
Municípios da Região Ayuujk

Fonte: CEA-UIIA, 2006

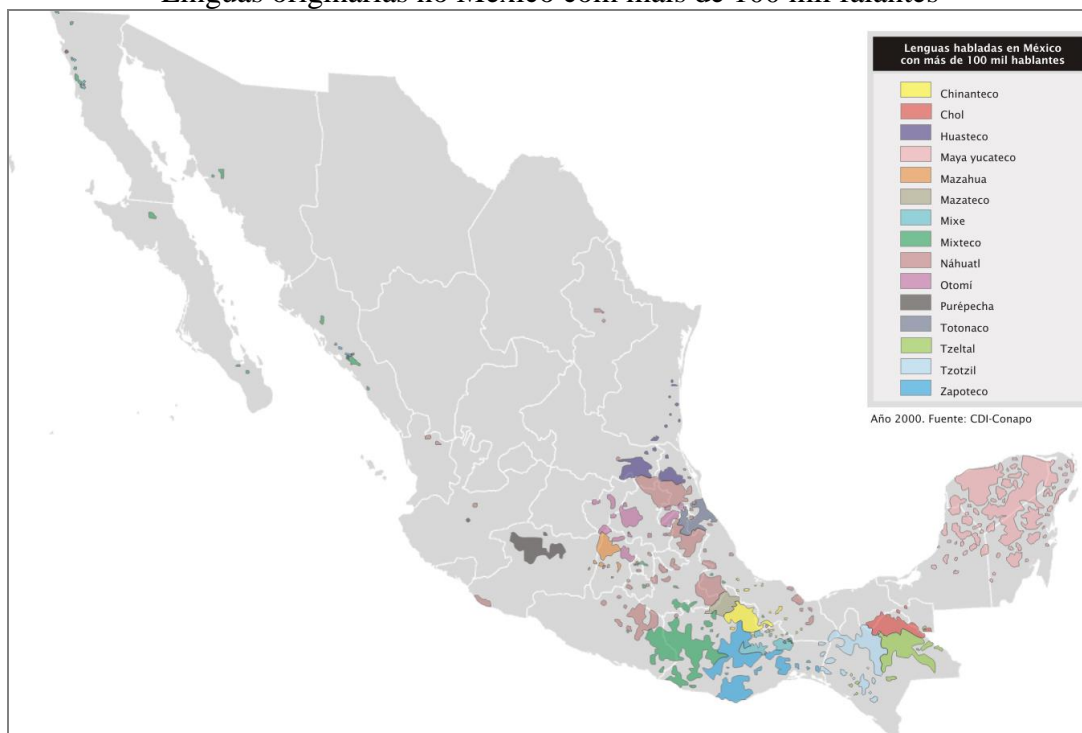
Mapa 3:
Localização da Região Ayuujk em Oaxaca

Fonte: CEA-UIIA, 2006

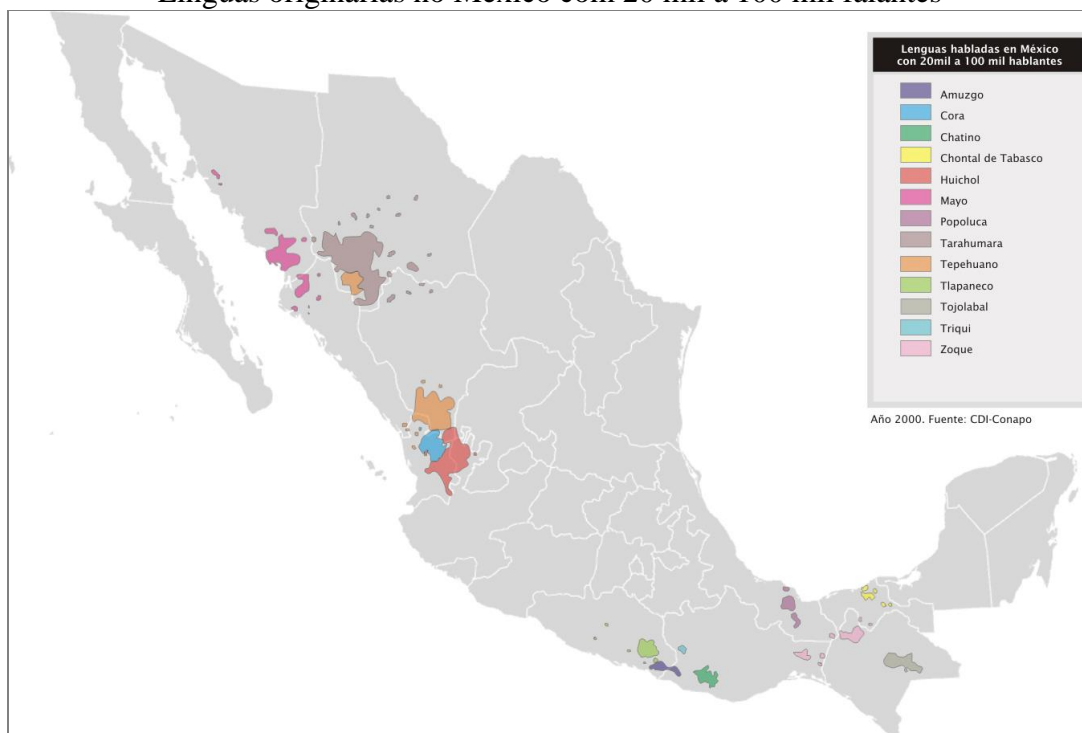
Mapa 4:
As três zonas da Região Ayuujk

Fonte: CEA-UIIA, 2006

Mapa 5:
Distribuição da família linguística Mixe-Zoque

Fonte: wikipedia.org/wiki/File:Mixezoquemap

Mapa 6:
As variantes da Língua Ayuujk

Fonte: CEA-UIIA, 2006

Mapa 7:
Línguas originárias no México com mais de 100 mil falantes

Lenguas habladas en México
con más de 100 mil hablantes
Chinanteco
Chol
Huasteco
Maya yucateco
Mazahua
Mazateco
Mixe
Mixteco
Náhuatl
Otomí
Purépecha
Totonaco
Tzeltal
Tzotzil
Zapoteco
Año 2000. Fuente: CDI-Conapo

Fonte: wikipedia.org/wiki/Lenguas_de_Mexico

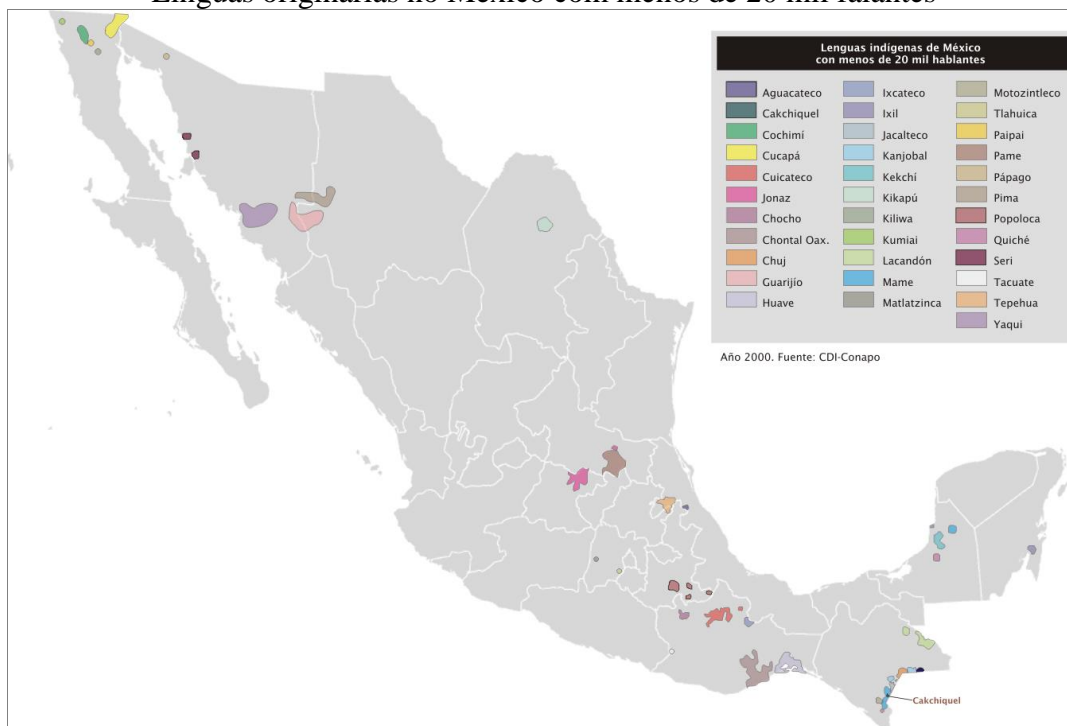
Mapa 8:
Línguas originárias no México com 20 mil a 100 mil falantes

Fonte: wikipedia.org/wiki/Lenguas_de_Mexico

Mapa 9:
Línguas originárias no México com menos de 20 mil falantes

Lenguas indígenas de México
con menos de 20 mil hablantes

Aguacateco
Cakchiquel
Cochimí
Cucapá
Cuicateco
Jonaz
Chocho
Chontal Oax.
Chuj
Guarijío
Huave
Ixcateco
Ixil
Jacalteco
Kanjobal
Kekchí
Kikapú
Kiliwa
Kumiai
Lacandón
Mame
Matlatzinca
Motozintleco
Tlahuica
Paipai
Pame
Pápago
Pima
Popoloca
Quiché
Seri
Tacuate
Tepehua
Yaqui

Año 2000. Fuente: CDI-Conapo

Cakchiquel

Fonte: wikipedia.org/wiki/Lenguas_de_Mexico

Mapa 10:
O território de Tlahuitoltepec

Fonte: INEGI, 2008. *Prontuario de información geográfica municipal de los Estados Unidos Mexicanos*

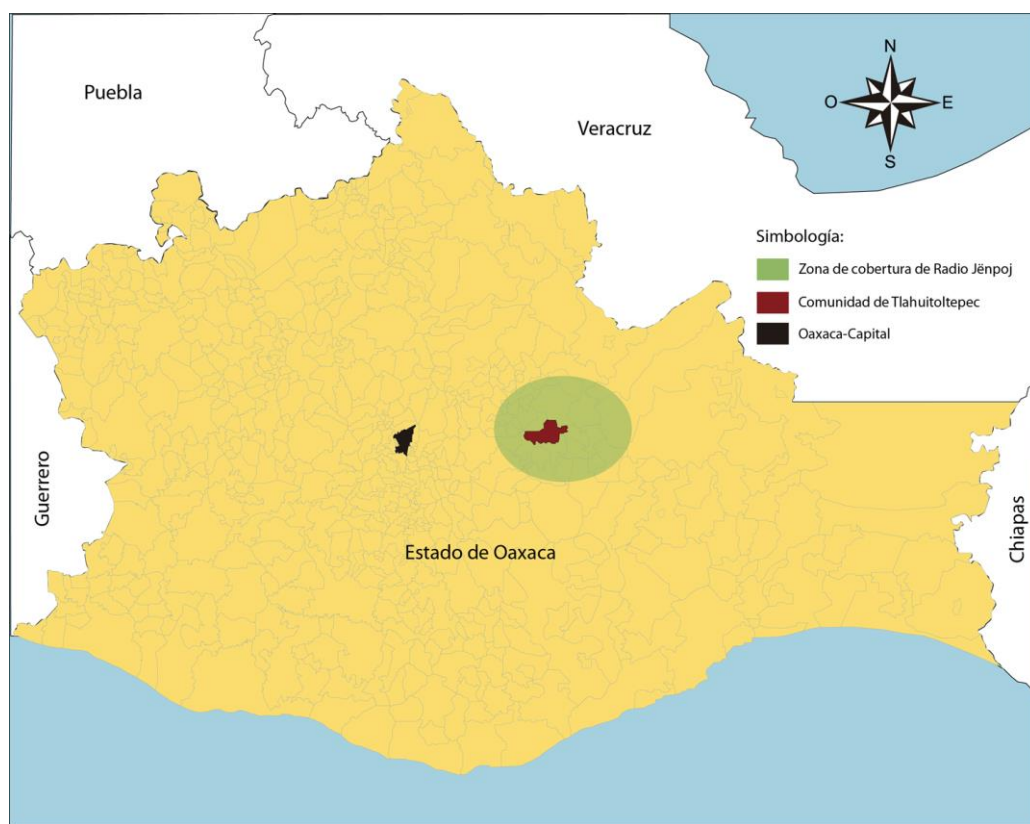
Mapa 11:
Cobertura da Radio Comunitária Jënpoj

Fonte: Elaboração própria

Foto 1:
Serra Ayuujk

Foto 2:
Serra Ayuujk (vista em direção aos *valles centrales*)

Foto 3:
Serra Ayuujk (vista em direção à *Sierra Juárez*)

Foto 4:
Serra Ayuujk (vista em direção ao *Golfo de México*)

Foto 5:
Serra Ayuujk (vista em direção à zona media da Região Ayuujk)

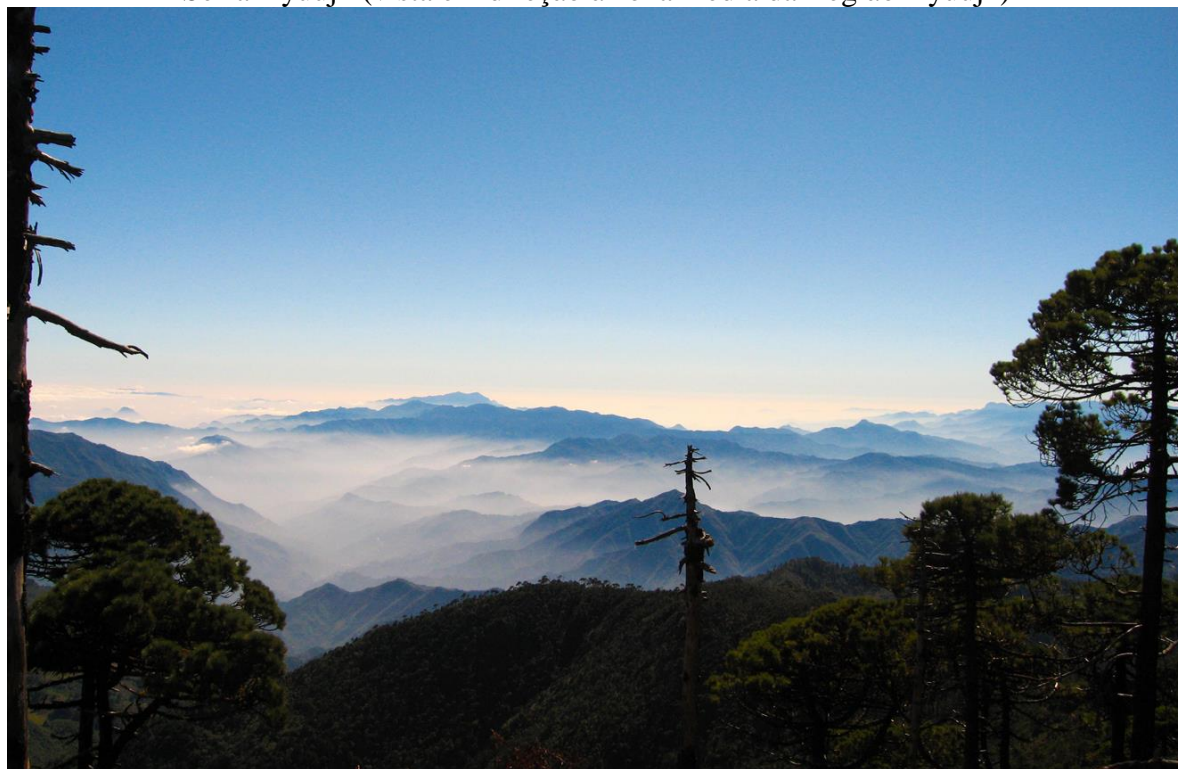



Foto 6:
Vista do *II'pyxyukpët* (Cempoaltépetl)

Foto 7:
Vista do *täxujts kojpk* (Morro da *Mujer Dormida*)

Foto8:
Vista do *kuppoop'äm* (Morro Branco)

Foto 9:
Vista do *tsa'ajxkojpk* (Morro *Coscomate*)

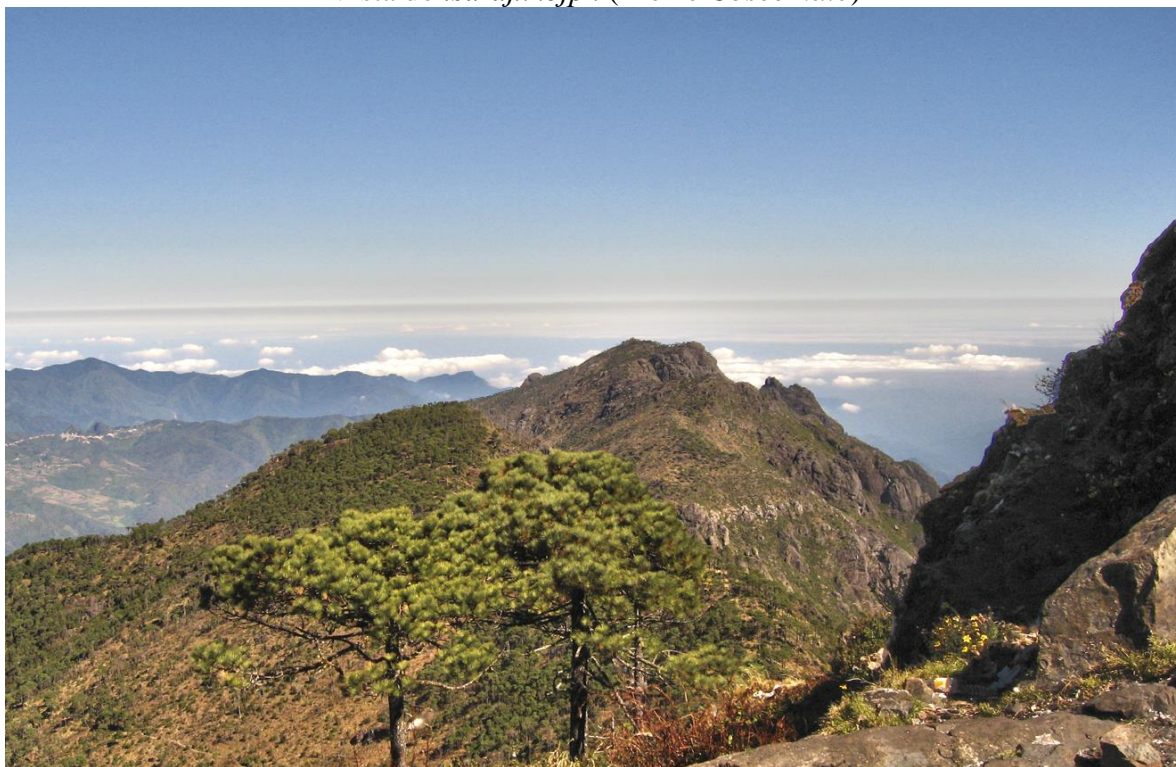



Foto 10:
Xaamxëjxpët: Vista panorâmica de *Tlahuitoltepec*

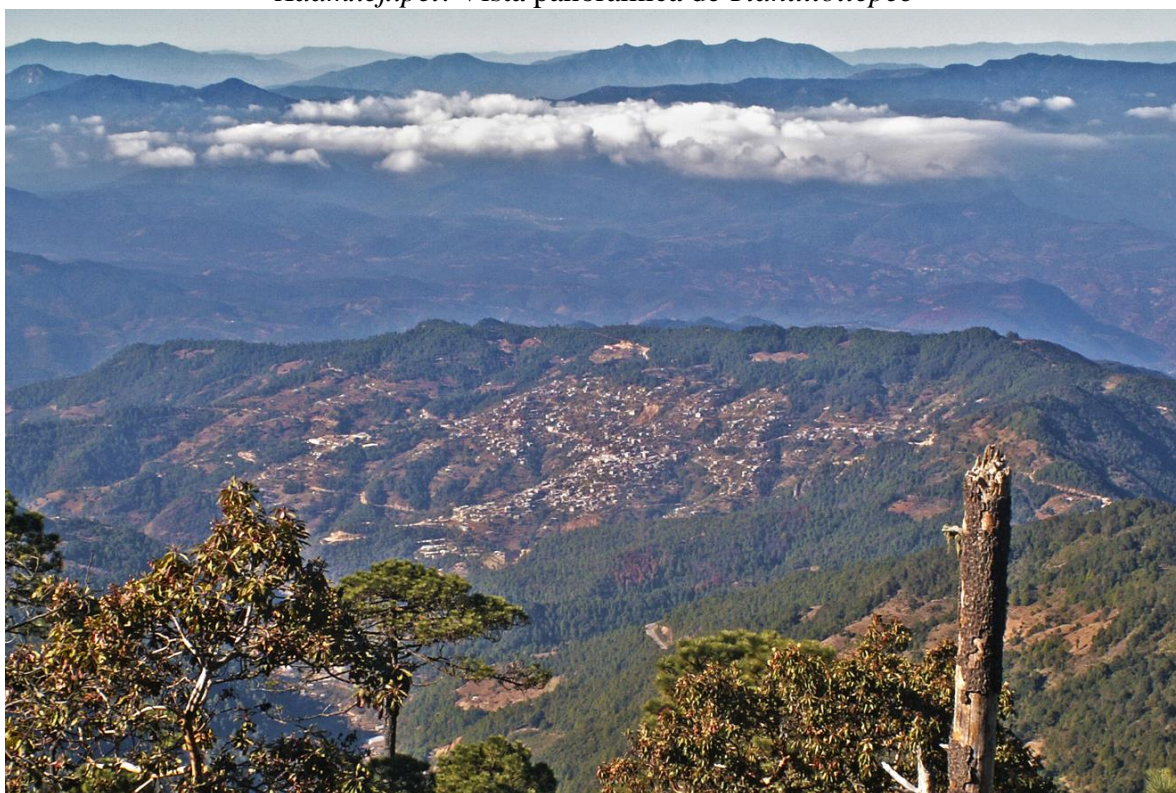



Foto 11:
Músicos de “*chirimia*”

Foto 12:
Músicos de “banda de vento” durante um ensaio

Tabela 1
Distribuição de estações de radio por estados.

Entidad Federativa	Radios Permisionadas				Radios Concesionadas						Total concesionada y permisionada					
	A.M	F.M	O.C	**Total**	A.M	C.A	F.M	E.C	O.C	**Total**	A.M	C.A	F.M	E.C	O.C	**Total**
Aguascalientes	1	4	0	**5**	11	1	13	0	0	**25**	12	1	17	0	0	**30**
Baja California	2	5	0	**7**	32	1	36	0	0	**69**	34	1	41	0	0	**76**
Baja California Sur	2	6	0	**8**	12	0	22	0	0	**34**	14	0	28	0	0	**42**
Campeche	5	1	0	**6**	9	3	8	0	0	**20**	14	3	9	0	0	**26**
Chiapas	9	9	0	**18**	26	1	31	0	1	**59**	35	1	40	0	1	**77**
Chihuahua	2	2	0	**4**	52	2	60	0	0	**114**	54	2	62	0	0	**118**
Coahuila	2	23	0	**25**	37	3	61	0	0	**101**	39	3	84	0	0	**126**
Colima	0	2	0	**2**	10	2	13	0	0	**25**	10	2	15	0	0	**27**
Distrito Federal	3	11	2	**16**	25	0	22	0	1	**48**	28	0	33	0	3	**64**
Durango	2	5	0	**7**	18	3	14	0	0	**35**	20	3	19	0	0	**42**
Guanajuato	2	4	0	**6**	36	7	37	0	0	**80**	38	7	41	0	0	**86**
Guerrero	7	2	0	**9**	24	7	28	0	0	**59**	31	7	30	0	0	**68**
Hidalgo	7	7	0	**14**	6	2	7	0	0	**15**	13	2	14	0	0	**29**
Jalisco	2	17	0	**19**	44	4	40	0	0	**88**	46	4	57	0	0	**107**
México	6	9	0	**15**	13	0	11	0	0	**24**	19	0	20	0	0	**39**
Michoacán	4	20	0	**24**	36	7	25	0	0	**68**	40	7	45	0	0	**92**
Morelos	1	7	0	**8**	3	0	17	0	0	**20**	4	0	24	0	0	**28**
Nayarit	3	1	0	**4**	16	1	18	0	0	**35**	19	1	19	0	0	**39**
Nuevo León	1	17	0	**18**	28	0	27	0	0	**55**	29	0	44	0	0	**73**
Oaxaca	12	34	0	**46**	22	3	24	0	0	**49**	34	3	58	0	0	**95**
Puebla	1	12	0	**13**	21	0	26	0	0	**47**	22	0	38	0	0	**60**
Querétaro	2	2	0	**4**	9	1	15	0	0	**25**	11	1	17	0	0	**29**
Quintana Roo	4	8	0	**12**	9	6	4	7	0	**26**	13	6	12	7	0	**38**
San Luis Potosí	2	2	1	**5**	19	1	25	0	0	**45**	21	1	27	0	1	**50**
Sinaloa	2	5	0	**7**	35	5	40	0	0	**80**	37	5	45	0	0	**87**
Sonora	2	35	0	**37**	51	5	57	1	0	**114**	53	5	92	1	0	**151**
Tabasco	2	6	0	**8**	16	1	22	0	0	**39**	18	1	28	0	0	**47**
Tamaulipas	3	16	0	**19**	42	3	44	0	0	**89**	45	3	60	0	0	**108**
Tlaxcala	0	2	0	**2**	2	0	2	0	0	**4**	2	0	4	0	0	**6**
Veracruz	3	9	1	**13**	67	11	77	0	0	**155**	70	11	86	0	1	**168**
Yucatán	2	10	0	**12**	15	3	17	0	1	**36**	17	3	27	0	1	**48**
Zacatecas	0	2	0	**2**	13	0	15	2	0	**30**	13	0	17	2	0	**32**

Fonte: *Comisión Federal de Telecomunicaciones*, Fevereiro 2012

NOTAS
AM: Estação de radio com modulação em amplitude
OC: Estação de radio que utiliza uma frequência precisamente na banda reservada para este serviço
EC: Equipe complementária em FM
FM: Estação de radio com modulação em frequência
CA: Estação de radio que utiliza uma frequência adicional em FM

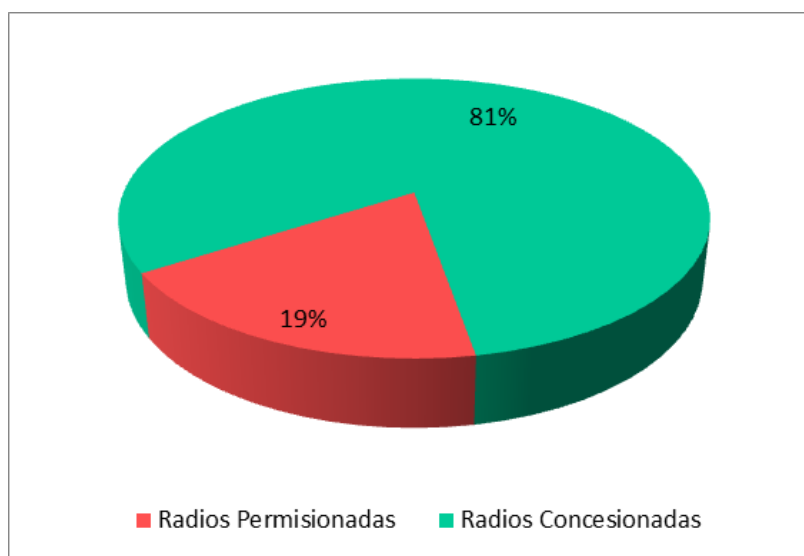
Gráfico 1
Distribuição de rádios *permisionadas* e *concessionadas*

Fonte: *Comisión Federal de Telecomunicaciones*, Fevereiro 2012

Gráfico 2:
Distribuição de rádios comunitárias, indigenistas, públicas e comerciais.

Fonte: *Comisión Federal de Telecomunicaciones*, Fevereiro 2012